

João de Sousa Pinto de Magalhães.

RB169,441



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

P. 1781
2 vol



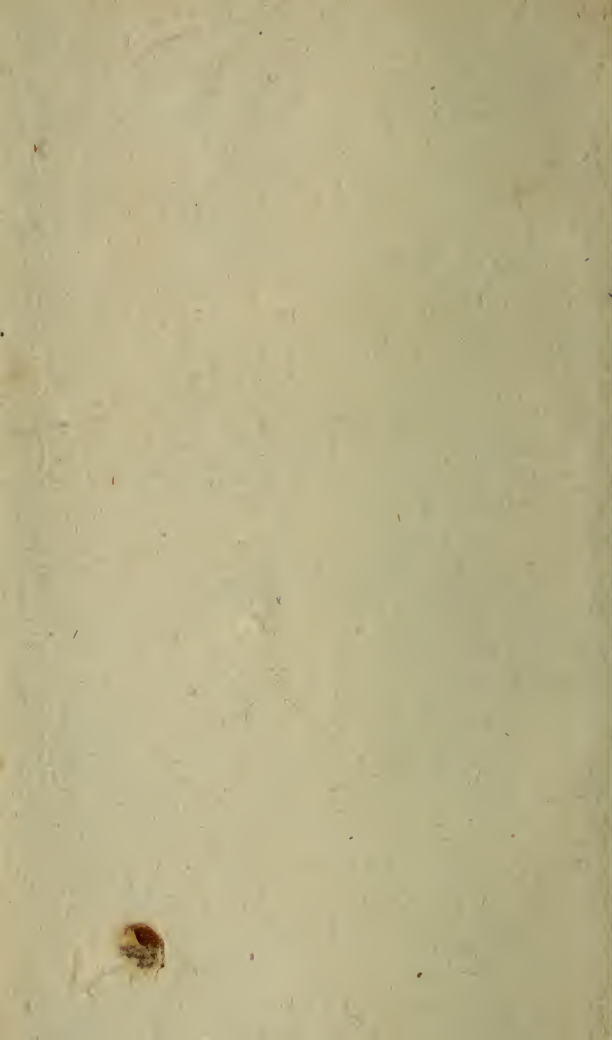


OPUS

AD MUSEUM

FRANCISCO DE SA-

CRAMENTO



OBRAS

DO DOCTOR

FRANCISCO DE SÁ

DE MIRANDA,

OBRAS
DO DOCTOR
FRANCISCO DE SÁ
DE MIRANDA.

NOVA EDIÇÃO CORRECTA, EMENDADA,
E augmentada com as suas Comedias.

TOMO I.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1784:

Com Licença da Real Meza Censoria.

ORRIS

THE

FRANCISCO DE LA

FRANCISCO DE LA

FRANCISCO DE LA

FRANCISCO DE LA

FRANCISCO DE LA



FRANCISCO DE LA

FRANCISCO DE LA

FRANCISCO DE LA

FRANCISCO DE LA

PROLOGO

DO EDITOR.

TENDO nós dado princípio a huma Collecção completa do *Parnassio Lusitano*; isto he , dos *Poetas Portuguezes* mais affamados não só entre nós , mas muito principalmente entre a Nação Inglesa , e as outras , que tanto apreciaõ as nossas boas Poefias ; o que fizemos dando á luz pública reimpressõ o *Naufragio de Sepulveda* ; o qual pela elegancia dos caracteres , e typos , em que se acha impresso , nos tem grangeado a estima , e approvaçãõ dos Sabios pelo zelo , com que nos esmerámos em vingar do esquecimento , & profundo silencio de tantos seculos aquellas polidas , e doutas composições , em que reluzem as bellezas , a harmonia , e os risos das Musas sábias , e louças ; por isso proseguindo nós a nossa empreza a pezar de tantas despezas , que ella demanda , fazemos seguir ao dito *Naufragio de Sepulveda* as Obras do grande Seneca

Por-

Portuguez *Francisco de Sá de Miranda* , cujas Poefias eſtaõ hoje em dia quaſi deſconhecidas. E naõ he iſto fazer á Litteratura Portugueza hum bom , e grande ſerviço , reſtituindo-lhe o que de todo já hia perdendo ? Naõ he iſto querer conſervar os mais antigos , e importantes Monumentos , que nem o arrebatado gyro dos velozes , e ligeiros annos ; que nem as mudanças dos tempos ; que nem as viciffitudes dos Eſtados ; nem as guerras ; nem os varios ſyſtemas ; nem o depravado goſto , que com eſcandalo ſe introduzio na sólida erudição ; que nem a incuria , nem a molleza , e inercia dos homens até agora tem podido inteiramente ſobmergir no cáhos ? Naõ he iſto fazer ceſſar a eſcarſez dos famoſiſſimos Eſcritos , que a avareza , e o odio eſcondia , privando a Nação do luſtre , e eſplendor , que lhes reſultava da ſua continúa lição ; da ſua aturada , e naõ interrompida verſação ?

Surjaõ pois do eſquecimento os fau-
doſos Eſcritos dos ſabios Portuguezes ;
re-

renasção do intrincado , e confuso cá-
hos , em que até agora jaziaõ ador-
mecidos , ennobreça-se a Nação com es-
tas doudas producções , em que se con-
taõ as virtudes dos seus Maiores ; em
que se engrandecem as façanhas dos
seus herões ; em que se descrevem os
gloriosos feitos , as brilhantes acções ;
os estupendos retratos de seus Augus-
tos , e Amaveis Principes ; e veja a
Europa no Seculo , em que se consi-
dera illuminada , quantos são os the-
souros de sabedoria , e de doutrina,
que ha mais de duzentos annos tem
illustrado , e enriquecido a Monarquia
Portugueza. Appareção effes bellos ge-
nios , a quem as Musas embaláraõ ain-
da no berço ; leaõ-se as Obras dos
Mestres da Lingua ; decórem-se os elo-
quentissimos , e abalizadissimos Orado-
res ; escutem-se os verdadeiros , e sin-
ceros Historiadores ; consultem-se os
nossos Jurisconsultos , os nossos pro-
fundissimos Theologos , e os Sabios
em todas as demais Faculdades ; e co-
nhecer-se-ha que não são tão estreitos ,
nem tão acanhados os limites da bella
eru-

erudição Portugueza. Mas justo he que se confesse não faltar o bom desejo em os Litteratos para os lerem , e consultarem ; mas estes vem-se impossibilitados pela raridade dos escritos , que vivem afferrolhados nos avarentos , e medonhos carcereiros de huma cega , infame , e indesculpavel ambição. E qual he o homem de juizo saõ , e puro , que não conheça a utilidade , que redundanda a qualquer Nação da noticia dos seus Escritores ; por quanto nelles se bebem doutrinas sólidas ; fartaõ-se os Litteratos de antiguidades ; estes aprendem os costumes dos passados tempos ; estudaõ expressões ; enchem-se de conceitos sublimes , e delicados ; aproveitaõ-se da frase verdadeira ; fazem-se senhores do idiotismo proprio , e particular da nossa linguagem ; e assim se escusa mendigar das outras linguas as locuções , os modos genuinos de falar , em que a nossa tanto abunda ; mostrando-se que pela falta da lição dos Authores Portuguezes , he que temos visto , a pezar dos Sabios , adoptarem-se os usos peregrinos. E he isto necessi-

da-

dade ? Não : porque já naquelles tempos dizia sabiamente o filho do grande Portuguez o famoso Antonio Ferreira na Dedicatoria , que fez das Obras de seu Pai : *Francisco de Sá de Miranda com a singular brandura dos seus versos Lusitanos começou mostrar o descuido dos passados , e que esta lingua (a Portugueza) era capaz de nella se cantarem Damas , Capitães , e Imperadores. Com cujo exemplo seu Pai , que então estava nos estudos , pertendeo com a variedade destes seus manifestar , como a lingua Portugueza assim em copia de palavras , como em gravidade de estilo a nenhuma he inferior. O mesmo Sá de Minanda assim canta.*

*Floreça , falle , cante , ouça-se , e viva
A Portugueza lingua , e já onde for
Senhora vá de si soberba , e altiva.
Se t'aqui esteve baixa , e sem louvor
Culpa he dos que a mal executáraõ ,
Esquecimento nosso , e desamor.*

Mas

Mas estes, e outros dignos Escriitores, que estiveraõ, e ainda estaõ desnaturalizados da sua Patria, que diriaõ vendo que muitos Portuguezes balançaõ, se elles saõ, ou naõ seus? Mas que maior novidade, quando os lem! E que injúria naõ he, e que cegueira taõ obstinada mostrar, ou por melhor dizer ostentar, como ostentaõ alguns pedantes, e sciolos, pouco conhecimento, e ignorancia das produções, e dos talentos da sua mesma terra! Porém já com o andar do tempo se vaõ desabusando, e polindo muitos, deixando a pertinacia, que os aviltava por quererem com tenacidade proseguir em tal cegueira: Vem-se de tropel hirem sahindo do seu cáhos essas incomparaveis Obras, pelas quaes se devem limar os engenhos da Mocidade Portugueza, moldando ao exemplo dellas as suas tarefas litterarias; porque só assim se adiantaráõ nos bellos conhecimentos de erudição, e de sciencia; evitando naõ se lhes accommode o dito, com que alguns exclamaõ, do célebre *Francisco Rodrigues Lobo*; o qual se

se lamentava de que a *lingoa Portuguesa* estava mais remendada do que a capa do mais esfarrapado mendigo.

Estando pois, como affirma já apon-
támos, quasi desconhecidas as Obras
Poeticas do Seneca Portuguez *Francis-
co de Sá de Miranda*; o qual lembra-
do mais de tocar ao coração, do que
ao ouvido, empregou-se na magestade,
e no sublime dos conceitos; na vive-
za das expressões; desprezou a harmo-
nia dos versos, a consonancia, e o or-
nato vão, e pomposo das palavras;
attractiuos, e encantos que só aos prin-
cipiantes, e charlatões agradaõ, de-
leitaõ, e arreбатаõ. Embora o tratem
de escuro, mas estes feraõ os que não
entendem a lingua. Nelle se acha com
desempenho executada a arte, como
nos ensinaõ os preceitos de *Aristote-
les*, e de *Horacio*. Vê-se nos seus ver-
sos tocado magestosamente, sem vai-
dade, e sem inchação o grande, o
sublime. Que decóro se não observa!
Que maximas politicas se não desco-
brem nos seus escritos! Deve ser fa-
miliar a todo o homem letrado este
Es-

Escritor , este insigne Jurista : fim ,
aquelle insigne Jurista do feliz , e dou-
rado Seculo , em que a Universidade de
Coimbra vio plantar , e crescer aquel-
les fazonados fructos da sólida littera-
tura ; daquelle Seculo digo , em que
as Bellas Letras , as Sciencias , as boas
Artes foraõ ao seu maior auge , e per-
feição , não sem inveja da emulação es-
tranha ; naquelles primeiros annos do
glorioso Governo do Famoso , e In-
clito Rei o Senhor D. João III.

Francisco de Sá de Miranda não se-
guia o bando daquelles que assentaõ
que o Jurista nenhuma outra cousa de-
ve saber fenaõ só Leis ; opiniaõ es-
ta , que tem feito embotar os juizos
dos que pensaõ que se lhes torna
o seu entendimento taõ confuso , e
embaraçado , que nem das mesmas Leis
pódem formar idéa segura , e clara , e
fazer huma demonstração verdadeira ;
por ignorarem que todas aquellas artes,
e conhecimentos , que nos dispoem pa-
ra a humanidade , principalmente as Bel-
las-Letras , estaõ taõ estreitas , e aper-
tadamente trayadas , e tecidas entre si,
que

que nunca se poderão desenlaçar sem desfigurar , e arruinar todo o complexo das Sciencias ; e que de cada huma dellas se deue tirar o que for util , e necessario para adelgaçar , e polir o entendimento ; pois de outro modo he impossivel adquirir maiores conhecimentos , e mais luzes de huma verdadeira erudição. Não fallariaõ taõ desentoadamente , nem pensariaõ taõ desacordadamente , se se lembrassẽm do conselho , e reprehensãõ , que faz o nosso *Ferreira* na Carta II. do Liv. II.

*Naõ fazem damno às Musas os Doutores
Antes ajuda às suas letras daõ :
E com ellas merecem mais favores ,
Que em tudo cabem , para tudo saõ.*

Como pois a Impressão ou Arte Typografica he a unica , que fazendo uniuersaes estes conhecimentos dos antigos Escritores , pela facilidade com que os reproduz , e communica aos Sabios ; por quanto quem poder , ou desejar con-

concorrer para a felicidade , e esplendor , e augmento da sua Nação , não deve perder de mira toda a occasião de lhe offerecer , e publicar cousas uteis , e proveitosas ; por isso continuando a estampar nos meus typos a Collecção do meu *Parnasso Portuguez* , offereço agora aos Senhores Portuguezes a nova reimpressão d'elle Poeta , que tanto merecimento grangeou , e ainda hoje grangea entre os Doutos ; e para gloria Nacional basta ser Portuguez , e por esta causa deve andar nas mãos de todos. Quem não tiver ainda conhecimento de *Francisco de Sá de Miranda* , saberá quaõ util he a sua lição , e de quanta necessidade a sua reimpressão. Nella intentei ajuntar todas as Obras do Author , as suas Comedias , que eraõ ainda mais raras , que as suas Poemas , e juntamente a sua Vida ; para maior instrucção de taõ insigne Escriitor ; para que o tempo , que tudo consome , senão vanglorie de ter acabado a memoria , e os Escritos dos Sabios , sabendo-se que a impressão , e divulgação das Composições eruditas , e

lit-

litterarias he mais permanente que o mesmo bronze , e que o mesmo marmore ; como aos afinados acordes de sua lyra divinamente cantava de si * *Horacio* ; dizendo :

Exegi monumentum aere perennius ,

Regalique situ pyramidum altius :

Quod nec imber edax, aut Aquilo impotens

Possit diruere , aut innumerabilis

Annorum series , & fuga temporum.

Non omnis moriar.....

* L. IH. Od. XXX.

VIDA
DO DOCTOR
FRANCISCO DE SÁ
DE MIRANDA,

*Collegida de pessoas fidedignas que o conhecerão ,
& tratarão , & dos liuros das gerações
deste Reyno.*

NASCEO Francisco de Sá de Miranda na Cidade de Coymbra no Anno do Senhor de 1495. o mesmo dia em que el Rey Dom Manoel tomou posse do governo destes Reynos , foy filho de Gonçalo Mendes de Sá , & neto de Ioaõ Gonçalues de Miranda , que viueo junto a Buarcos , & de Dona Phelippa de Sá , sua molher , que era filha de Rodrigueanes de Sá , & neta de Ioaõ Rodrigues de Sá o primeiro que chamaraõ das Galés affas conhecido em tempo del Rey Dom Ioaõ de boa memoria. Despois das primeiras letras de humanidade (em que foy insigne) estudou Leys mais em obsequio ao gosto del Rey Dom Ioaõ o Terceiro , que de nouo plantára entaõ

a Vniuersidade na sua terra , que por inclinação que tiueſſe áquella maneira de vida , & com tudo obedecendo a ſeu pay que lha eſcolhera , continuou nella com felices progrefſos , & ſahio grande letrado , tomou o gráo de Doutor , & leuou varias cadeiras daquella faculdade em ſua propria patria , porem conhecendo os perigos que o uſo deſta ſciencia tras conſigo em materia de julgar , tanto que lhe faltou ſeu pay não só deixou de todo as eſcollas , mas engeitou os lugares do Deſembargo , que por muitas vezes lhe foraõ offerecidos ficando só conſumandose no eſtudo da Philoſophia Moral , & Eſtoyca a que ſua natureza o inclinaua.

E leuando-lhe ella o pensamento ao deſprezo de todas as couſas de cá quis peregrinar pollo mundo , porque no repouſo a que determinaua recolherſe , o não inquietaffem as nouas do que não vira , & aſſi ſe foy a Italia viſitando primeiro os mais celebres lugares de Eſpanha , & tendo viſto com vagar , & curioſidade Roma , Veneza , Napoles , Milaõ , Florença , & o melhor de Cicilia ,
tor-

tornouse ao Reyno , & deteu-se algum tempo na corte del Rey Dom Ioaõ o Terceiro , que já auia muito que reynaua , & alli co as calidades de sua pessoa , & boas partes que nelle concorriaõ , sem outra algũa ajuda das que costumaõ levantar ainda os indignos , se fez tamanho lugar , que foy sem controuerfia , sennaõ o mayor hum dos mais estimados cortesãos de seu tempo , concorrendo c'os milhores que este Reyno teue por ventura , & isto naõ só dos companheiros , mas del Rey , & dos Principes , & o que he mais dos vellidos com quem ordinariamente nam adiantaõ os amigos de antes quebrar , que torcer (como elle diz) tomando em desprezo proprio a estimaçaõ alheia , & sentindo como injurias particulares a detestação que os judiciosos , & discursivos fazem dos vicios em géral.

Mas naõ foy isto sempre , o bom acolhimento digo, que achou no mayor poder , porque ainda que o nosso Poeta podera ser em seu modo mayor que a enueja. Como Quinto Curcio diz que o foy Alexandre no seu , naõ quis ella per-

doar-lhe , concitando em seu damno
hũa pessoa muito poderosa daquella era
em desprazer de quem se interpretava
mal polla mesma euueja hum lugar da
sua Egloga de Aleyxo , o que sentindo
elle , nem querendo declarar-se melhor ,
nem esperar á vista os effeitos da ira
declarada , tendolhe el Rey dado hũa
Comenda do Mestrado de Christo , que
chamaõ as duas Igrejas no Arcebispado
de Braga , junto á Ponte de Lima , re-
colheo-se a hũa quinta que tambem ti-
nha ahi perto chamada a Tapada , dei-
xando o mimo da Corte , a conuersa-
ção dos amigos , a esperança de mayo-
res mercês assegurada no fauor do Prin-
cipe Dom Ioão , que em muito tenra
idade , começaua a fazer-lhe grande , e
do Cardeal Dom Henrique , que com
mostras de particular afeição assistia a
suas cousas , e estando alli logrando quie-
tamente o fruto de seus estudos , &
peregrinações , casou com Dona Brio-
lanja d'Azeuedo filha de Francisco Ma-
chado , senhor da Louzaã de Crasto d'Are-
ga , & das terras de entre Homem , &
cáuado , & de Dona Ioana d'Azeuedo ,
sua

sua mulher , com a qual viueo annos em grande conformidade sendo ella tão pouco fermosa exteriormente , & de tanta idade que quando a pedio a seus irmãos Manoel Machado , e Bernaldim Machado , por ser seu pay já morto , não quiserão elles diffirir-lhe ao casamento , sem que primeiro visse bem a noyua , & sendolhe mostrada pollos irmãos , disse para ella , castigayme , senhora , com esse bordão , porque vim tão tarde , mas parece que como Francisco de Sá viueo em todas as cousas do mundo quasi abstraydo do mesmo mundo , que assi foy tambem nisto , não lhe faltando algum Philosopho a quem imitasse , estimando sobre tudo os dotes d'alma daquella matrona , que foraõ excellentes , conforme a seu estado por testemunho de homens daquella comarca , que ainda oje o dão do cuidado que tinha da honra de Deos , do descanso de seu marido , da criação de seus filhos , da doutrina de seus criados , & do prouimento de sua casa , com que o marido a amaua de maneira , que faltandolhe ella , faltou elle breuemente entre es-

estremos de sentimento senão dignos do animo de hum tão grande Philosopho , deuidos pollo menos á estimação que com seu profundo juizo fez daquella perda.

Teue dous filhos desta mulher de que o primeiro se chamou Gonçalo Mendez de Sá , como seu auô , o qual ainda muy mancebo , mas de tão boa indole, & partes (como o elle pinta na Elegia, que acerca de sua morte respondeo o Doutor Antonio Ferreira) mandou a Africa feruir hũa comenda (a onde quasi todos os moços daquelles tempos hiam cengir a primeira espada) & chegado de poucos dias a Ceyta succedeo a perda de Dom Pedro de Menezes , filho do primeiro Conde de Linhares Dom Antonio , que era Capitaõ do lugar onde Gonçalo Mendez tambem acabou com muitos outros , entre os quais foy Dom Antonio de Noronha , sobrinho do Capitaõ , filho do Conde Dom Francisco, que deu com sua morte occasiaõ áquella lamentaue! Egloga de Luis de Camões de Vinbrano , & Frondelio. Chamouse o outro filho Hieronymo de Sá d'Azeuedo , o qual casou despois da morte de
seu

seu pay com Dona Maria de Menezes, filha de Francisco da Silua de Menezes o Gallego, irmão inteiro de Diogo de Sousa, que foy pay do Conde Ruy Mendes de Vasconcellos, que oje viue, e de Dona Lianor de Mello, sua molher, filha de Dom Alvaro de Mello, Abbade que foy de Refoyos de Lima, dos quais he filho Francisco de Sá de Menezes, que viue de presente, neto do nosso Francisco de Sá, e o foy tambem hũa irmã sua, que casou com Dom Fernando Cores Sotomayor, que viuia em Saluatterra de Galiza o anno de 1593. já viuuo della, & he rezaõ que digamos aqui que quando aquelle fidalgo casou com esta neta de Francisco de Sá, quis que no dote que lhe deraõ entrasse em hum grande preço o Liuro Original de suas Poesias, o qual tem, & estima como ellas merecem, a mayor parte das quais elle compos naquella sua quinta da Tapada em estilo Lirico, & Pastoril, & todas, ou as mais dellas sobre casos particulares que succederaõ na corte em seu tempo, introduzindo pessoas conhecidas daquelles que entã

viuiaõ , de que ainda temos algũas tradições , e vestigios deriuados a nós dos contemporaneos que o venceraõ em dias, & se ouuera algum que fizera hũa anotação disto , por ventura que fora bem agradauel historia , porque naõ ficaramos fó pendentes cada hum de seu juizo na especulaçãõ destas cousas , ainda que o engenho , & arteficio Poetico com que as elle dispos he bastante materia pera occupar , & deleitar a toda a curiosidade , porque de maneira se aproueitou da doutrina , & preceitos de todos os Philosophos , & Poetas que se concorera com elles em hum mesmo tempo , mal se poderaõ determinar os homens quem leraõ as obras de huns, & outros que imitára a quem ; que assi leuantou Francisco de Sa , & sobio em muitos lugares as cousas daquelles que melhor se pode afirmar, que saõ nelle proprias, que imitadas.

Tratou antes de conceitos , & substancia , que de termos vãos , & pomposos , spanto de principiantes , ridiculos , & inuteis aos que melhor entendem , guardando todauia com tamanho rigor as regras da arte , que os que at-

ten-

tentamente o passarem não lhes ficará necessidade de lêr em as Poeticas de Aristoteles, & Horacio, que elle parece, não largaua da mão.

Foy o primeiro que compos versos grandes neste Reyno, bastante desculpa das miudezas que se tachaõ em alguns seus desta medida pera aquelles homens, ao menos que attendendo ao que se diz, não curaõ muito do modo, & tambem o he não pequena pera os muy obseruantes da lingua Castelhana, se no que compos nella acharem que calumniar (em rezaõ de palauras) auer escripto em tempo que os Portugueses senaõ entendiaõ tambem co'ella, como com elles, & as línguas vulgares que não pendem de preceitos coartadamente nunca se sabem bem senaõ c'o vso continuo, & tratto ciuil; & sempre os estrangeiros que as não tiuerem praticado muito fallaraõ, & escreueraõ com grande perigo nellas de máos ascentos, & piores significações, de que poderamos apontar exemplos, senaõ ficaraõ mais em escandalo de alguns, que em utilidade de nosso intento que ha mister menos,

nós, porque na substancia, e madureza de Francisco de Sá são isto accidentes de nenhuma importancia, o qual não sómente foy inculpauel na grauidade das sentenças, na agudeza dos conceitos, na propriedade dos termos, na moralidade das figuras, na imitação dos Poetas, na obseruação das regras, senão inimitauel tambem na pureza com quem fallou em materias amorosas, que he de maneira que até as duas Comedias que fez em prosa, que por rezaõ do estilo Comico são mais licenciosas, o Cardeal Dom Anrique que depois foy Rey destes Reynos, tão pio, tão zelador da Fé, & dos bons costumes, reformador das Religiões, Legado á Latere, Inquisidor Mór, não só lhas mandou pedir pera as fazer (como fez) representar diante de si por pessoas que depois foraõ grauíssimos ministros, a que se achou presente entre outros Dom Jorge de Atayde Bispo de Viseu, meritissimo Abbade d'Alcobaca, do Conselho do Estado, & Capellaõ Mór del-Rey, senão pouco depois de Francisco de Sá morto, porque se ellas não perdes-

deffem as fez imprimir ambas em Coymbra na fórma em que andaõ , & as tinha , & lia muitas vezes.

Foy taõ particular mestre do tratto da nossa Corte, do nosso modo de conuerfar , dos terminos com que entre nós se declaraõ os que melhor sabem declarar-se , que passando ha tantos annos ainda oje os bem lidos nelle se vallem de sua doutrina , como de Apothemas argutissimos em toda a variedade de materias tocantes a estylos de Corte , & costumes politicos , & ainda os Pregadores nos pulpitos.

Morreolhe sua mulher o Anno de 1555. com o que elle começou a morrer logo tambem pera todas as cousas de seu gosto , & antigos exercicios , tanto que viuendo ainda tres annos despois della , naõ se acha que compoesse mais que hum Soneto , que fez á sua morte, que começa. *Aquelle spirito já tambem pagado* , & affirmaõ pessoas que o conheceraõ , que nunca mais sahio de hũa casa , sennaõ pera ouuir os Officios Diuinos , nem apparou a barba , nem cortou as unhas , nem respondeo a carta
que

que lhe algue[m] escrevesse , até que acabou de todo.

Foy homem grosso de corpo , de meã estatura , muito aluo de mãos , & rosto , com pouca c[or] nelle , o cabello preto , & corredio , a barba muito pouoada , & de seu natural crecida , os olhos verdes bem affombrados , mas com alguma demasia grandes , o naris comprido , & com cauallo , graue na pessoa , melancolico na apparencia , mas facil , & humano na couersaç[ã]o , engraçado nella com bom tom de falla , & menos parco em fallar , que em rir , & porque póde seruir pera melhor intelligencia de algũas figuras , termos , & sentenças destes seus papeis o conhecimento de seus particulares exercicios , direy aqui o que pude alcançar delles.

Era inclinado á caça dos Lobos , & exercitava[m] muitas vezes , indo a ella fo-teado todo , & á gineta jugaua o taboleiro , & nenhum outro jogo , donde parece que tirou a metaphora de que v[er]sa nas Eglogas de Baste , & na de Nemoroso , & alguns outros lugares , como (*Si licet sacra miscere profanis*) fez

o Profeta Amos, que do exercicio do campo, em que se criou, tomou os termos com que se escreueo a sua propheta, tangia violas d'arco, & era dado á Musica, de maneira que com não ser muy rico tinha em sua casa mestres della custosos, que ensinuaõ a seu filho Hieronymo de Sá, de quem se diz que foy estremado naquella arte, & conta-ua Diogo Bernardes (a quem seguimos em muita parte disto) que quando o hia a ver viuendo em Ponte de Lima, Patria sua, lhe mandaua tanger o filho em diuersos instrumentos, & o reprimia algũa vez de algum descuido, foy sobrio, & austero consigo, & largo com algum excessso c'os hospedes que indifferentemente agasalhaua com gosto particular, costumando a dizer, que o liurauaõ de si o tempo em que os conuersaua, & com rezaõ, porque se conta delle que estando sem gente de cumprimento (& ainda com ella) se suspendia algũas vezes, & muy de ordinario derramaua lagrimas sem o sentir; porque quando lhe acontecia a vista d'alguem, nem as enxugaua, nem torcia o

ros-

rosto , nem deixaua de continuar no que hia fallando , parece que como outro Heraclito com a magoa do que lhe reuelaua o espirito dos infortunios da sua terra , de que nestes papeis seus se vee quam grandemente se temia.

Soube tanto da lingua Grega , que lia a Homero nella , & acotaua de sua maõ em Grego tambem , & no anno de 1584. tinha este liuro que fora seu , Gonçalo da Fonseca de Castro morador em Lamego fidalgo curioso , & bem instruydo na lingua Latina , ao qual , & a Gomez Machado d'Azeuedo , que ainda oje viue na comarca d'entre Douro , & Minho , & viuia entaõ em Villa Real , sobrinho da molher de Francisco de Sá , filho de Bernaldim Machado , seu irmaõ , & aos Doctores Hieronymo Pereyra de Sá , & Anrique de Sousa Deseimbargadores que foraõ do Paço , pouco ha passados estreitos parentes seus , e ao senhor Dom Manoel de Portugal digno por seu admirauel espirito deste , & d'outros mayores titulos , com os mais que nomeamos seguimos nesta Relação.

E sobre tudo o que mais foybe Francisco de Sá foy ser pio , & Catholico Christão , deuotissimo em particular da Virgem nossa Senhora , em cujo louuor compos as duas Canções que nestes papéis se vem em seu nome. Morreo com todos os Sacramentos de idade de 63. Annos no de nosso Saluador de 1558. está enterrado na Igreja de Sam Martinho de Carrazedo , Arcebispado de Braga , com sua mulher , & cunhados na Capella de Sancta Margarida.

E Martim Gonçaluez da Camara varão grauissimo , filho do Capitaõ da Ilha da Madeira do Conselho do Estado del Rey , grande vallido de Dom Sebastiaõ o primeiro , & muy estimado de sua Magestade , que Deos guarde , auendo resistido as dignidades Ecclesiasticas que lhe foraõ offerecidas , & retirandose no fim da idade a viuer priuadamente c'os Padres da Companhia em Sam Roque de Lisboa , não lhe pareceo que encontrava os intentos , com que se alli fora , nem as calidades , & circumstancias que nelle concorriaõ em tratar da honra que se deuia á memoria de taõ grande

de homem, & assi se occupou os vltimos meses de sua vida em lhe mandar lá melhorar a sepultura, & pôr este Epitaphio em lingua Latina, polla qual Obra será sempre tão louuado dos bons espiritos, como he rezaõ que o seja de todos os homens pollo zelo da justiça, & bem publico que mostrou em todos os estados, & fortunas, &c.

E P I T A P H I U M

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA.

RUSTICA, quæ fuerat solis vix cognita siluis,
Aulica Miranda Musa canente fuit.

Maturosque iocos, & ludrica seria ludens,
Diuina humanum miscuit arte Melos.

Cum posset gladio transcendere nomen auorum
Maluit arguti militiam calami.

Post habuit fasces, & inertis laudis honores
Ac docuit plectro promeruisse decus:

Omnia Mirandus Mirandus puluere in ipso est;
Puluere in hoc patriæ gloria scripta manet.



OBRAS

DO DOCTOR

FRANCISCO DE SÁ

DE MIRANDA.

SONETO I.

A PRINCIPE tamanho cujo rogo,
E mais aos seus, inda he mais que mandar,
Que posso eu al fazer senam passar
Polla agoa, pollo ferro, & pollo fogo.
Se me firo, ou me queimo, ou se m'afogo,
Se dou de mi ao mundo em que fallar,
Facilmente se pode desprezar
Tal dano, & inda mal que não foy logo.
Era já tudo, (como encomendado
Á traça, ao pó d'Aldeia, & sua rudeza,) *long*
Entre teas d'Aranha sepultado.
I'agora gram Senhor, tudo despreza
Quem sae á praça por vosso mandado;
Bastalhe o nome só de vossa Alteza.

SONETO 2.

I NDA que em vossa Alteza a menor parte
 (Em quem Deos ajuntou tantas , & tais)
 Séja esta , todavia entre as reais
 Já se ella contou sempre em toda a parte.
 Dar fauor aos engenhos , & a toda arte
 Das boas , faz os Réys aqui immortais
 Por fama , & passando inda auante mais
 Hús fez deosões de todo , outros em parte.
 A guerra leua o mór Scipião consigo
 As Musas brandas de seu natural ,
 Que assi sem armas são d'altas ajudas.
 Ellas nos contam do bom tempo antigo ,
 Cayram as estatuas de metal ,
 Que al se podia esperar de cousas mudas.

SONETO 3.

T ARDEY , & cuido que me julgam mal ,
 Que emmendo muito, e que emmendando dano,
 Ah Senhor , que ei grã medo ao mau engano
 Deste amor que a nós temos desigual.
 Todos a tudo o seu logo acham fal
 Eu risco , & risco , voume d'anno em anno
 Cum dos seus olhos só , vay mais vfano ,
 Phelipe , assi Sertorio , assi Anibal.
 Ando cos meus papeis em differenças
 Sam preceitos de Horacio me diram
 Em al nam posso figoo em appareças.
 Quem inuito peleijou , como irá sam ,
 Tantos ledores , tantas as sentenças
 Cum vento vellas vem , & vellas vam.

SONETO 4.

AQUELLA fê taõ pura , & verdadeira ,
 A vontade tam limpa , & tam sem magoa ,
 Tantas vezes prouada em viua fragoa
 De fogo , & hi apurada , & sempre inteira.
 Aquella perfeiçãõ que achou maneira
 D'encher de fogo o peito , os olhos d'agoa ,
 Por quem ledõ eu passey por tanta magoa ,
 Culpa minha primeira , e derradeira ,
 De que me aproueitou ; nam d'al por certo ,
 Que d'um nome sómente leue , & vam ,
 Custoso ao rostro , & mais custoso á vida.
 Dey que fallar em mi ao longe , & ao perto ,
 Consolarase já alma captiua
 (Pois piedade nam acha) achar perdãõ ?

SONETO 5.

EM pena tam cruel , tal sofrimento
 Em dõr tamanha dõr , que nunca aliua ,
 Chamar a morte sempre , & que inda viua
 Como se fora vida este tormento ;
 E ver no mal (que todo entendimento
 Naturalmente fuge , estranha , & esquiva)
 Iazer tão de vagar alma captiua ,
 A quem nam fará crer que he tudo hũ vento ?
 Bem sey hũs olhos que tem toda a culpa ,
 E sam os meus , que a toda a parte vem ;
 E aquillo que vem sempre , isso os desculpa.
 Ó minhas visoões altas , meu sô bem ,
 Quem vos a vós nam vee , esse vos culpa ,
 E eu sou sô quem vos vee , outrem ninguem.

SONETO 6.

DESARREZOADO amor dentro em meu peito
 Tem guerra co'a rezão, Amor que jaz
 Hi já de muito tempo, manda, & faz
 Tudo o que quer a torto, ou a dereito.
 Nam admitte rezões, tudo he despeito,
 Tudo soberba, & força, faz, desfaz.
 Sem respeito nenhum, & quando em paz
 Cuidais que fois, entam tudo he desfeito.
 D'outra parte a rezaõ tempos espia,
 E espia occasiões, de tarde em tarde,
 Que ajunta o tempo, em fim vem o seu dia.
 Entam nam tem lugar certo em que aguarde,
 Amor, & treyções trata que nam fia,
 Nem dos seus, que farey quando tudo arde

SONETO 7.

AQUELLAS esperanças, que eu mettido
 A tormento, lancey fora por vãs,
 Que fazem ainda aqui co as minhas fã
 Contas, feito em pò já tudo, & bebido?
 Como? & ferà tam cego, & sem sentido
 Amor, que hũas rezões claras tam chãs
 Nam ouça, & que nam veja tantas cãs,
 Tanto tempo baldado, & nam viuido?
 Esta alma tantas vezes enganada
 Nam tornará por si, nam fará conta
 Co a delpefa, co Sol, & co a jornada?
 Quem do mar escapou, quanto mal conta,
 Que perigos sem fim, mas logo brada
 Outra vez aos da nao, na terra afronta:

SONETO 8.

AMOR que não fará? fez-me engeitar
 Tão leuemente a mi, por quem me engeita,
 Castellos de Iperança, & de sospeita
 Faz, & não sey que faz, tudo he no ar.
 Fez-me pedras colher, fez m'as lançar,
 Aperta-se alma triste en si encolheita,
 A força que fara, & a ley estreita,
 Queira, ou não queira, em fim ha de passar.
 Ora tão cego era eu, que da vontade
 Tudo fhey, que tudo a trauez guia,
 Tamanha imiga minha, & da verdade.
 Que al se podia esperar de hũa tal guia,
 Cahi onde ora jaço, ó crueldade,
 Não sey quando he de noite, & quando he dia!

SONETO 9.

NAM sey que em vós mais vejo, não sey que
 Mais ouço, & sinto ao rir voffo, & fallar,
 Não sey que entendo mais té no callar,
 Nem quando vos nam vejo alma que vee.
 Que lhe apparece em qual parte que esté,
 Olhe o Ceo, olhe a terra, ou olhe o mar,
 E triste aquelle voffo sospirar,
 Em que tanto mais vay, que direy que he?
 Em verdade não sey que he isto que anda
 Entre nós, ou se he ár como parece,
 Ou fogo d'outra sorte, & d'outra ley.
 Em que ando, de que viuo; & nunca abranda,
 Por ventura que á vista resplandece,
 Ora o que eu sey tão mal como direy?

SONETO 10.

ALMA, que fica por fazer, desd'oje
 Na vida mais? s'a vaã minha esperança
 Que sempre figo mais, sempre me foge
 Por onde a vista alcança, & não alcança.
 Fortuna que fara? roube, & despoje,
 Prometa d'outra parte em abastança,
 Que já não ha que me alegre, ou que me enoje
 Quantos pezos tiuer lance â balança.
 Chorey dias, & noites, chorey annos,
 E fuy de longe ouuido pollo escuro,
 Gritando acrescentey sempre em meus dânnos.
 Agora que farey? por Amor juro
 De tornar a cantar fora d'enganos,
 E por muito, do mal posto em seguro.

SONETO 11.

OSOL he grande, caem com a calma as aues
 Do tempo, em tal fação que soe ser fria:
 Esta agoa que d'alto cae acordar mehia,
 Do sono não, mas de cuidados graues.
 Ó cousas todas vãs, todas mudaueis,
 Qual he o coração que em vós confia?
 Passando hum dia vay, passa outro dia,
 Incertos todos mais que ao vento as naues.
 Eu vi já por aqui sombras & flores,
 Vi agoas, & vi fontes, vi verdura,
 As aues vi cantar todas d'amores.
 Mudo, & seco he já tudo, & de mistura;
 Tambem fazendome eu fuy d'outras cores,
 E tudo o mais renoua, isto he sem cura.

S O N E T O 12.

QUANDO eu, senhora, em vós os olhos ponho,
 E vejo o que não vi nunca, nem cri,
 Que ouueffe cá, recolhefe alma em si,
 E vai trefualhando como em sonho.
 Isto passado, quando me desponho,
 E me quero afirmar se foy assi,
 Pasinado, & duuidoso do que vi
 Me espanto ás vezes, outras me cnuergonho.
 Que tornando ante vós, senhora tal,
 Quando auia mister tanta outra ajuda:
 De que me valerey, se alma nam val?
 Esperando por ella que me acuda,
 E nam me acode, está cuidando em al,
 Afronta o coração, a lingua he muda.

S O N E T O 13.

QUIEN dará a los mis ojos vna fuente
 De lagrimas, que mane noche, y dia,
 Respirará, si quiera, el alma mia
 Llorando, ora el passado, ora el presente.
 Quien me dará apartado de la gente
 Sospiros, que en la mi luenga porfia
 Hagan, que sienta fuego aquella fria
 Causa, de que naseio tanto accidente?
 Quien me dará palabras con que ygualé,
 Quexandome del mal que Amor me há hecho?
 Pues que tan poco el sufrimiento vale.
 Quien abrirá por medio este mi pecho,
 Ado yaze el secreto que no sale,
 Con tanta cuyta mia, y mi despecho?

SONETO 14.

DEL Tibre embuelto , al nuestro Tajo , vñano
 De sus arenas d'oro , y rica playa ,
 Enchi todo de quexas , venga , o vaya
 Llamando por la muerte forda en vano.
 Fragua , no coraçon , no pecho humano
 Quanta de torre , quanta de atalaya ,
 Alças cada ora , a fin que todo caya
 Por tierra , y metan todo a facomano.
 Que Sesipho quereis mas embebido
 En su trabajo vano , en su porfia ,
 Eislo arribado al monte , eislo boluido.
 Noche tras noche vâ , dia tras dia ,
 No pido Amor piedad , reinedio pido
 Boluerme he a loquear como solia.

SONETO 15.

YO no entiendo bien que , mas esta fuente
 Habla conmigo , y oras se me antoja
 De tantas quexas mias que se enoja ,
 Oras que me consuela , y que las siente.
 Amor que aqui me truxo , no consiente
 Que yo me vaya a otra parte , y que me acoja,
 De los sueños en que ando , juzgue , y escoja
 Si es verguença el tardar tan luengamente.
 Grande fuerça s'a hecho a los mis ojos ,
 Grande al entendimiento andando assi
 De veras ocupado en mis antojos.
 No se lo que me vi , ni que no vi ,
 Quien puso tal sabor a mis enojos
 A pezar , que es peor , soncas de mi.

SONETO 16.

AQUELLA apresurada rueda biua
De sobrefaltos que mudá tan presto,
Tantas vezes cada ora este mi gesto,
Nunca la voluntad tanto á captiua.
Esta llama cruel la pena esquiua
Que no reposa Sol nascido, y puesto,
Señal de como os veo manifesto
Turbada siempre, desdeñosa, y altiua.
Sino me dexan (como digo) el dia
Y no la noche, antes me es tormento
Contino, y crueldad, que culpa mia.
El tiempo passa en vano, ha hecho assiento
En mi alma abrafada, y luego fria
Vn fer, que es menos fer cada momento.

SONETO 17.

ENTRE Sesto y Abido, al mar estrecho
Lidiando con las ondas sin sosiego,
Noche alta el buen Leandro prueua el ruego,
Prueua lagrimas tristes sin prouecho;
Viendo que es todo en vano, pone el pecho
De nuevo al mar yrado, ojos al fuego,
Que en la alta torre luze, ay Amor ciego
Quanta de crueldad has visto, y hecho?
Nadaua mientras pudo hazia la playa
De Sesto deseado, y dulce puerto,
Porque si quiera allá, muriendo caya.
En fin ondas venceis (dixo) cubierto.
Yá dellas, mas no hareis que allá no vaya,
Biuo no quereis vós, mas iré muerto.

SONETO 18.

LLEUADA en sacrificio Policena

Al sepulchro de Achiles, yá que vido
De Pyrrho el cruel braço en alto erguido
Por la herir, boluio toda serena.

Y dixo, a quanto mal, y a quanta pena
Pondras fin luego, ô golpe bien venido,
Dexando el cuerpo muerto aqui tendido
En desierta, pero vezina arena.

Y luego la real cara animosa
Boluiendo a todos, mas clara que el dia,
Aun de su cuerpo muerto recelosa.

Trocame a rucgos de la madre mia
(Les dixo) con sus hijos desdichosa,
Que a oro os los comprô, quando podia.

SONETO 19.

Ah que dirê, que es esto, que ansi engaña
Tan dulcemente, en lo que tanto duele,
Tan en contrario a todo lo que fuele
D'acontecer en quanto offende, y daña.

Vemos (y es cosa clara) que se ensaña
Quanto se mueue en tierra, o en ayre buele,
Vna vez engañado, y que se vele
A un puesto en seguro d'arte, y manha.

Ora este coraçon mio offendido
Tantas vezes llegado a la su muerte,
Como lo pone ansi todo en oluido?

Quanto al hado se dio, quanto a la fuerte?
Quan poco a la razon, poco al sentido?
Por verte foy yo tal, y bueluo a verte?

SONETO 20.

AMOR tirando vá por cielo , y tierra
Mil flechas de oro , mil de plomo elado ,
Há muerto , hà mal herido , hà mal llagado
A muchos , y dize el , de buena guerra.
Ojos yá no tenia , oydos cierra ,
Las manos malas solo le han quedado ,
Cruel flechero , al mal tan auefado ,
Que a caso tira , y nunca el golpe yerra.
(Dizele la su madre) de las quejas
Quantas oygo de ti (burlando vn dia)
Mal burlador , no quieres que algo crea ?
Besòla el en los ojos , y madexas
De oro , y respondiòle , ò madre mia ,
Como quereis si soy ciego que vea.

SONETO 21.

Ado se boluerâ , que no se espante
De nuevo esta alma mia lastimada ,
A la presente cuyta , ó a la passada
Que esperança me haze ir tan adelante ?
Que aprouecha que llore , y que , que cante ,
Que grite noche , y dia , en fin que es ? nada,
Porfiar , y seguir la via errada ,
Antes es vanidad , que ser constante.
No fuera mucho descuidarme vn poco ,
Mas ir perdiendo el dia pieça a pieça
Quando yá sobreuiene noche escura ?
Que cosa puede ser , sino es ser loco ?
Ah de quien confiaré la mi cabeça ,
Que me aya de curar tanta locura !

SONETO 22.

QUE es esto Philis, que estás tan turbada,
 Tan sola, demudada, y sin color,
 Cabe esta fuente, tanto Ruyseñor,
 Y tanta otra auezilla enamorada?
 Si lo que ves, y que oyes no te agrada,
 Que te puede agradar, ni dar sabor,
 Vez tanta diferencia, y tanta flor
 De que la tierra está como esfinaltada?
O Nise, Nise leda, y desseosa
 De cagar vine aqui a esta ribera
 Todo me hizo olvidar la fuente hermosa,
 No soy la Philis yá, que d'antes era,
 Salteome aqui vn cuydado, ah falsa cosa,
 Quan presto esta mi vida se perdiera.

SONETO 23.

CABE vna fuente en boz alta, y sin tino,
 Se quexa el buen Salicio atormentado,
 De vn mas que vano amor, zagal cuytado,
 Ved de su mal a que remedio vino?
 Amor que nunca vá por su camino
 A caso ende passava a buelo alçado,
 Oyò el llanto que despedaçado
 El monte repetia alli vezino.

S Quien dio principio a mis cordojos? *A.* Ojos
S Cierta crueles, y a mi destierro? *A.* Ierro.
S Deseos a que fin lleúanos? *A.* Vanos.
S A lagrimas, y enojos? *A.* Mas enojos.
S Pues que remedio a tanto de hierro? *A.* Hierro.
S Que muera así a mis manos? *A.* Ya mis manos.

SONETO 24.

A Diogo Bernardes.

NESTE começo d'Anno , em tam bom dia ,
 Tam claro , porque nam faleça nada ,
 Me foy da nossa parte apresentada
 Vossa composição , boa a porfia.

De que espanto me encheo quanto alli via ?

E mais em parte cá tam desuiada
 Sempre atêgora da direita estrada
 De Clio , de Caliope , & Thalia.

O que enueja vos ey a esse correr
 Polla praya do Lima abayxo , & arriba
 Que tem tanta virtude de esquecer.

O que estes tristes corações aliua
 Do pezar igualmente , & do prazer
 Passado , que nam quer que inda homem viua.

SONETO 25.

A Francisco de Sá de Meneses.

A VOSSA verdadeira penitente ,
 Quão bem que lhe guardais pontos deuidos ,
 Do Sepulchro os Apostolos partidos ,
 Ella nam parte , vede o que alli sente.

E assi mereceo ver primeiramente

A Deos , que fosse em habitos fingidos ,
 Tudo amor vence , altissimos sentidos
 A quem tal ortelão se fez presente.

Gregorio a põe por hũa , outros Doutores
 Fazemna tres , apos Gregorio vam

Despois os mais , com todos os pintores.

Aquelles direy eu senhor que sam ,

Aquelles outra vez que sam amores

Tantos sospiros , & hum só nunca em vam.

SONETO 26.

A morte de sua mulher.

AQUELLE espirito já tambem pagado
 Como elle inerecia , claro , & puro ,
 Deixou de boa vontade o valle escuro
 De tudo o que cá vio como anojado.
 Aquelle sprito que do mar irado
 Desta vida mortal posto em seguro ,
 Da gloria que lá tem de herdade , & juro ,
 Cá nos deixou o caminho abalifado.
 Alma aqui vinda nesta nossa idade
 De ferro , que tornaste a antiga d'ouro
 Em quanto cá regeste a humanidade.
 Em chegando ajuntaste tal thesouro ,
 Que para sempre dura , ah vaydade ,
 Ricas areas deste Tejo , & Douro.

SONETO 27.

ESTE retrato vossô he sô final
 Ao longe , do que fois , por desemparo
 Destes olhos de cá , porque hum tam claro
 Luine não pode ver vista mortal.
 Quem tirou nunca o Sol por natural ,
 Nem yio (se nuuens não fazem reparo)
 Em noite escura , ao longe aceso hũ faro ,
 Agora se não vee , ora vee mal.
 Para hũs tais olhos , que ninguem spera
 De face a face , gram remedio fora
 Acertar o pintor veruos dormindo.
 Mas inda assi não sey que elle fizera ,
 Que a graça em vós não dorme em nenhuã hora
 Fallando que fará , que fará rindo ?

SONETO 28.

De Pedro d' Andrade de Caminha.

NAM oufaram te'gora apparecer
 Estes versos de si desconfiados ,
 Porque de mal compostos , & ordenados
 Affas tem , porque deuan de temer.
 Vam vos pedir , senhor , que os queiraes ver ,
 E riscar , & emmendar porque emmendados ,
 Por vós possam andar mais confiados
 Do que por meus puderam merecer.
 Vay hi Androgeo triste , vay Serrano ,
 Queixase este presente , aquelle ausente
 No Mondego por vós já celebrado.
 Queixamse Nymphas d'elle , ahi do dano ,
 Que por Syluia se vê nelle , & se sente
 Triste , della , & de vós desemparedado.

SONETO 29.

Resposta do Author.

ASSI que me mandaueis attreuer
 A versos já das Musas affellados ?
 E áquella grande Syluia consagrados
 Hycaro me põe medo , & Lucifer.
 Os meus se nunca acabo de os lamber ,
 Como vssa aos filhos mal proporcionados
 (Ah passatemplos vãos , ah vãos cuidados)
 A quem posso porém nisso offender ?
 Tudo cabe no tempo , entregue ao dano
 Depois á perda ; digame esta gente
 Qual anda o furioso assi emmendado.
 Deixo as cousas sagradas , que hum profano
 Leygo , como eu em tocallas tão sòmente ,
 Nam he de siso saõ , mas aballado.

S O N E T O 30.

De Dom Manoel de Portugal.

SOEM as vezes ser mais estimadas
 As palidas espigas puramente
 Offerecidas , que o ouro refulgente
 Descuberto por veas soterradas.

Por isso ante vós vam tam confiadas
 Rarissimo Francisco , & excellente
 A rudeza do estillo differente ,
 E as incultas estanças desornadas.

O que brotou de si a natureza
 D'arte , nem d'arteficio ajudada ,
 Colhido sem fazam , senhor , offreço.

A vontade de vós seja estimada
 Porque em tam baixo tempo em que pureza ,
 E em que obras nam ha , deue ter preço.

S O N E T O 31.

Resposta do Author.

TANTAS mercês tam desacostumadas
 Como as posso eu servir deuidamente?
 Farey como ja fez hum innocente ,
 Hum rustico pastor d'entre as manadas.

Que d'agoa offereceo por mãos lauadas
 A Xerxes , bebeo elle , & sanctamente
 Jurou que nam bebera tè o presente
 Com tal sabor por copas d'ouro obradas.

Senhor Dom Manoel se a sò clareza
 De hum peito aberto , & limpo , & fê lauada,
 Muito merece , muito vos mereço.

A pedraria vãmente estimada ,
 Os vasos crystalinos de Veneza
 Ia se achão, eu aos meus palmos me meço.

FABULA DO MONDEGO.

A EL REY DOM IOAM O III.

EGLOGA PRIMEIRA.

I.

INCLITO Rey , que de vno al otro Polo
 De tropheos enchis , abriendo al Nilo
 Desd'el Tajo , luz nueva , y nuevo dia :
 Trocando en esto la natura estilo ,
 Dandoos Neptuno el mar , dandoos Eolo
 Sus vientos , y armas Marte a la porfia :
 Por la Zona , que ardia ,
 Bolando osadamente ,
 Vuestra animosa gente ,
 Los Portugueses , a quien nada espanta
 En vòs , Senhor , los ojos , y en la santa
 Empresa , y lealtad propria , y d'abuelos
 Que a los miedos encanta
 Gran denuedo venció , grandes recelos.

II.

Mientras nel mar bermejo el Ottomano ,
 Poder usado a tantos vencimientos ,
 Por culpa agena , mas que virtud fuya
 Ata las llagas , trueca pensamientos ,
 Tiembla pensando a vuestra armada mano
 Como s'ampare , o como della huya ,
 Antes que lo concluya
 Del todo , y buelua en nada
 La victoriosa espada ,

En el comun plazer ninguno quede :
 Que no os venga a feruir con lo que puede ;
 Yo tambien tropezando hasta que caya
 Verè , si me concede
 Nuestro estrellado Pan , con que a vòs vaya.

III.

Y viendo que baxais vuestros oydos ,
 Por effa tan humana mansedumbre ,
 Al canto pastoril , yà hecho ofado :
 Quiçà moueré mas ázia la cumbre
 D'aquel alto Parnaso mis sentidos ,
 Que del estaua yá medio oluidado :
 El bueno , el alabado
 Tytero Mantuano
 Alçando el cantar llano
 Del campo , nos dexò sobrada escusa
 De correr tras su leda , vfana Musa
 Quanto las fuerças pueden sostener
 Como vemos , que se vfa
 Reconociendo el tiempo y su poder.

IV.

Entre el gran Tajo , y el Duero el buen Mondego
 Vn tiempo Munda (tal es sua agua clara)
 Yendose por sus campos passeando :
 Saliendo donde el monte le apretàra ,
 El trabajo vencido , entra en sosiego ,
 Y como vencedor vâ triumphando :
 A do agora cantando
 Iuntas las nueue hermanas
 Del fauor vuestro vfanas
 Acordadas se mueuen , y en concierto
 Saliendo del ñublado al ayre abierto

Cantando el vuestro nombre , y subirlean
Del cielo al alto puerto
Do tales Reyes por tales obras van.

v.

Riberas deste caudaloso rio
Riquissimo de pastos , y ganado
Huuo vn noble donzel de nascimiento.
En edad tierna huervano dexado :
Sin padre , o madre , sin hermano , o tio :
Libre señor de vn largo heredamiento :
El visto entre otros ciento ,
Hermoso , apuesto , y tal ,
Que a fer el principal ,
No cuerpo , gesto , o gracia le faltaua :
Antiquissima fama le arrayaua
De sangre de Gerion , que a tantas lides
Ante su grey se armaua
Fuerte en tres cuerpos contra el fuerte Alcides.

vi.

Cuya venida a do aquella agua baña
Los campos de Coimbra , ay tal memoria
De vna alta torre de su nombre rica :
Por fuya juntamente , y nuestra gloria
Como aquellas columnas , que a la Hespaña
D'Africa parten con distancia chica.
Tras esta multiplica
Vna , y outra señal ,
Tanto arco triumphal ,
Tantas las grutas , y edificios Romanos ,
Tantos los aqueductos yà mal sanos ,
Que la han de antigüedad ennoblecida ,
Segun las nuestras manos

A sus obras dan mil años de vida.

VII.

Mas sobre todo, lo que enriqueció
 L'antigua tierra mia, es el thesoro
 Del sancto cuerpo de su Rey primero,
 Que en vn dia venció tanto Rèy Moro,
 Quando aquel Rey Mayor le aparecio
 Erguido qual estuuó en el madero,
 Por el padre primero
 Que con el bien no pudo:
 Por lo qual vuestro escudo
 Real lleua pinturas tan diuinas,
 De tales Reyes, y tal mysterio dignas.
 El buen Hijo cabe èl quiso yazer,
 Que desplegó las Quinas,
 Y a Guadalquivir sangre hizo correr.

VIII.

Poluamos al Mondego, que en tal parte,
 Tanto a su favor và que no se siente,
 Bien como otro Meandro en sus rodeos.
 Ende al passar de vn bosque, de vna fuente,
 Rica de la natura, y pobre d'arte,
 Viose vna Nympha tambien sin arreos.
 Diuina en sus meneos,
 Graciosamente estando,
 Graciosamente andando,
 Blando ayre respiraua el prado ameno,
 Ella cantaua, y juntamente el seno
 Enchiendose yua de diuersas flores,
 De que el prado era lleno
 Sobre verde variado en mil colores.

IX.

Que todo era ende , do se detuuiera
 La Nympha hermosissima , cubierto
 De arboledos floridos , que se alçauan ,
 Todos quasi en medida , y cuento cierto
 Del rio de vna parte , y del monte era
 De otra cercado , que lo rodeauan ,
 Las aues combidauan
 Con sus blandos cantares
 Tomar alli a pezares ,
 Puerto : quien a fazon mejor arriba :
 La fuente mana de una piedra biua ,
 Escondida a pastores , y a ganado ,
 Que dulcemente se yua
 No se que murmurando por el prado.

X.

Nieue la Nympha , y el vestido nieue ,
 Entretextidas d'oro flores raras ,
 En las sueltas madexas d'oro fino ,
 Vencen sus ojos as estrellas claras ,
 Los delicados pies por flores mueue ,
 Quanto se vè , y no vé todo es diuino :
 Vn cuerpo mortal digno
 Nunca fue de tal ver ,
 Y quando huuo de ser
 Nunca se acontecio sin graue daño ,
 Exemplo es de Aëteon el caso extraño ,
 Que transformado en cieruo , corre el campo
 Vn caçador tamaño
 Huyendo al su Pamphago , y al su Melampo.

XI.

Ella cantaua aquel cantar famoso

De

De la blanca Diana , y roxo Apolo ,
 Hermosísimo parto de Latona :
 Que no le dan con tales hijos , solo
 (Si quier por breue espacio) algun reposo ,
 Afflita sin ayuda de persona :
 Tuuieran la corona
 De crudos , y villanos
 Los Licios Aldeanos ,
 Ranas aora viles , que han tal hecho ,
 Negando el agua de comun derecho ,
 Devida a todos , que ella de merced
 Con sus hijos al pecho ,
 Les pide muerta de cansacio , y fed.

XII.

Diego (que tal nombre el moço auia)
 A caso alli llegó , busca sosiego ,
 Viniendo de sus caças fatigado :
 Ah triste a donde vas ? todo ende es fuego ,
 El bosque , el rio , y essa fuente fria ,
 Sen llamas biuas : buelue atras cuytado ,
 De su fuerte lleuado ,
 La Nympha en ošteando ,
 Como aqui vine , o quando ,
 (Dixo) yo donde estoy ? ojos que veis ?
 Sentidos que tan alto os estendeis ?
 Ay Dioses inmortales , no me sea
 Contra todas las leys
 Por culpa auida aqui cosa , que vea.

XIII.

La Nympha que sintio de ojos mortales
 Su beldad inmortal ser offendida ,
 Gimio (dexando el canto) contra el Cielo ,
 Del

Del gesto hermoso la color perdida ,
 Y juntamente bueltos los señales
 Del plazer huydizo en pena , y duelo :
 Y como hizo el moçuelo
 Troyano , no pudiendo
 Sufrir su cuyta , ardiendo ,
 Echòse al agua allà por lo escondido ;
 A los ojos huyò , que no se vido
 Despues acá entre nòs en parte alguna :
 Diego esuanecido ,
 Como vna piedra mira a la laguna.

XIV.

Auia Amor dipuesto a la fazon
 El pecho (d'antes duro , y cahareño)
 Auesado a la caça de las fieras ,
 Y a despreciar Amor dende pequeño ,
 Por lo qual assechando la occasion ,
 Vengatiuo qual es , diole de veras ,
 Diciendo : Ora tu , que eras
 Tan atreuido , y loco ,
 Ternas en este poco
 Para toda tu vida , o corta , o luenga :
 Vengóse el niño ciego , ora te venga ,
 Si tanto puedes : Frio Diego està ,
 Oyò la cruda arenga ,
 Sintio el gran golpe , Amor burlando vâ.

XV.

Despues (como de sueño alto) despierito ,
 Los ojos buelue acà , y allà pasinado
 Al cielo , al agua , al monte , al campo llano ,
 Y qual ir vemos vn desafisado ,
 Ansi se mueue como por acierto ,

Ora

Ora corre , ora para , y grita en vano :
Gozòse Amor villano ,
De como en poco trecho
De Diego vn otro há hecho ,
Viendole por el agua entrar sin tino ,
Quanto entrar puede, que no sabe el mezquino
Lo que hazer deua àquella cuyta fuya ,
Aquel furor diuino ,
Donde , o como le attienda , o por do huya.

XVI.

Dezia a gritos , como , y pudo auer
Lugar a do cupiesse vn bien tamaño ,
En todo este cercado acà del suelo ?
Aquel bien solo , que ygualaua el daño ,
La tanta claridad , como esconder
Se puede por mi cuyta , y desconsuelo ?
Quien me alçaria a buelo
Buscando el arte todo ?
Quien me darà algun modo
De todas reboluer las aguas dentro ?
Quien me abrirá la tierra hasta su centro ,
Que siempre vaya , y nunca buelua atras ,
Por fiero , y duro encuentro ,
Hasta que llegue a dar donde tu estás ?

XVII.

Que podeis yá aqui ver ojos cuytados ,
Saluo ora baxo , ora mas alto el rio ?
Ora al amigo mal , ora al pariente ?
Ora grande calor , ora gran frio ?
Las roñas , los mas males de ganados ,
Las renzillas , que van continuamente ,
El luengo año , que miente ,

A tantos de sudores
De pobres labradores ,
No basta trabajados , mas hambrientos ,
Truenos , yelos , granizos , malos vientos ,
Humida , y graue niebla , ayre corrupto ,
Tantos desabrimientos ,
Del tiempo , o muy lluuioso , o muy enxuto.

XVIII.

Todo quanto este mundo en precio tiene ,
Riqueza , y flores , fuentes que ansi aplazen ,
Toda aquella beldad , nos es estraña :
Por costumbre es la fuerça , que nos hazen ,
Que poco dello , o nada nos conuiene ,
El fuego hermoso todo quema , y daña :
Quien espera la saña
Del agua quando crece ?
Allà riba aparece
Tanta d'estrella , que la noche muestra ,
Mas estan altas : es rica la muestra ,
Estraña a nòs ; pero no lo era aquella ,
Que vi ; y assi tan presta
Huyò , ay Diosa cierto , y no donzella.

XIX.

A mi mismo soy hecho vna enojosa ,
Y muy pesada carga , en ygualdad
Me falta ansi lo mio , como ageno ;
Pobre en mis bienes , que es d'auer piedad ,
Que basta al coraçon , que no reposa.
Quien la mano metio dentro en mi seno ?
Que se hizo el tiempo bueno :
Que me yua a las riberas ,
Que me yua tras las fieras

A caçar , y pescar , con que porfia ,
 Partia ledo , ledo me boluia :
 Como las cosas van mudando el ser ?
 Ora con que alegria
 A casa bolueré ? con que plazer ?

XX.

Yuase Diego ansi deuaneando
 Por sus locuras , que sin no tenian
 Muchos cansacios sin ningun prouecho ;
 Idos los vnos , otros que venian ,
 Configo de contino peleando ,
 Vá batalla cruel dentro en su pecho :
 D'amor , y de despecho
 Acá , y allá lleuado ,
 Ora vence vn cuydado ,
 Ora vence otro , el triste hecho pedaços ,
 Con sus contrarios lidiando a braços ,
 No viendo que consejo dexe , o siga ,
 Confuso entre embaraços ,
 Rindio-se a la Fortuna su enemiga.

XXI.

Vn dia (vano aliuio de su mal)
 Alli venido con la su vihuela ,
 Que otro tiempo preciada ser solia :
 No como ser solia se consuela ,
 Mas descordado el triste , y desigual
 Dexaua ora el tañer , ora tañia :
 Puesto en talagonia ,
 Huuo de començar
 El lloroso cantar
 De Euridice , y de Orphea antiguo cuento.
 Caen lagrimas vanas , lleva el viento

Muchos sospiros , tiempos muy diuerfos
Trayendo al pensamiento ;
Al fin soltó la lengua en estos versos.

XXII.

Huyendo al atreuido de Aristeo,
Euridice , en el prado ponçoñoso
Mordida cae , cruel caso por cierto :
Dexando al triste , dexando al quexoso ,
Al pobre , al lastimado solo Orpheo ,
Que entre muertos la busca antes de muerto ;
Nunca con tal concierto
Las cuerdas mano humana
Tan dulce , y tan liuiana
Mente tocò , como el su mal cantando ,
Como el tañiendo : Euridice llamando
Euridice , en repuesta el valle dà ,
Quando se assienta , y quando
A las lagrimas buelue , y quando vâ.

XXIII.

De vna merced de Amor , dize , priuado
Si ante tiempo me aueis , como hizistes ,
A vòs mismas juzgar , sombras , lo dexo
Si os mueuen a piedad los casos tristes ,
Vn solo coraçon a entr'ambos dado ,
Quitardesme lo así : desto me quexo ,
Si el Sol de quien me alexo
Que vio tanto , ver pudo
Tan feo caso , y crudo :
No tengo en nada , ni sea nada el daño ,
Amor me trae acá , traeme engaño :
Desseo , que esperando se consuela ,
No os parezca extraño ,

Tiempo

Tiempo os pido no mas , poco , y que buela.

XXIV.

Todo se os deue en fio , corre a la muerte ,
 O cedo , o tarde , quanto allá parece ;
 Y nuestro cedo , o tarde a vòs que es ? nada.
 A mi , que amaneciendo me anochece ,
 Fue me mostrada la mi rica fuerte ,
 Y entre ver , y no ver me fue quitada.
 Ver vna flor pisada ,
 Primero que cogida :
 Ver la fruta perdida
 Que al buen primero olor mal tiempo estraga:
 Miesse d'algun turbion , o d'arte maga
 Dañadas , cansa en ver la vista , y ciega
 Mirad la cruel llaga
 Que os muestra amor por mi piadoso , y ruega.

XXV.

Que no me trae aqui codicia estraña
 De los vuestros thezoros encubiertos
 No loco atreuimiento , ni maldad
 De espiar los caminos , o los puertos
 Del Reyno , que el gran lago Estygio baña.
 Traeme solo Amor , busco piedad :
 Si tanta crueldad
 Acá so tierra se usa ,
 Que no me valga escusa
 Que no me valgan lagrimas , ni ruego ,
 Sombras , que vais por ayre escuro , y ciego,
 Que yà de mi la mejor parte huuistes ,
 Dezid , que es esto ? os ruego ,
 Porque una no quereis , y otra quisistes ?

XXVI.

No me lo echeis , por Dios , a presumpcion ,
Mas a gran cuyta , que me fuerça , y guia ,
Vença esta noche la mi llama buena ;
Si acá de Amor conosciendo auia
Como vimos allá nel gran Pluton
Que del mostró tener no poca pena
Claro entre nós se suena
De donde , como , y quando
Proserpina buscando
La madre , acá baxo : y satisfecha
Boluio : si quiera en parte desta estrecha
Ancia , respire triste , vn poco , aqui :
Mi mal que os aprouecha ?
Del bien , que os cuesta mas el no , que el si ?

XXVII.

Al son de las palabras piadosas ,
Y de la lyra blanda , y boz diuina ,
Que de su mano Amor todo acordara :
Todo lo enternecio , por do camina
Baxaron las sus clines espantosas
Las tres hermanas ; Charon lo esperàra ,
Serenando la cara
De fea catadura
En su barca segura.
Por tres bocas huuiando el can Cerbero ;
Oyendo el triste , oyendo el lastimero
Llanto , llorò , dexando aquella puerta ,
De que era antes portero
Tan duro , de piedad , al viento abierta.

XXVIII.

Estuuo luego queda aquella rueda.

Del Centauro atreuido : Las hermanas
 Nietas de Belo , ninguna acudió
 Al vano officio. Quedas las mançanas
 De Tantalo , y su agua estuuo queda ,
 Su sed , su hambre , todo s'aquietò.
 El Buytre no royò
 De Ticio las entrañas ,
 Vino a las soterrañas
 Casas del gran Pluton (palacios reales)
 Tañió , cantò , llorò tambien sus males ,
 Que Euridice le fue dada con ley ,
 Que en Reynos infernales ,
 No mire atras : Ansi le plugo al Rey.

XXIX.

Todo promete Amor , todo lo espera ,
 Vencer pueda , o no pueda , buelue ledò ,
 Sigue callada Euridice tras el ,
 Ora aquel , que antes desto tanto miedo ,
 Tanto trabajo por Amor venciera ,
 Venciolo Amor , no se fie nadie del.
 Boluiose , y solo aquel
 Ayre escuro abraçando
 En vano vâ llamando
 Por ella , que esfanece , Amor ingrato
 Iuega estos juegos ? No puede el contrato
 Real quebrarse , no la ley firmada ,
 Dize de rato en rato ,
 Quanto fuera mejor nunca auer nada.

XXX.

Echado de allá dentro , aquellas puertas
 De firmes diamantes , luengamente
 Maldixo muchas vezes , y a los muros

Arrojò la vihuela , impaciente ,
Quanto mas rezio pudo , y aquellas muertas
Sombras , crudas llamò reynos escuros.
Los dones mal seguros
En tal parte alcançados ,
De Dioses nunca vsados.
(Dezia) ni a merced , ni a piedad ,
Ni saben que es firmeza , y que verdad ,
Ni mirar la intencion si les offende ,
Amor , y humanidad ,
Qual es , aquel cruel , que lo defiende ?

XXXI.

Ansi cantaua Diego , y no pudiendo
Con a gran cuyta , que a desora crece ,
A mil remedios vanos se acogia.
Oluida la sampoña , y no s'estrece
Que no viesse visiones , vâ corriendo
Como furioso de malencolia.
Mientele toda espia ,
Nunca cuenta concluye
Del campo a caso huye ,
De casa huye por los campos llanos ,
Tomados tantas vezes a las manos ,
Mis engaños (dezia) o lo que es esto ?
Conozcoos por vanos ,
Y bolueisme a engañar luego tan presto ?

XXXII.

Bien veo que los Dioses offendidos ,
De mi se vengan como mas les plaze ,
No mediendo la pena con el yerro ,
Yo que puedo ende hazer ? el alma yaze
Como por muerta , yazen los sentidos

Cargados deste mal como de hierro ;
 A las sabiendas yerro ,
 No lo puedo enmendar ,
 Pudiera ya passar
 Todo el mal que entre dia se me offrece ,
 Mas ydo el Sol , que todo se escurece ,
 Forçado bueluo a casa , y luego al lecho ,
 Que buelta se recrece ,
 Que sobrefaltos van dentro en mi pecho !

XXXIII.

Los mis ojos gran tiempo ha que pusieran
 El buen sueño en destierro , y si ende llega ,
 Allà de fuera , el su reposo dexa ,
 Vase bolando por la noche ciega ,
 E en su lugar visiones succedieran
 Todas de medio , que mucho me aquexa ,
 El alma se me alexa
 A muy grandes jornadas ,
 Seran presto acabadas
 Estas pendencias , diran los pastores ,
 Vnos que fue locura , otros que amores ,
 Otros que maldicion , o assombramiento ,
 Y si ay males peores
 Haran , triste de mi , cuentos sin cuento.

XXXIV.

Quantos votos se hizieran , y que ayunos ?
 Que estrañas deuociones desusadas ?
 Quantos cuerpos de cera se offrecieran ?
 Quantos de tierra por encruzijadas ?
 Mas los Dioses a ruegos importunos
 Sordos azia otra parte se boluieran :
 Que alturas no subieran

Por montes sin caminos ?
Los romances diuinos
Cantando , do la nieue el suelo esmalta
A todo tiempo , que en parte tan alta ,
Cren ser oydas mejor las sus preces ,
Nunca esperança falta ,
Falta lo que se espera muchas vezes.

XXXV.

Como el piñon en el monte combatido
Del impetuoso viento en la tormenta ,
A quantos que lo ven pone en recelo ,
Los truenos amenazan , arrebienta
El fuego por las nuues , exlo erguido ,
Exlo coruo que vâ cayendo al suelo ,
Hasta tanto que el Cielo
Se abre en llama ardiendo ,
Entre viendo , y no viendo ,
El brauo rayo en bueltas mil descende ,
Aquel postrero mal quien se defiende ?
Queda vn tronco quemado , y cuento breue ,
A quien passa por ende ,
O busca alli quiça que a casa lleue.

XXXVI.

Los males que passando el tiempo cura
Como vemos que el haze , pues que vâ
A tal priessa (dezia) no son males ,
Esto si , que este es mal , que aqui se està
Tanto a despacio , y del tiempo no cura
Vn tan cierto remedio a los mortales :
Y si las inmortales
Almas de acá partidas ,
Del todo escaecidas

Van de quanto acá vieran por baldio :
 Este amor , o que se es este mal mio ,
 Do quiera que yo de aqui fuere lleuado ,
 De oluido el hondo rio
 Seguro passará junto a mi lado.

XXXVII.

Y si lo que esta tierra no fue digna
 Tener mas luengamente , anda cantando ,
 Fuera deste ayre gruesso , en otro claro ,
 Y por otras riberas passeando
 Que digan con la su beldad diuina ,
 A que estoyme aqui mas ? a que me páro ?
 Que no busco aquel raro
 Lugar , que ella esclarece ,
 A do nunca aparece
 Sombra , ni niebla , y siempre es claro dia :
 Ella me sea pues mi buena guia
 Partiendome de aqui se quier que vea
 Que vna ora amanecia
 Tras vna noche tanto larga y fea.

XXXVIII.

Fueran oydos inciertos , y estraños
 Sones , por el silencio de las noches ,
 Que el sueño de los lechos ahuyentauan ,
 Fueran vistas visiones de sonoches ,
 Que oyendo , y viendo niños tiernos d'años
 A pechos de las madres se apretauan ,
 Alto dia bolauan
 Las aues enemigas
 De luz , con sus antigas
 Desapazibles gritas , y alaridos ,
 En las manadas bueis dauan bramidos ,
 Que

Que era vna piedad solo el oyllo,
 Bauados , y transidos ,
 Dende el Toro mayor , hasta el nouillo.

XXXIX.

Los gruessos campos sembrados de trigo
 Bueno , y escogido , dauan vana auena ,
 Y joyo , que la gente embobecia ,
 Quien sembrò mucho , quien no tanto , apenas
 (La fama que no muere , me es testigo)
 La su propria semiente recogia :
 Alçauase , y ponía
 El Sol sin claridad ,
 Temiose aquella edad
 De vna noche sin fin , o mucho luenga ,
 Quien quereis por seguro que se tenga ,
 Entre tanto cuydado tan contino ?
 Entre vna tal contienda ?
 En fin quando le plugo al hado vino.

XL.

Vete buen Diego en paz que en esta tierra
 El plazer de oy no dura hasta mañana ,
 Y dura mucho quanto desaplaze ,
 Allâ aora no ves la vision vana ,
 Que acá viuiendo te hizo tanta guerra ,
 Ardiendo el cuerpo que ora frio yaze ,
 Lo que allâ satisface
 A tus ya claros ojos ,
 No son vanos antojos
 De que ay por estos cerros muchedumbre ;
 Mas siempre vna paz buena en clara lumbre :
 Contentamiento cierto te acompaña ,
 No tanta pesadumbre ,

Como acá va por esta tierra estraña.

XLI.

El acontecimiento doloroso

Sabido por lugares conuezinos ,
Ayuntò luego gente a nueuo llanto ,
Y nuevas alabanças , los caminos
Eran llenos de madres sin reposo ,
Temiendo de sus hijos , que aman tanto :
A todos hizo espanto
Que lo han visto , y oydo ,
Vn mal no conosciado ,
Vn mal que nunca viose entre los males ,
Dizen como pasmados los zagales ,
Diego es muerto , diuinos consejos ?
Si así se van los tales ,
Que será de nosotros zagalejos ?

XLII.

Auian ende erguido de maderos

Como vna tumba , auianla cubierto
Toda de rama obscura al derredor ,
Teas de pino por el campo abierto
Que uan de fuego haziendo mil carreros ,
Boltando vna mas breue , otra mayor :
Passado aquel furor ,
Plañido affaz , y affaz ,
Estando vn poco en paz ,
De aquella obscura tumba el edificio ,
Al fuego diose , como en sacrificio ,
Leuantanse alaridos desiguales ,
Dixo vno que es su officio
Ruegos a las cenizas funerales.

XLIII.

Las quales recogidas luego alli ,
 Fueran puestas en alto , y fueran mas
 Cayado , honda , y viguela : puestas luego ,
 Que el tirando dexaua el viento atras ,
 Y todo junto vn verso dixo así :
 Despojos ante tiempo del buen Diego.
 Yá que esto huuo sosiego
 Porfiaran pastores
 A cantar sus loores ,
 Condenando de Muerte , y Amor la saña ,
 Mandò los sus ingenios toda España :
 Huuo Epitaphios varios , y diuersos ,
 De la nuestra montaña
 Vino vn pastor , tañiò , puso estos versos:

E P I T A P H I O.

*El Enemigo Amor a tus postreras
 Honras vino (buen Diego) y alli quemò
 Su arco , y las sus flechas lastimeras ,
 Lloroso , y desarmado se partiò ,
 Secaranse laureles , y las eras ,
 El ganado a pascer no se baxò ,
 Todo te dà señal de su tristura ,
 Plantas , hombres , ganado , y sepultura.*

A E L R E Y.

XLIV.

CANTADO os he Señor la vida y muerte
 De Diego luengamente alli plañido ,
 Por las hermosas Nymphas Neyua , y Lima ;
 Esta que yâ fue llamada agua de oluido ,
 Est'otra de su fuente hasta do vierte
 Su vasillo en la mar de mucha estima :
 La fama por encima
 De montes , y de rios ,
 A estraños señorios ,
 Lleuó bolando el caso sin sosiego.
 Ora del claro Munda , y del buen Diego
 Por su Lusillo alli tanto cercano ,
 Trocò el nombre en Mondego ,
 Que parte el vuestro Reyno Lusitano.

XLV.

Por cierta prueua del antigo cuento ,
 Conforme a lo que os he señor contado ,
 Parece de Coymbra en el pendon ,
 Qual lo vemos al ayre desplegado ,
 La Nympha en forma de vn encantamiento ,
 Que la guarda vn gran Drago , y vn Leon ,
 Y con justo blason
 (Pues que el Reyno pregona
 Que es alli su corona)
 A la Nympha , corona fue añadida ,
 Que por el agua vá medio metida ,
 Quanto mano pintar la pudo hermosa ,
 Pero , como offendida

Tur-

Turbada toda , y toda desdenosa.

XLVI.

Otros dan tal pintura a la Donzella ,
 Que dio nombre a los montes Pirineos ,
 De Hercules por amor despedaçada ,
 El cuerpo de las fieras , de desseos
 El alma , mientras sola se querella ,
 Porque estando con el no teme nada :
 Otros âquella Hada
 Que fue medio Serpiente ,
 Que el mismo en Oriente
 De si en cinta dexó , dexole vn vaso
 Rico , porque bebia , ora del caso
 Vós sabeis todo , a quien nada escaece ;
 (Musas del gran Parnaso)
 A nós el tiempo todo lo escurece.

C E L I A ,

AO IFFANTE DOM LVIS.

EGLOGA SEGVNDA.

I.

SERENISSIMO Iffante , a quien se deue
 Calor de Esmirna , o Mantua , a quien el mio
 Quando mas arde es vna fria nieue
 Del siempre elado Boote , y del tardio :
 Mas gran Señor en partes do no llueue
 La niebla se dessea , o algun rocío ,
 Y no se puede de contino andar
 Armado por la tierra , y por la mar.

Las

II.

Las Musas , quando vuestra Alteza andaua
 Buscando las empresas de si dignas ;
 Que temblando toda Africa sudaua ;
 Quando del Real Guion las Sanctas Quinas
 Via , que a sus confines affomaua ;
 A sus fuentes las vistes mas vezinas
 Entonadas mejor , y mas de veras
 Oyllas eis acà como estrangeras.

III.

Por ora callarsehà Tunes entrado
 A pura fuerça , y el tyrano huydo :
 Todo lleno de miedo arrabiado ,
 Y solo de sus mañas socorrido :
 Por honra aquel ladron Caco afamado
 Tener deujera ser de Hercol vencido ,
 En fuegos se emboluia , y humos vanos
 Fiandose en los pies , mas que en las manos.

IV.

Lo que al Sancto Luis con tanta gente
 Cruzada , y a Carlos Quarto denegòse
 No solos ellos , mas todo el Poniente ,
 A nuestros Luis y Carlos referuòse :
 La antigua y gran Carthago impaciente
 De sus passados daños recordòse :
 Temblauan Africanos coraçones ,
 Viendo juntos venir dos Scipiones.

V.

Mas ah juyzios ciegos de Christianos ,
 Ah furias infernales , ah peccados ,
 Que en vuestra sangre enfuziais las manos
 A tan grande sabor d'arrenegados !

Auien-

Auiendoos Iesu Christo hecho hermanos
Deshazeyuos crueles a bocados ,
Tantas banderas , tantos capitanes ,
Y dexais la Ciudad Sancta a los canes ?

VI.

Quando serà aquel dia que a la vuestra
Mano armada se rinda la fortuna ;
Que algo d'embidia a tanta gloria muesta ?
Quando será que yo vea vna laguna
De sangre infiel vertida dessa diestra ?
Yo que lo cante al Sol , cante a la Luna
Triumphos quanto a vos mucho deuídos ,
Desseos quanto a mi mucho atreuidos ?

VII.

Finalmente (Señor) puesta de parte
Por vn poco la espada , el verdadero
Iuyzio nos bolued a est'otra parte
Donde entra por la mar turbado el Duero ,
Y donde con gran fé , mas con poca arte ,
Cantan pastores al modo estrangero ,
Corren lagrimas justas sin parar ,
Mientras Neyua tambien corre a la mar.

PASTORES

DA EGLOGA.

AURELIO. MAURICIO. AMARO.

VIII.

AUR. **Q**ue quiere (ò mi Mauricio) dezir tal
 Humiar de perros como a la porfia?
 No se que sean cierto, es algum gran mal:
 Aues nocturnas bueluan entre dia;
 Lobos tan brauos de su natural,
 Baxan a la Aldea de la Serrania,
 No vees el mal gusano, y que pesares
 Se há hecho de las viñas, y pomares?

IX.

Vna mula hà parido en nuestra Aldea,
 Y las vacas no paren, ayer cayò
 Del Cielo vn breue que no ay quien lo lea
 Son crego, o frayle, que yâ Miffa cantò,
 Con dos cabeças (cosa estraña, y fea)
 Vn potro, y con seis pies (diz) que nascio,
 Como Gallos nos cantan las Gallinas,
 Y no se vieran ogaño Golondrinas.

X.

Vemos inuertos caerse los borregos,
 Caen las madres de otra parte muertas:
 Los ojos que tal ven, paranse ciegos,
 Que las causas del todo son encubiertas:

Bue-

Buelan de noche por los ayres fuegos ,
Que carreras atras dexan abiertas ,
Señales , que de ver nunca penfamos
Guarde Dios de peligro a nuestros amos.

XI.

Ca se dize , que hirio por la cabaña
Del buen Alonso vn rayo , aquel pastor ,
Que apacienta lo mas de la montaña ,
Ah no nos tenga el cielo tal rancor :
No parece , fino , que Dios se ensaña ,
Amor en nós no vé , prueua el temor ,
No ves quantas de vezes se estremece
La tierra ? antes tan firme , ora enflaquece.

XII.

Aquel noble donzel que aqui cercano
Con tal nuestra esperança se crió ,
Quando el la boz diuina con la mano
Tambien diuina , tañiendo acordò ,
Luego a bozes lo dixo vn viejo cano
(Ah de lo por venir quanto que viò !)
Quan presto te arrepientes , cruel hado ,
Quando dás tanto bien , de auello dado !

XIII.

Por cierto que yo lo vi , que no quisiera
Auello visto , lleuòlo el palacio ,
Crecia en todo a ojo ; quanto fuera
Mejor , y mas seguro irse a despacio !
Cuentan milagres del des que allà fuera ,
Mas a tal priessa cierto está el cansacio ,
Sea de sprito , o cuerpo , o de ventura ,
A cansar presto và quien se apresura.

XIV.

Mas boluiendo a nosotros (pastor bueno)
 Quando aqui veo tantas de señales ,
 Quando de tal maldad el mundo lleno ,
 Que allá los viejos van , van los zagales ;
 Estoy confuso , y mal duermo , y mal çeno ,
 Temiendo a nuestras culpas desiguales ,
 Es mucho el peccar nuestro , es fin enmienda
 Que hamos siempre a correr suelta la rienda.

XV.

MAUR. Agora Aurelio entiendo que tu solo
 Eres el que no sabe el graue daño
 Deste nuestro consejo , que affololo
 Como por tierra vn caso duro , y estraño :
 Aquel todo su bien , muerte lleuolo ,
 Quien pensó ver tan presto vn mal tamaño ?
 La nuestra Celia es muerta ; ay breue cuento
 Mas digno de infinito sentimiento !

XVI.

AUR. Como que es muerta Celia ? y pudo Muerte
 Hazer , aunque cruel , tal crueldad ?
 Pues como ? vâse todo ansi por fuerte ?
 Sin orden , sin razon , sin igualdad ?
 Tan presto tanta gloria se conuierte
 En humo , en nada , estado , y fresca edad ?
 Triste de mi , de vida yá Celia es fuera ?
 Quien oye tal tambien que no se muera ?

XVII.

Dexemos la beldad , que ella tenia
 Por cosa vana (como cierto es vana)
 De que a las otras tal cuydado via ,
 Mas en cuerpo tan sano , alma tan sana ,
 Que

Que para nós , no para si biuia ,
Que pudo Muerte ser tanto villana ?
Cortó la tela ordiendose sañuda ,
Dexando tanta gente acà desnuda ?

XVIII.

D'Amaro , y que será ? solo dexado
Por raro exemplo de vna triste vida ,
Como por muestra , como por dechado
A nós será ella corta , a el cumplida.
Qnan presto tanto bien se hà trañornado ?
Ay bienes falsos , ay muestra fingida ,
Que ansí nos vá engañando de año en año ,
Y siempre al recoger se buelue en daño !

XIX.

MAUR. Pues aun no sabes bien lo que passé
Con el en el combate desigual ;
Era justo el dolor , empero fuè
El impeto primero irracional ,
Y no de hombre , aunque barbaro , y sin fé ,
Sin alma , sin razon , bruto , y bestial ;
Quiso boluerse a si como enemigo ,
Mas huuo de lidiar antes conmigo.

XX.

Quantas vezes que al alma del cuytado
Visto he partir tras l'alma sancta della ,
Dexando el cuerpo alli desamparado ,
Solo tendido como que yua a vella ?
Dende a buen rato el triste en si tornado
Buelto de nueuo al llanto , y a la querella ,
Gritos mil yua dando alto , y sin tino ,
Vnos tras otros siempre de continuo.

XXI.

Cruel Celia (dezia) así me dexas ?

Quien te me hizo cruel ? no me responde ,
 Señal que yâ no las oye estas mis quejas ,
 Tan lexos la llevaron , triste , a donde
 Celia te me han llevado ? así te alexas
 Sin mas piedad de mi ? quien te me esconde ?
 Quien huyendo se vâ (dizime) ah quien ,
 Huyendo se me vâ con tanto bien ?

XXII.

Luego boluia , eis que mas piadosa ,

Como siempre mas blanda , y nunca esquiua ,
 Me buelue a ver , mas como tan cuydosa ?
 Dexadme allá llegar , a ver si es biua ,
 O se me engaña esta alma desseosa !
 Que es esto ? a do se fue , mudada que yua ?
 Y quanto (ò triste) toda de otra mente
 De la Celia que yo vi primeramente !

XXIII.

Quantos de desuorios ? que sin cuento

De desconciertos dixo ? y que de antojos ?
 Que de fantasmas via en vn momento
 Tiesos , y siempre enxutos los sus ojos ?
 Parece que del mucho sentimiento
 El humor congelaran los enojos ,
 Al fin dado del todo al dolor malo ,
 Era el rezio furor sin interualo.

XXIV.

AUR. Ó Celia quantas lagrimas deuidas ,

Y quantas te eran , si lagrimas nos dieffen
 Remedio alguno a las passadas vidas ?
 Y si por otra parte ellas no fueffen

De

De los que saben mas , mal recebidas ,
Y si a flaqueza no las atribuyessen ,
No digo mas de si , ni mas de no ,
Soncas causas ternà quien no las dio.

XXV.

Aquel dolor que và turbando dentro
Del cuerpo el alma , y todos los sentidos ,
Y passa al coraçon , que es el su centro ,
Las lagrimas de allà manda , y gemidos ,
Que los caminos abren al duro encuentro ,
Sino que esfuerça siendo detenidos ,
Que allà encerrado el fuego y las centellas
Ardan las casas , y el señor con ellas.

XXVI.

Mas en quanto se van nuestras manadas
Paciendo a su favor , Celia , cantemos ,
Sino estan las çampoñas acordadas
Luego con breuedad acordarlashemos :
Que despues cantaran otras vegadas ,
Pastores , de que nada aora sabemos ,
Cantarlean a la sombra destos pinos ,
De alto responderan montes vezinos.

XXVII.

MAUR. Que podria yo , Aurelio , hazer por ti ,
Que mas de grado hiziesse ? aunque tan roco
Del llorar mucho , y poco que dormi ,
Que no me falta nada para loco ?
Mas cantemos , pues tu quieres ansi ,
Que el desseo es grande , si el poder es poco ;
Luego començaré sin mas escusas
Con buena ayuda della , y de las Musas.

C A N T A.

XXVIII.

Sonriendose està Celia de quan ciega
 Es nuestra mortal vista , y quan enferma ,
 Semejante aquel juego , que se juega
 De ojos cubiertos , que tan mal aterma ,
 Ella vé todo , y juntamente ruega
 Por la su gente , y dizle que no duerma,
 De contino amonestá que es pequeño ,
 Que es vn nonada el plazo , y grande el sueño

XXIX.

Bien vé que los plazerés , los enojos
 Nuestros , son vanos , pienso cierto , y creo
 Que a menudo àzia cà buelua los ojos ,
 A do dexô de si tanto deſſeo :
 Y aquellos sus riquiſſimos despojos
 A su cuerpo , a sus hijos y su arreo ,
 Que ſer ellos en vida (ella dizia)
 Y ſu tan fiel , y dulce compaña.

XXX.

Y viendo quantas lagrimas por ella
 Se derraman acà ſin ningun fruto ,
 Enchiendo todo eſte ayre de querella
 Meſſandonos , cubriendonos de luto ?
 Sabiendo , ſi llegaffemos a vella ,
 Que luego todo bolueria enxuto ,
 Buſcaisme allà tan baxo (dize) errais
 Do buſcar me deueis , no me buſcais.

XXXI.

Mi bien , o que plañis ? no la turbeis ,
 Amigos , la mi paz , ſola eſta es vida ,
 Muerte eſſa que por vida allà teneis ,

Vn punto , vn no se qué , la mas cumplida ;
En vanas esperanças no os fieis ,
La estada incierta , es cierta la partida ,
De muerte en muerte andais , e veis quã presto,
Vna la vida mata , oluido el resto.

XXXII.

Hasta quando fereis niños chiquitos
Destos que andan burlando a su plazer ,
Tiñese vno la cara , eis que alçan gritos ,
Los otros vanle huyendo a mas correr ;
Lauàse el gesto , bueluen los loquitos
Riendose hasta de rifa se caer ;
De las rugas burlais , blanco el cabello ,
Mostrais miedo al morir , que es como aquello.

XXXIII.

Lo que de mi preciais es poca tierra ,
Que ya nada siente , es lo que siempre fue ,
Lo menos cierto os haze cierta guerra ,
Isuos tras lo que veis , no tras la fé ;
Qual de vosotros sus sueños aferra ,
Y soñais todauia no sé qué ,
Deseos vanamente assi estimados ,
Que matan desseando , y alcançados.

XXXIV.

Estés por siempre buena Celia en gloria
Allá , y en fama qual dexaste aqui ;
Deuiose tal corona a tal victoria
Del enemigo del Mundo , y de ti ;
Tales contrarios , que en nuestra memoria
No se vencidos quien los aya ansi ,
Derechamente tu fuyste a la palma ,
Dexando el cuerpo atras , auante el alma.

XXXV.

AUR. Ay compañero , y con que medicina
 Vngiste la mi llaga honda , y cruel ?
 Que breuage tan dulce , y tan diuina ,
 Me diste por medida , y por niuel ?
 El mal que así me huuiera muerto ayna ,
 Tu me librasste de las inanos del ,
 Hirierame el dolor , que aya mal grado ,
 Ayas lo bueno tu , que me has librado.

XXXVI.

Ora (pues que es mi deuda) amigo escucha ,
 Quiero ver mi campoña , si también
 Cobrado ha aliento de la angustia mucha ,
 Que a las vezes se van el mal , y el bien ,
 Cayendo , y lleuantando como en lucha ,
 Las ondas con el viento van , y ven ;
 En fin la nuestra Celia me lleuante
 Para que della taña , y della cante.

C A N T A.

XXXVII.

Alçóse deste baxo Celia a buelo
 De todo de la tierra aborrecida ,
 Passó las nuues , passó Cielo , y Cielo ,
 Matò la sed en la fuente de la vida ;
 Cessen los llantos , cesse el desconsuelo ,
 Que ella a fiestas nos llama , y nos combida ,
 No se oygan aquí mas , sino cantares ;
 Dezidme los a cientos , y a millares.

XXXVIII.

Oid pastores todos , Celia nuestra
 De mortal que era , es hecha yà inmortal ;
 Quien no lo vé ? a quien no lo demuestra

Cla-

Claramente tal vida , y muerte tal ?
Quan diferentes cosas que le muestra
Allá su sancta guia Angelical ?
Boluamos todos pues en nuestras menguas
A Celia el coraçon boluamos lenguas.

XXXIX.

Socorre , ò sancta Celia a estos estremos ;
Que van acá entre nos de temporales ,
No labramos las tierras , no tenemos
Con que , ni para que , si tu no vales :
Todo quanto sudamos lo perdemos ,
Que por demas es todo , en tantos males ,
De Dios algun remedio nos alcança
De todo nuestro bien cierta esperança.

XL.

Demuestranos de allá Celia aquel sancto
Amor , que de los tuyos te encendia ,
Que tanto te aman , que tu amaste tanto ,
Que en ti el su mal , que en ti el su bien se via ,
Y con que angustia el mal , el bien con quanto
Zelo de charidad ? con que alegría ?
Como en la casa vèse al grande espejo
El que entra ledos , o tristes , el moço , el viejo.

XLI.

A quien iran de oy mas con sus clamores ,
Con las sus rogatiuas , y demandas ,
Si a ti nõ , sancta Celia , tus pastores ,
Y las pastoras todos en sus bandas ?
Cantandote vnos y otros tus loores ,
Texendote vnos , y otros mil guirlandas ,
Los vnos y los otros tus deuotos ;
Empieça acostumbrarte a nuestros votos.

XIII.

Ergued aqui conmigo vn memorial
 A donde a cierto tiempo de los años ,
 El buen viejo anciano , y el buen zagal
 Vengan Celia offrecerte sus rebaños ,
 Para feren por ti libres del mal
 De malos ojos , que hazen tantos daños ,
 Vernan buenas , y honestas las zagalas
 Manda el bosque vedar (Celia) a las malas.

XLIII.

Que es esto ? o se me engaña el gran desseo ?
 O cierto que las aguas desseadas
 Caeran presto , que señales veo ?
 Las Garças van bolando en alto alçadas ,
 Mueuese la floresta a lo que oísteo ,
 Muestra la Luna manchas assombradas ,
 Los altos van la niebla yà cobriendo ,
 Y el Sol se vâ en las nuues escondiendo.

XLIV.

MÀUR. Como quien atrauieffa vn monte erguido
 Sin sombras , y sin agua en los calores
 De Iulio , y Agosto , vn mes, y otro cumplido,
 Y quando en toda parte hieruen ardores
 A tanto mal cansacio aun añadido ,
 Falta el aliento , crescen los sudores ,
 En fin por vna peña agua , que caya
 La vida buelue luego al que desmaya.

XLV.

Tanto tus dulces versos me pluguieran ,
 Tanta fuerça tuuieran , y tal poder ,
 Que otro me han hecho, ah como se perdieran
 Entre nòs el cantar , como el tañer ,

Que

Que tanta fama a los pastores dieran ?
 Mas dizenme que allá vienen a correr ,
 Ciertos zagales de la estremadura ,
 Que deste ayre echaran la niebla escura.

XLVI.

Veni buenos zagales con fauor
 De aquellas blandas Musas de Parnaso ,
 Enchi nuestros collados del sabor
 De la lyra suaue hallada a caso :
 Cantando a nuestra Celia en su loor
 Cobrireis de yerua verde el monte raso ,
 Y a las fuentes de sombras , y de flores ,
 Y d'espanto el oydo a los pastores

XLVII.

AUR. Oyes , o quicà no , Mauricio hermano ,
 Aquellos gritos son del triste Amaro ,
 Que con la muerte vâ peleando en vano ,
 Passado del dolor de claro en claro ;
 Hanlo como metido a sacomano ,
 Amor , y Muerte , y hecho exemplo raro ,
 De la fortuna auara , y codiciosa ,
 Que no há dexado en el cosa con cosa.

XLVIII.

AMAR. A que parte se es yda esta alma mia ?
 Quien me la enseñara ? yo que hago aqui ?
 Sin alguna de dos , que antes tenia ?
 Que entr'ambas se ajuntáran contra mi ?
 Solo dexado me han , ciego , y sin guia ,
 Pareceos esto Amor ? dexarme así ?
 Configo no quisieran allá lleuarme
 Ni buelto me han a ver , ni a consolarme.

XLIX.

Como vna llama por el monte ardiente ,
 Que presto en alto buela , y no parece ,
 De vista se nos pierde en continente ,
 Y el humo turbio solo remanece ,
 Otra tal claridad resplandeciente ,
 Mientras mirando estaua , eis se escurece
 Anfi tan presto ? triste a donde yré ?
 Sin ti y allâ sin ti , triste que harè ?

I.

Cuytado , los lugares do te via ,
 Y donde me eras tu siempre presente ;
 Y lo mas que contigo me solia
 Dar vida , ora la quita crudamente :
 Con ansia , y soledad en compaña ,
 Huyendo vâse el coraçon doliente ,
 Dexadme ir a buscallo , y si no viene
 Tenga tambien a mi , quien me lo tiene.

II.

MAUR. Sintionos compañero , y no hà parado ,
 Mas como parará quien de si huye ?
 Anfi como si herido vâ el venado ,
 Crece corriendo el mal , que lo destruye ,
 Que labra el hierro crudo auelenado ,
 Y a mas correr la vida mas concluye ,
 Caer , mas no pudiendo , al fin se dexa ,
 Pone a la vida fin , pone a la quexa.

III.

Mas vamos al lugar yâ religioso ,
 Que en este tiempo , y en el que hà de venir,
 Venerado ferà , donde en reposo
 Yaze el cuerpo , que no pudo subir

Con

Con Celia al Cielo , mas ò que sabroso
 Letrero , pàrate ora Aurelio a oyr ,
 Veras poner seyscientos por aqui
 Tal desseo dexò Celia de si.

E P I T A F I O.

LIII.

*Sancta alma , que este cuerpo acà dexaste ,
 No pudiendo sufrir mas tiempo el peso
 Suyo , con quien en bregas siempre andaste ,
 De mi , piedad te mueua , que aqui preso
 Al amor de las cosas , que tu amaste ,
 Estarme mandas , ay no basta el seso
 A tanta cuyta , todo prueuo en vano ,
 Estiendeme de allà Celia la mano.*

LIV.

AUR. Este sacólo Amor de las entrañas
 De aquel tanpreciado , y gran pastor ;
 No pudieran las fuerças ser tamañas
 En otro sprito , ni tan raro Amor ;
 Los pastores vendran de las montañas
 Prouar de sus çamponhas el valor ,
 Mas quien quereis que ygualé , o taña , o cante?
 A quien amando a si passa adelante.

LV.

Al fin boluamonos para el abrigo
 Que yá hurriar d'aqui siento las cabras ,
 Y las ouejas ; ya Sancho , y Rodrigo ,
 Otros sueltan los Boyes , dexan las labras.
MAUR. Tiépo es de ir, mas primero Aurelio amigo
 Digamosle estas vltimas palabras ,
 Seate (ò Celia) la tierra liuiana ,
 Nazcan lyrios aqui , nazca la grana.

AN-

A N D R E S.

A O D V Q V E D' A V E I R O.

ECLOGA TERCEIRA.

I.

EL Congoxoso llanto , el temerario
 Furor de nuestro Andres , la marauilla
 Que al liato lo boluio todo al contrario ;
 Que dantes era blando , y sin renzilla ,
 Tanto , que medio mudo , y solitario ,
 Sin quexas mucho mas mueue a manzilla ,
 Mientras yo canto , cante aqui conmigo
 Amor , aunque cruel , aunque enemigo.

II.

El primero amor fuyo , el primer fuego ,
 De quien con rabia huyera a los desiertos ,
 Centellando los ojos d'ira , y luego ,
 De amarissimas lagrimas cubiertos :
 De crudos celos , y de furia ciego ,
 Quando braços cruzados , quando abiertos ,
 Sin si quiera al comer dar vn pequeño
 Del dia , o de la noche , al dulce sueño.

III.

Y vos , señor , no os fea en menos precio
 La çampoña de Pan Dios de pastores ,
 Tenida antiguamente en tanto precio ,
 Tambien entre los Principes mayores :
 No podemos a Codro , a Mucio , y a Decio
 Todos cantar , los Reyes , y altos señores
 Vues-

Vuestros antepasados , y presentes ,
Esforçados en guerra , en paz prudentes.

IV.

A vòs señor no os cupo en fuerte guerra ,
Estamonos aqui como en vedado ,
Por el gran Rey que en paz rige su tierra ,
Que a nòs es Numa , y es Romulo armado ,
A los infieles , que el lexos destierra ,
Temido dellos , de nòs mucho amado :
Vos entre tanto abris largos caminos
Por los libros humanos , y diuinos.

V.

Entre los quales tienen su lugar
Las blandas Musas que aliuian el peso
Del siempre estar attento a especular ,
Que sufrir no lo puede humano feso :
Mas alto buelue , que solia estar
Vn ramo que algo yuso estuuò preso ,
Y puedese mejor boltando a trechos
A los altos subir , que por derechos.

VI.

Pudierades passar la juuentud ,
Como otros grandes Principes , andando
A passatiempos , y a la multitud
De sus plazerès , onde , como , y quando ,
Hizoseos mas hermosa la virtud ,
Ansi qual ella vá de flaco bando ,
Tan presto conosciestes los affeytes ,
Y el falso resplandor de los deleytes.

VII.

Bien vimos quanto os plugo la pintura
De Hercules quando moço en despoblado ,
Por

Por hierta via , de vna vieja , y dura ,
 Por llana de vna moça encaminado :
 Aquella espinas muestra , aspera altura ,
 Fuentes , flores , est'otra , y verde prado ,
 Mas aquel coraçon que no desmaya ,
 Por el monte agro vá , dexa la playa.

VIII.

Ora otra vez a Andres , que vá sin mientes
 Huyendo los apriscos , y lugares ,
 Y a todo lo pisado de las gentes ,
 Añadiendo cansacio a los pesares ,
 Ah loco , y de quien huyes ? no lo sientes ;
 Que das mas viento al fuego sin penfares ?
 Loco , loco vna vez , otra vez loco ,
 Yá que vás a tu mal , và poco a poco.

IX.

Tu mientras que los otros apascientan
 A sus rebaños , Iuan , Pedro , y Rodrigo ,
 Mientras nel pedernal fuego arrebieantan ,
 Hurtados de los vientos al abrigo
 Do sus passados casos se recuentan
 Tu debatiendo vás solo contigo ,
 Mientras tañendo estan , mientras cantando ,
 Tu vafte ansi , y ansi deuanearando.

X.

Pascuala , cruel sierpe , no offendida
 (Alomenos de mi) toda inflamada
 De su veneno , dà d'arremetida
 El cuello , el pecho , y la cabça alçada :
 Siluando la su lengua en tres partida
 Como llama de fuego apresurada ,
 Que es esto? que te he hecho? ah que me quieres?
 Cruel,

Cruel , la mas cruel de las mugeres.

XI.

Querida sobre todas las zagalas ,
Que hechizo hà sido di ? que encantamiento ,
Que dura fuerça de palabras malas
Las que trocar te hizieran el pensamiento ,
Bien pintan al Amor ciego , y con alas
Alçòse presto , y tan liuiano al viento ,
Yo tras el de affomada en affomada ,
Que no se tras que voy , voyme tras nada.

XII.

Y nunca quiero entrar conmigo en cuenta ,
Que cierta sea (triste) ni saber
La causa , porque esta alma ansi se affrenta ,
Que a nadie mas que a si , deue querer ,
Amor como enemigo , que consienta ,
Me dize , y que podia yo ende hazer ?
Quien puede huyr (cuytado) a su ventura ?
Mal remedia locura a la locura.

XIII.

Aun las fieras seluages como son ,
Vencerse dexan de humanidad buena ,
El Toro brauo , el mas brauo Leon
Con tiempo muestran que no sienten pena ,
El vno en yugo , el otro en la prision ,
Si la boz conosciada al ayre suena ,
Del Halconero , luego desde el Cielo
A prenderse el Halcon baxa de buelo.

XIV.

Todo lo vence el tiempo , y la porfia ,
En piedra dura el agua , si descende ,
Aunque ella es blanda , caua todavia :

Es

Es duro el hierro , gástase porende :
Lo que no haze vn dia , haze otro dia ,
A las sus fuerças quien se le defiende ?
Duríssima Pascuala , quanto en ti
De amor trabajo , y fé , tiempo perdi ?

XV.

Vemos la golondrina , buelto el pecho
Al viento , como vn rayo irse bolando ,
Ora en cielo , ora en tierra , el cuerpo estrecho ,
Las alas pocas vezes meneando :
Contra la vena d'agua vá al derecho
La trucha , las açudas trespasando ,
Aues ay que de dia nunca vuelan ,
Y por la noche obscura se desfuelan.

XVI.

Ay animales que a los nuestros fuegos
Se acogen constreñidos del mal frio ,
Otros nos huyen , son como vnos juegos ,
Vnos al monte buscan , otros al rio :
Biuen dentro , otros de la tierra ciegos ,
Vnos del fuego , otros del rocio ,
No sé que condicion tienes Pascuala ,
Cierto no de muger , no de zagala.

XVII.

Mas antes de zagala , y de muger ,
Que debaxo de aquella vista hermosa ,
Tan llegada al diuino en parecer ,
Escondio la natura artificiosa
El mayor mal que pueden ojos ver ,
Daño que haze la pena deleytosa ,
Ponçoña de gran fuerça mata el vellas ,
Mata el oyllas , mata el oyr dellas.

XVIII.

O que ayas mucho de mal grado Amor ,
Que anfi nos turbas el entendimiento ,
En lo que es mas dañoso ay mas fabor ,
Errado el peso , la medida , el cuento ,
Donde se sigue que de vn tal error
Se vayan recreciendo ciento a ciento :
Qual fuente auelenada perenal ,
Donde mana despues tanto de mal.

XIX.

Suerte dura , y cruel , que tal consiente
De monte en monte voy , de valle en valle ,
Huyendo lo pisado de la gente
Para que solo grite , y solo calle :
Amor viense tras mi porfiadamente.
Que yo no se quien le enseña a que me halle,
Yà tiempo ser deuria que dexasse
Este Andres triste, y que otro Andres buscase.

XX.

A quien como a zagal vano , y sandio
Mostrando con blandura los sus ojos ,
Turbasse juntamente el aluedrio
Enchiendole de mil vanos antojos ;
De vn crer , de vn esperar mas que baldio ,
Gozos inciertos , ciertos los enojos ,
En fin (como se dize en viejos cuentos)
El ayre lleva los encantamientos.

XXI.

Aquellas sus pinturas tan herinosas ,
Aquellos mundos en puntos pequeños ,
Las playas , las riberas deleytosas ,
Las sus riquezas tantas , y sin dueños ;

Tan-

Tantas sin precio piedras preciosas ,
 Las naues viento a popa , vanos leños ,
 Las fuentes claras , las frescas verduras
 A defora (no veis ?) son peñas duras.

XXII.

Mas eya que así manda aquel tyrano
 Aquel niño , aquel ciego , aquellos celos ,
 Que vaya donde el mundo es siempre cano
 De nieues blancas , de perpetuos yelos ,
 Do presa el agua está aun en verano ,
 Do suelen siempre ser turbios los cielos ,
 Auer si resfriaran llamas tamañas ,
 Como se alçaran dentro en mis entrañas.

XXIII.

O por ventura si seria mejor
 Irme ázia est'outra parte a donde vea
 El Sol andarse siempre al derredor ,
 Que no se esconda , como que esto sea
 Sino remedio , aliuio àquel dolor ,
 Con que el alma vencida deuanea ,
 D'otro quiza , pudiera triste huyr
 De mi do me podré descabollir ?

XXIV.

Si vna ora no podia estar sin ti ,
 Como podrè passar por los tamaños
 Dias , que aora vienen sobre mi ?
 Como las noches antes luengos años ?
 Si todo , si a mi mismo aborreci
 Despues que supe mas destos mis daños ?
 Ora desengañado aqui que attiendo ?
 Que me aconseja Amor que no le entiendo ?

XXV.

Con que viene de nuevo esta mal sana ?
No se si es alma la que me detiene ,
De noche auiendo miedo a la mañana ,
Y de dia a la noche quando viene.
Ora huye , ora a mi buelue liuiana ,
Ansi como el autojo sobreuiene ,
A donde no quedò remedio algun ,
A que prouallos ando a vno a vno ?

XXVI.

Si mas me quereis ver muerto a la luenga
Tanto tiempo mal dando a las querellas ,
Dexadme , y iré a ver Eluira , y Menga ,
Que me embian dezir que vaya a vellas ,
Las mis buenas amigas , que no es luenga
Iornada , harè lo todo antes de estrellas ,
Mas no. , no me dexeis , que Dios os vala ,
Que no està como fuele ende Pascuala.

XXVII.

Mudò los passatiempos que solia
Tener la mi Pascuala , antes agena ,
Antes toda otra cosa que no mia ,
Quien la quisiera hallar busque Ximena ,
Su nueua , y su agradable compaÑia ,
La Sancha , la Toribia , y la Morena ,
Enseñadas a hazer por mis peccados
De vn solo coraçon muchos guisados.

XXVIII.

Mas yo de quien me quexo ? el de culpar
Yo soy , que yo era el mismo que me andaua
Con tanta diligencia a me engañar ,
Yo era el que traya , y el que lleuaua

(Qual

(Qual dizen) al sabor del paladar
 No via , no entendia , no escuchaua ,
 Que mas ciego , ni sordo puede ser
 Que aquel que nada oyr quiere , ni ver ?

XXIX.

Dexadme ir a los montes , que vn Cingial ,
 Vn Oso , vn Lobo , mientras los persigo ,
 Quizà vn dia daran fin a mi mal ,
 Murio en el monte Adonis , de enemigo
 Colmillo herido el triste (y que zagal
 De tan hermosa Diosa hermoso amigo !)
 Ella lo tiene en brazos , quien los viere
 A penas juzgarà qual dellos muere.

XXX.

Qual vida , qual salud se le pudiera
 Igualar a tal muerte como aquella ,
 Que oyendo , y respondiendo se partiera ,
 Los ojos (al quebrar la vista) en ella ,
 Que dellos recogia la postrera
 Yà muerta luz , que antes cegaua en vella ;
 Vete buen moço en paz con sus despojos ,
 Y no buelas atras nunca los ojos.

XXXI.

Y quando fuesse , que en los montes frios
 Peligros , ni canfacios me venciesen ,
 Ni me anegasen impetuosos rios ,
 Que inchados de las sierras se cayessen ,
 Quizà seria que los canes mios
 De rabia , o hambre , a caso me comiesen ,
 O por diuersos acontecimientos ,
 De aquellos que se cuentan en viejos cuentos.

XXXII.

Quien me sabrà dezir que cierto sea ,
 En que parte del mundo en agua , o tierra ,
 Me desafia la Muerte a la pelea ,
 Que siempre amenazando a vn punto cierra ?
 Mas si ha de ser , mejor será que yo vea
 Preuenida por mi su dura guerra ;
 Vamos , que traerà despues la suerte
 Iusta vengança a la mi injusta muerte.

XXXIII.

Allá me llama Amor d'aquella altura ,
 A bolar tras el voy , veré si así
 Pondré fin a la vida , y a la locura :
 Passaran los pastores por aqui
 Cantando mi cruel corta ventura ;
 Cruel llamando Amor , cuytado a mi ,
 A priessa por salir del val priado ,
 Por la muerte de Andres mal estrenado.

XXXIV.

Los vnos a los otros gritaran ,
 Huye del valle a do yaze el zagal ,
 Y los otros tambien responderan ,
 Huye del valle a do yaze el zagal :
 Y todos juntos mas añadiran ,
 Que por amar tambien murio tan mal ,
 Que por amar tambien tan mal muriò ,
 Dessa peña alta Amor le despeñò.

XXXV.

Y quizá cantaràn por las florestas
 En tiempos por venir buenos pastores ,
 El triste cuento mio , y mis requestas ,
 Los saltos de ventura mis amores :

En las fuentes sombrías por las siestas
 Al Sol despues ; passadas las calores ,
 Que refrigerio auran los hueffos frios
 Sintiendo renouar los casos mios ?

XXXVI.

Los quales en su tiempo no tuuieran
 Tal fuerte , antes corridos de fortuna ,
 A quien mas los causó menos dolieran ;
 Dura zagala sin piedad alguna ,
 Mas de quantas seran , de quantas fueran ,
 Hago testigo al Sol , hago a la Luna ,
 Ay las mis esperanças lisongeras
 Passais a mengua d'otras verdaderas.

XXXVII.

Dixo , y teñido de color de muerte ,
 A subir empeçò la braua peña ,
 Amor aqui los mis versos concierte ,
 Si a los suyos , y a mi versos enseña ;
 Aunque seria bien de aquella fuerte
 Que dicen , al mar agua , al monte leña ,
 En versos añadir mas a las cosas ,
 Y a las obras de Amor marauillosas.

XXXVIII.

Agora que me haré ? que me aconsejas ,
 Mi çampoesia yá tanto ida adelante ?
 Las Musas vergonçosas zagalejas
 Todas se me demudan nel semblante ,
 Todas los ojos baxos , y las cejas ,
 Mas Apolo el mayor quiere que cante ,
 Por fuerça es que se cumpla su mandado ,
 Sino que mal me tiene amenazado.

XXXIX.

Vna cueua en la peña se escondia ,
 No de manos humanas , ni exercicio
 Humano alli labrada , hecho la auia
 De natura la industria , y el artificio ,
 Para quando vn tal caso acontecia
 Como el de Andres , que al proprio sacrificio
 (Como dixe) passaua ; eis que acontece
 Tal vez creciendo el mal que se guarece.

XL.

Fuesse verdad , o fuesse sueño Andrès
 Vio claro , o pensò ver dentro en la cueua
 Satyros que cantauan Cabripies ,
 Y Faunos , y Syluanos , cosa nueua ,
 No vista nunca d'antes , ni despues ,
 Crean los por venir , que es harta prueua
 Vello de loco sano , y ver que alguna
 Noche cantaua , assi solo a la Luna.

XLI.

Cantauan , y baylauan en sus fiestas ,
 Nuestros rusticos Dioses , yo atordido ,
 De lo que via , con mi mal acuestas ,
 Cabi por tierra , fermehà mal creido ,
 En derredor boltauan las florestas ,
 Boltaua juntamente mi sentido :
 A reuezes cantando vnos dezian ,
 A reuezes los otros respondian.

XLII.

SAT. Pasiphe (ah que verguença !) và buscando
 El Toro hermoso , váse a las manadas
 De las vacas a solas suspirando ,
 Teneisme acá el mi amor ? tan mal miradas

Que no me lo enseñais , y veis qual ando ?
 Dezia (de mil lagrimas regadas
 Sus hermosas mexillas) ah cruel ,
 Que se anda tras vosotras , yo tras el.

XLIII.

FAUN. Rodeaua las aguas vna a vna
 (Del blanco Cisne enamorada) Leda ,
 El se alça a buelo , ella sin ninguna
 Color de biua , vn blanco marimol queda :
 Mirando fixo , como la laguna
 'Traspone , y el rio , quanto aturar pueda ,
 Despues que no le vé defecha en lloro
 Embia el coraçon tras su thesoro.

XLIV.

SYLU. A quien dará su amor la grã guerrera
 Simiramis ? a quien ? saluo al ardiente
 Cauallo , que en la lide conosciã
 De mas furor al freno obediente :
 A quien los pies calçara , a quien abriera
 Un blanco la orgullosa , y alta frente ?
 Aquella que por si no hà miedo a cosa
 Por el en la batalla entra medrosa.

XLV.

SAT. Fueran las nietas de Belo cincuenta ,
 Y cincoenta los nietos , ajuntò
 En casamiento a todos : de tal cuenta
 Las manos limpias , sola vna guardò :
 Defastrada , cruel , noche sangrienta
 Que tanta crueldad vio , y encubrió ,
 Tardaua el Sol en ver el caso indino ,
 Quando vuo de venir , cubierto vino.

XLVI.

FAUN. Beldad , fangre , theforos , arte , estrellas
Tódo lo tuuo en fu fauor Medea ,
Perdonen aora aqui nobles donzellas ,
Si del fu Amor fe cuenta obra tan fea ;
Buen remedio por cierto a vnas querellas
(A vn mal que no ay lugar de que fe crea)
Ayrada en fus hijuelos tiernos puso
Manos , deuidas mas a rueca , y hufo.

XLVII.

SYLV. Vn pastor fuerte , mas de flaco auiso ,
Delante quien huyan los Leones ,
A Dalida maluada el bien , que quifo ,
Causa le fue de injurias , y prisiones ;
De muerte al fin , paffaualo ella en rifo :
No fe como anfi fon fus coraçones ,
Quieren por el bien mal , por el mal bien ;
Sin faber como , ni porque , ni a quien.

XLVIII.

SAT. La joya de Eriphyle , que escondia
Tan grandes daños en la fu riqueza ,
Por cima de los mas que hechos tenia
Hizo aquella infamada , y gran crueza ,
La muerte de Amphiarao , que todo via ,
Mas que aprouecha contra la dureza
Del hado , la prudencia , ni el faber ?
Y que contra codicia de muger ?

XLIX.

FAUN. Esta nuestra riqueza , aunque Aldeana ,
Offrecida , pero quien la defecha ?
El don hermoso de la blanca lana
Bien sabe el nuestro Pan quanto aprouecha :

O que ella fueſſe , o parecio Diana ,
 Era alta la floresta , huuo sospecha ,
 No burlo , mas de veras , como es esto ?
 Quien mas cargado vá , llega mas presto ?

L.

SYLV. Aquel Galo pastor , aquel que tanto
 El Tytiro alabò por su Lycores ,
 Como (zagala ingrata) en cuyta , y llanto ,
 Muerto quedado se há matando amores ?
 Ella sigue las armas , que ni tanto ,
 Ni quanto mira a llores de pastores ,
 Socorrese el cuytado a la çampoña ,
 No remedio àquel mal , antes ponçoña.

LI.

FAUN. Las dos Ioanillas tan ricas zagalas ,
 De pastos , de ganados , de theſoro ,
 (Que en cada parte se ay de las Pascualas)
 Colgò vn su amigo Andres de vn cordon d'oro
 Que ella labrara por sus manos malas ,
 La mayor dellas , la menor en lloro ,
 Y en sangre rematara el su Amor breue ,
 El Sebetho lo sabe , y quien lo beue.

LII.

SYLV. Iunto del turbio Tybre , que rebaños
 Ay de zagalas , mas que deuen sueltas ,
 Que bien de doblezes , y de engaños ,
 Palabras dulces en ponçoña embueltas ;
 Con que a los moços , con que a viejos años
 Hazen que ciegos van dando mil bueltas ,
 Isla de Circes mala , alli vereis
 Vnos tornados puercos , otros Bueis.

LIII.

Todos. Quien bastará a contar cuentos sin cuento,
 Lo sin medida ; quien cansa en medir ?
 Quien coger en las redes querrá el viento ?
 Quien sembrar en la arena , y quien cubrir ?
 Cierto que es mas que loco pensamiento ,
 Las leyes comunes han se de sufrir ,
 Mas que enmendar , mil cosas se sostienen ,
 Porque unas van a sí , porque otras vienen.

LIV.

Nascio deste gran mal , grande prouecho ,
 Que Pascuala nombrar oyendo Andres ,
 Boluiendo en mi , alcéme , y con despecho ,
 Y marauilla dixe , esto como es ?
 Si sueño vanamente , o si sospecho ?
 Besé la tierra , y di luego a los pies ,
 Fuyme a vna agua corriente , ende lauado
 Bolui sin quexa al hato , y sin cuydado.

A DOM MANOEL DE PORTVGAL.

EGLOGA QVARTA.

I.

FILHO daquelle nobre , & valeroso
 Conde mais junto á gram casa Real ,
 Que abastará dizer do Vimioso
 Senhor Dom Manoel de Portugal :
 Lume do paço , das Musas mimoso ,
 Que certo vos daram fama immortal ,

Quan-

Quando homem cuyda que no cabo estais
Tornando olhos a vòs , por vòs passais.

II.

Em que vos feruirey cà deste monte
Tal mercé nesta terra pouco usada ,
Mas muyto n'outra alli logo defronte ?
Aquella Egloga vossa me foy dada ,
Encoitado jazendo à minha fonte ,
De versos estrangeiros variada ,
Parecia que andaua a colher flores
Co as Musas , co as Graças , cos Amores.

III.

Entam tornando em mi , dixe comigo
Certamente eu trazia errada a conta ,
Que inda ha quem nos renoue o tempo antigo,
De que tanto se escreue , & tanto conta ;
Agora me reprendo , & me castigo ,
Que flz á nossa Lusitania afronta ,
Cuidey que sô buscava prata , & ouro ,
Buscastesme no meu escondedouro.

IV.

Andando após a paga , ouue aos sisos
Medo (que assi o confesso) & a hũs pontosos ,
De rostros carregados , & d'hũs risos
Sardonios , ou mais claro , maliciosos ;
Quem tantos tentos , quem tantos auisos
Terá , que empare os golpes perigosos ?
Em fim Senhor , pastores se adiantem ,
E quanto mal vier cantando espantem.

V.

Quereinvos por senhor , não por juiz ,
Rigores a departe , que são dignos

De perdão os começos , já que fiz
 Aberta aos bons cantares peregrinos ,
 Fiz o que pude , como por si diz
 Aquelle hum sò dos Lyricos Latinos
 Ora prouemos já a noua lingoagem ,
 E ao dar a vella ao vento boa viagem.

P A S T O R E S D A E G L O G A.

GONÇALO. BIEITO. INES. BEATRIZ.

GONÇ. **Q**VANTAS cousas Ines, madrinha, & tia,
 Se me vão descobrindo de ora em ora ,
 Inda que eu faça corpo , gesto , & ria ?
 Polla alma de quem mais não pode , afora
 Outros respeitos , cumpre ter paciencia ,
 Té que seja da vida , ou da dór fora.
 Aos erros he deuida a penitencia
 Por conta , por medida , por balança ,
 Seja juiz a propria consciencia.
 Porem quando ao contrario da esperanza
 Em vez de galardão acode pena
 Quem terá sofrimento em abastança ?
 Amor que por antolhos tudo ordena
 Bem pouco se lhe dá de que a fé sancta
 Se quebre com graõ culpa , ou com piquena.
 Faz hũa , & outra poufa o Gallo , & canta ,
 Eu eisme aos pès , ora eisme à cabeceira ,
 Té que o mesino trabalho me leuanta.

E voume ao meu fozil , & à pederneira ,
Em fogo aceso o fogo accendo , & ando
Do quente ao frio , do frio á fogueira.
Assi vanmente triste porfiando ,
Dou volta à cama , abrolhos me atormentão
De claro em claro o coração passando.
As que nos berços sangue nouo auentão ,
Vierão ter ao meu , chamaõlhe Estrias ,
Que a tantas de crianças arreffentão.
E disserão por mi , viua algús dias ,
Que assi lh'apraz aos fados , & tiuerão
As mãos quedas em si , & as vnhas frias.
Mas que falsa de mi piedade ouuerão ?
Quanto melhor me fora , que n'um ponto
Em paz deff'outra parte me puserão ?
Despois seguiu-se hum conto , & outro conto ,
Tempos tam desuayrados , que aſsemelhão
Mais da fortuna os jogos , que não conto.
Os fracos corações logo ajoelhão ,
Desmayão logo , vendose em tal laço
Em poder da mã d'òr , mal se aconselhão.
INES. Afilhado , & sobrinho , juràs faço
Que disſo mais nam ſey certo , que ſeja ,
Sò que perdeste muito em pouco eſpaço.
Quem nam morria por aqui de enueja
De ti , sobrinho , em tudo o que fazias ,
Que en tudo manha , & graça te ſobeja ?
Todos nas feſtas onde apparecias ,
Hum côr , outro tenção logo mudaua ,
E ſomiaſe outro entre as companhias.
Onde cantauas , ninguem mais cantaua ,
Onde tangias , mais ninguem tangia ,

Onde tu te despias , quem lutaua ?
E lembrame que estando , ora qual dia ?
Comigo Grimanefa , & Beatriz ,
Tinhamos entre nós certa porfia.
Como vez que hũa diz , & que outra diz ,
Naquelle proprio ensejo eis que passauas ,
Passando disseste alto : Eu que lhe fiz ?
Parece que contigo peleijauas ,
Como acontecc às vezes bracejando ,
Que nam dauas vagar , nem o tomauas
Vite , ouuite , caleyme ; senain quando
Disse hũa contra mi , qual vay Gonçallo ,
Vay (disse eu) como muitos fãdejando.
Tudo aquillo faõ mimos , já fez callo
(Disse outra) n'huns affanhos de mimoso ,
Ou se olho máo lhe fez algum aballo.
Quando eu aquillo vi já perigoso ,
Achastes vós (lhe disse) outro zagal ,
A quem chamardes vaõ , a quem pontoso ?
A primeira ficou como hum coral ,
A segunda de todo descòrada ,
Parece que ambas o tomaram mal.
Mas tudo isto , sobrinho , he pouco , ou nada ,
Saluo que às vezes estes nadaas sam
Muito ao miolo que já traz pancada.
GONÇ. Quantos sonhos que vem , quantos que vam ?
Coytado do dormente , que assi jaz
Ora torcendose , ora rindo em vam !
Quanta conta se faz , quanta desfaz ,
Erradas as piquenas , & as mayores ,
Ou feitas com queixumes , ou com paz.
INES. Certo mal comedidos sam postores ,

(Aja

(Aja eu de ti perdaõ) sempre queixosos ,
Nam nos posso entender em seus amores.
Tam mãos de contentar , tam rauinhosos ,
Não sabem estreimar o mal do bem ,
Sempre aggrauados , sempre sospeitosos.
GONÇ. Mal te saberia ora por ninguem ,
Nem por mi responder , seja o que for ,
Corrão ventos dáquem , corrão dálem.
Mas dize , tia , pollo meu amor ,
Isto das mais gabadas desta terra ,
Quanto hà que foy ? renoua a minha dòr.
INES. Por certo se a memoria me nam erra
Voltando o Sol despois nam se escondeo
A nós dez vezes , dez deu vista á terra.
Inda te digo mais que aconteceo
O que te disse alli naquelle logo
Onde tu já cantaste , outrem gemeo.
Dia de muito riso , & muito jogo ,
Venceste á luta ao pario , & ao cajado ,
E despois nos cantastes a nosso rogo.
O teu cantar tam brando , & tam gabado ,
No som , & nas palauras tam queixoso ,
Onde me acolherey ? tudo he tomado.
GONÇ. Como este Sol dà voltas tam trigoso !
Quanto que já folguey de ouuir cantares ,
E quanto de os cantar fuy cobiçoso ?
De todos me esqueci , tantos a pares ,
Até as vontades muda , & tudo leua
Configo , & do prazer faz maos pesares.
Elle he o em que vay tudo o que releua ,
Elle faz , & desfaz as agonias ,
Não olhes mais se choue , venta , ou neua.

Mas quanto ao meu cantar , que antes dizias
Iſſo me lembra bem , que era em Setembro,
De mais quero prouar ſe inda me alembro.

C A N T A.

I.

Onde me acolherey ? tudo he tomado ,
Nam parece eſperança aqui nenhũa ,
Sombras feas , & negras , mal peccado ,
Eſtas ſi que apparecem , couſa algũa
Não ficou por fazer , como o paſſado ,
Será o que he por vir , ouçame a Lũa
Delgada , que traſpoem polo alto monte ,
Seus trabalhos cos meus coteje , & conte.

II.

Que ſe os velhos Solaos fallam verdade ,
Eem ſabe ella por proua , como Amor
Magoa , & auerá de mi piedade ;
Endimiao tam fermoſo , & tal paſtor ,
Entre as flores dormia em freſca idade ,
Olhando ella do Ceo perdia a cór ,
Té das flores cioſa , & d'agoa clara ,
Que o ſeu fermoſo Amor lhe adormentára.

III.

Cantão , & contão mais que ouue hum tyrano ,
De grande poderio , & grande auer ,
Que vendo a bella móça em corpo humano ,
Que andaua a colher roſas a prazer ;
Salteoua , rouboua , foyſe vſano ,
Por força , ou por vontade ouue de ſer ,
Riquezas más , injuſto ſenhorio ,
Que ajuntais à vontade o poderio !

Ora

IV.

Ora a mãy preguntando longamente ,
 Por hum só bem , que tinha , onde o achará,
 De hũa gente passando em outra gente ,
 Tambem aos Deoses culpa , ah forte mã !
 E justiça mayor , que tal consente ,
 Buscando por demais tudo o de cà ,
 No Reyno a achou de sombras vãs cuberto ,
 Ex co genro cruel vem a concerto.

V.

Partem o tempo entre si , que era deuido
 De todo a mãy roubada , ah que dos Reis !
 Que dalli veo o nome de partido ,
 Que sempre forçado he , & contra as leys ,
 Mas que fará quem tudo tem perdido ?
 As vossas lagrimas que as enxugueis ,
 Triste quem poderá fogir ao fado ?
 Onde me acolherey ? tudo he tomado.

INES. Nam te deixaram hũa , & outra fonte
 Dos teus olhos cantar mais por agora ,
 E os meus ja aqui tambem punhamse a monte.

Andamonos assi de foz em fora ,
 De nosso porto sempre em differenças ,
 Sempre esperando em vam ver melhor ora.

Para o corpo se acharam mil doenças ,
 E para alma cem mil outras piores ,
 Tantos acordos , tantas defauenças.

A mocidade vaã governaõ amores ,
 Estendemse inda ás vezes tè a velhice ,
 Quando já tudo he presa , tudo dõres.

Que cousa falta alli para doudice ?
 As mãos , os olhos defassofegados ,

Choros , & gritos como em meninice.
 Aquelles seus sospiros apressados ,
 Aquelle ir , & tornar , que nada attina ,
 Aquelles seus inimigos , seus cuidados.
GONÇ. Passou (ora qual dia?) hũa çamphonina ,
 Polla Aldea cantando , elle era cego ,
 Guiauaio loura , & branca hũa menina.
Tambem aquelle nam tinha affofigo ,
 Chegamonos a ouuir certos pastores ,
 Pelayo , Pedro , Ioam , Gil , & Diego.
Parece que suaua inda suores
 Mortaes , & que do peito lhe sahiaõ
 Sospiros mil ; cantou males d'amores ,
 Fezmos entristecer quantos ouuiaõ.

CANTIGA DO CEGO.

Vn tiempo miròme Helena ,
 Sospechè que eramos mas ,
 Juré no miralla mas ,
 Nunca cosa hize tan buena.
 Amor anda en sus consejas ,
 Mas bien seria yo loco ,
 Si en sus malas mañas viejas
 Mucho fiasse , ni poco.
 Alma de lastimas llena ,
 A que vienes , y a que vas ?
 Que puedes negar , Helena ,
 A quien los tus ojos das ?
 Enemiga fuerte triste ,
 Hazme la vida quitado ,
 Y a quien pienfas , que la diste .
 Quiçà que nada le has dado.

Harto mal , peor se ordena ,
Mas que debato yo mas ,
Que tu misma , aun appena ,
Pienso que lo negarás.

Y estos ojos de mis juras
Si se burlan , a la fé
No se fien en locuras ,
Caten que los quebraré

Esta culpa sea agena ,
Que otras son mias affás ,
Por razon vá , que en la pena ,
Vença aquel que pena más.

INES. Palauras cheas d'impeto , & payxaõ ,
Não quero mais dizer cheas d'engano ,
Que ellas mesmas por si dizem o que saõ.

Nam façás suspirando longo o anno
Temte como aruore aos ventos em pé ,
Dá tempo , dá lugar ao desengano.

GONÇ. Não me dirás , madrinha Ines , atè
Quando esperar me mandas hum ingrato ,
Que dizem que não ouue , & que não vê ?

Esperey , & sofri , fiz mao barato
De mi , & quem mal cae , diz que mal jaz ,
Exemplos velhos saõ , tornome ao fato.

INES. Quiserate dizer , vayte ora em paz ;
Porem com que esperanza ? mas quem vejo
Là vir , que em queixas todo se desfaz ?

GONÇ. Este vos he Bieito , & bom varejo
Dizem que ouue elle o gano , ora anda à caça ,
Triste de mi nam sey , outrem correjo ?

Neste mundo d'escarneo tudo he graça ;
Nam sabemos o quando , o como , o quanto ,

E às vezes muyto bem , mal te ameaça ,
Offertese cada hum , tia , a bom sancto.
BIET. Quem deu a Amor quebráto, & o fez cruel?
Quem tornou tudo fel quanto aprazia ?
Que se fez deste dia oje tam claro ?
Como se compraõ caro neuos , ventos ?
Que incertos fundamentos d'esperanças ,
Trocadas as mostranças de hora em ante ?
Mandame Amor que cante a frauta branda ,
Passatempos em que anda à custa alhea ?
A Deos por sempre Aldea , atè que caya
Debayxo desta faya , ou deste freixo ,
Por onde me ora queyxo , andando em vão ,
Entam se acabaram tantas contendas ,
Vayse agoa pollas fendas , feita he a conta ,
Hum pouco mais que inonta de tal vida ?
Queixa da razão tida sem razão ,
Que as cousas todas dão de seu perigo
Sinal , como de imigo , porque seja
Auiso a quem o veja , que não tarde ,
Vemos ao fogo que arde , irlhe diante
Fumo escuro que espante : ante a tormenta
Pollas defesas venta leuemente ,
Ameaçando a enchente , vem soando ,
Vem de braua escumando , abate , estronca ;
O mar primeiro ronca , alçase inchado ,
Logo algum abrigado junto á terra
O pescador afferra com gram pressa ,
Pollo monte atraueffa o mao faminto
Do Lobo , & por destinto o gado entende :
Ajuntase , defendese , agasalha ,
Ordenase em batalha , ao vso erguido ,
TOM. I. F Vay.

Vay diante o appellido , fae sem cor
Da cabana o pastor , que todo treme ,
Do dano o medo o preme antes do dano ,
Ora este Amor humano , que assi apraz
No começo que em paz alma repousa ,
Húa tão branda cousa , como empece ?
Isto como acontece à natureza ,
Que de certa se preza ? quem diria
Onde triste trazia isto escondido ?

INES. Traspos em vento , he ido como tudo :
Como soar fazia o rio bem ,
Parece que ficou todo este ar mudo.

GONÇ. Ves alli o que faz : mas eu com quem
Estou , tia , fallando ? **INES.** Inda lhe ouui
Saudades do meu mal , todo meu bem.

GONÇ. E tu nam cuidarás que he aquillo assi ,
E a nossas queixas vãs todas chamais :
Prouvera a Deos , madrinha , fora assi.

INES. Tambem vósoutros todos vos queixais
(Como já disse) muito , & por costume ,
E não razão , nem causa que tenhais.

Cada hum se chama facha ardente , ou lume
E fragoa onde se proua sua fineza ,
E destes tais , queixume apos queixume.

Quisera nos amores mais simpreza ,
Quero dizer , quiseraos mais singellos ,
E mais dissimulada esta tristeza.

Não vos quisera assi tam amarellos ,
Nem tam achacadiços , este geme ,
Dest'outro choraõ sempre os olhos bellos.

Outro por Julho , & por Agosto treme ,
Arde em Dezembro , foge á claridade ,

Sospeitoso , de si proprio se teme :
Mas emprendia ora eu boa vaydade ,
Deixemonos d'estar mais nestas chaças ,
Cuido em fazerte mal , bem à vontade.

GONÇ. Assim tenhas prazer , tia , que o faças
No que poderes , sempre sem trespasso
A mi não olhes , nem que me desfaças.

INES. Hum pouco nos vay sendo o tempo escasso
Por isso cumpre pôr peito à montanha ,
Não ves como o Sol foge ? estende o passo.

GONÇ. Que estenda o passo eu como? olha tamanha
Passada que aqui dou : logo outra perto ,
Ora vejamos quem mais terra apanha.

INES. Eu sospeitey que andauam em concerto
De certa romaria as mais louças ,
Pode ser que seja erro , ou seja acerto.

Mas posto que as passadas sayão vãs ,
Nam foram as primeiras , meu sobrinho ,
Nem dizem sempre as tardes co as menhãs.

GONÇ. Melhor fruto espero eu deste caminho ,
Porque , ou mal vejo , ou vejo bom final .
Tanta sayxa de cór , tanto saynho.

INES. Olha que em tudo o sofrimento val ,
A cabeça nam corra mais que os pes ,
Seja a razam a guia principal.

GONÇ. Ó minha tia , & boa amiga Ines ,
Tu me guia , & governa , que eu nam rejo ,
Nam sey , tu sabes ; nam vejo , tu ves.

INES. Pois olha , nam te empeça o ser sobejo ,
Que se húa ora aproueita , muitas dana ,
Benzete do diabo , & do desejo.

Cada húa destas moças anda vfana ,

Cuida que o Sol lhe bayla ; sam gabadas ,
 E nam ha já quem cuide que se engana.
 Nam tenham aqui poder oras mingoadas ,
 Que se nos sentem logo ham de dar côr ,
 Que eu sou a que ando nestas espreitadas.
GONÇ. Se soubesses o frio , & o pavor
 Que me tomou , madrinha , esforçarmehias ,
 Tanto ao contrario de porme temor.
INES. Em verdade que tens moço as mãos frias ,
 E branca a boca mais que esta toalha ,
 Possas soffrer o bem , se o mal podias.
GONÇ. O tamanho aluoroço a tudo atalha ,
 Muito mais o prazer , que a paixam , toma
 Poder do coração nesta batalha.
INES. Esforça , que Beatriz o adufe toma ,
 E começa a tanger com tanta graça ,
 Que hũa ora o som traspoem, outra ora affoma.
Ora eu por fiador que a alguém prol faça
Se ella tambem cantar como parece ,
E como soe , que inda oje nos faça
Parecer esta tarde que amanhece.

CANTA BEATRIZ.

I.

Dura necessidade quando engrossa ,
 Como agua na ribeyra ,
 Quem não foge , podendo , vendoa vir ?
 Quem hà , porem que possa ?
 Cumpre de ter maneira ,
 Ou de pôr peito à agoa , ou de fogir ;
 Forçado a mi me he ir

Buscando pollos vãos contos passados ,
De que cante , que ey medo ao mao ensino ,
Mayor , que a cantar mal versos rimados ;
Em fim , direy d'Amor cego , & menino ,
Por defastre malino ,
Como lhe aconteceu ,
Mas se Amor foy vencido , Amor venceo.

II.

Em tempo antigo , longe em terra estranha ,
Hum Rey , & hũa Raynha
Ouerão filhas : a primeira veyo
De belleza tamanha ,
Que algũa igual não tinha ,
Sómente a que despois foy a do meyo :
Mas logo sobreueyo
Inda outra , que a estas fez como às estrellas
Faz o Sol claro , tanto que apparece :
Fallauão caualleiros , & donzellas ,
Como nas cousas raras acontece ,
A gente se lhe offrece
Como a Deosa immortal ;
Té do bem o sobejo sempre he mal.

III.

Não soffreo tal offensa Amor altiuo ,
Que fosse aos Deoses feita ,
Seu arco toma , os tiros apurou ,
De chumbo , & d'ouro viuio ,
Voando ao ar se deita ,
E n'um momento tudo atraueffou :
Mas enleado ficou ,
Quando tal fermosura ante si vio .
Fogiolhe o coração , a setta cae :

E no pé que diante hia , o ferio.
 Chora o menino , & grita polla mãy ,
 Com tal conselho fae ,
 Faz hum bosque encantado ,
 Alli geme , & sospira magoado.

IV.

Iá d'antes disto áquella grande fama
 Da fermosa Princesa ,
 A bellíssima Venus receosa ,
 Os seus Archeiros chama ,
 Em secreta defesa ,
 As mostras faõ porém d'estar ciofa ,
 Quando polla amorosa ,
 E delicada praya rumor corre ,
 Primeiro sem autor , & sem certeza ,
 Que o poderoso Amor d'amores morre :
 Mas logo se affirmou já com clareza ,
 Co a qual a mãy despreza ,
 Todo o respeito , & ceua
 De brando sono a moça , & lá lha leua.

V.

Cae a noite do Ceo , mas he dos lumes
 Vencida , & fica dia ,
 Com que (acordando) vio ricas pinturas ;
 Ardem ricos perfumes ,
 Os cantares , que ouuia ,
 Erão para abrandar as pedras duras :
 Poem-se á mesa , & figuras
 Correm , com vasos ricos , & sem conto ,
 Mansamente ordenadas sem peleja ,
 Tudo se faz alli prestes n'um ponto ;
 Que banquete quereis que o d'Amor seja ?
 Nam

Nam acha alli a enueja ,
Que possa desdanhar ,
Nem o appetite mais que desejar.

VI.

Mas porque me vou eu ora detendo
Em coufas que o sentido
Deixam por hum tam longo espaço atraz ?
Respeito ao Sol auendo ,
Direy de hum só partido ,
Que Amor logo tirou , mas duro affaz ,
Disse , nam me verás ,
Contentete o que vés : ah forte esquerda ,
Cruel , & cobiçoso pensamento !
Representouse ao Amor a grande perda ,
Do par que esuaecido n'um momento ;
Hã mister sofrimento
O mal , & inda o bem ,
Pouco estimado sò de quem o tem.

VII.

Promete do por vir ousadamente ,
Fazemse comprimentos ,
Que depois se cumprirão muito mal ;
Deseja ella a sua gente
Para assoalhar seus ventos ,
Querlhe mostrar andando o tal , & o tal ;
Cousa que tanto val ,
Cos nossos coraçõeszinhos pequenos :
Ora indo assi crescendo estes desejos ,
A fermosura cada vez he menos ,
Quanto dos mimos mais , mais dos entejos ,
Em fim (diz) bens sobejos
Sem as minhas irmãs ,

Não fois riquezas não , mas visões vãs.

VIII.

Ouuio , estremeceo Amor , porém
 Ouue de dar licença ,
 Dizendo de vagar , pois assi quer ,
 Razão he que tambem
 Agora niffo vença
 Quem sempre em tudo soe de vencer :
 Vemna as irmãs a ver ,
 E vendo hi tanto de que ter enueja ,
 Confusas dizem ; tristes mal fadadas ,
 Co que se perde aqui , co que sobeja ,
 Foramos todas bemaumenturadas :
 Nadas , menos que nada
 Noffas ricas riquezas
 Como esta as chamará pobres pobreza !

IX.

A moça amostra cá , & amostra lá
 Do que nam vem lhes conta ,
 Toda de face andaua , ellas do enuez ,
 Nam sofrem ver mais já ,
 Nam podem co'a afronta
 Com tudo cedo iraão dar a trauez ;
 O Sol anda de pes ,
 Os prazeres tambem co elle desfandaão ;
 Tambem as que fingiaão sospirauaão :
 Quem sabe os corações alheos , que andaão
 Fazendo ? se quereis , inda chorauaão ,
 Mas onde se entornauaão ,
 Aquelles vasos d'agoa ,
 Parecia irmandade , ella era magoa

X.

Nam se podem ter mais , ora em tal vida
Que gosto podes ter
(Disse hũa) triste irmã nossa enganada ?
Chorainoste perdida ,
E vindote assi ver ,
Tornainoste a chorar por mal achada :
A outra mais ousada
Tomando a mão , lhe disse , quem seria ,
Que outra cousa cuidasse ? se elle tanto
Te amasse , & se tal fosse mostrarsehia ;
Responder , que nam quer , disso me espanto ,
Ora eu nam no leuanto ,
Mas diz , que neste lago
Se vee às noites vir voando hum Drago.

XI.

Nam disse mais : os olhos nam sey mais ,
E os geitos , que differam ,
Fazendo casos : a moça enfraquece ,
Vaõ fuores mortais :
Todas em fim vieraõ ,
Que quando ha tempo o dilatar empece :
Eis a barca apparece
Em que se ham d'ir , deixamlhe lume aceso ,
Ordenamlhe o que faça antes que vamse ,
Veja-se em todo caso o tam defeso ,
E tam gabado esposo , entam descanse :
Outra vez as mãos damse ,
Soltão ao vento a vella ,
Fogem ellas co barco , co a praya ella.

XII.

Ora , já noite , chega Amor cansado ,

Lan-

Lançase no seu leito ,
 A boa fé descança , & dorme quedo ;
 Da Iffante o delicado
 Singello , & brando peito ,
 Vence-se , ora d'amor , ora de medo :
 Descobre-se o segredo
 D'Amor (couza diuina) olhos humanos
 Como ter-se podiam ao resplendor ?
 Malina inueja , que causou taes danos ?
 Deixao dormir , ah durma sempre Amor :
 A simples com temor
 Os passos desconcerta ,
 Deulhe o fogo no peito , elle desperta.

XIII.

Quantos , & que sospiros dà de nouo !
 Os gritos amiuda ,
 O jardim deleitoso n'um momento
 Em brejo escuro , & couo
 (Quein o crerá ?) se muda ;
 Que se fez de tam rico apparatamento ?
 Couzas sem fundamento
 Sempre em nada se tornaõ alli a desfora :
 As mãs irmãs , mãs furias infernaes ;
 Como affanhadas bichas lança fora ,
 A mesina paga sempre ajam as tais :
 A moça que errou mais
 Com singelleza , jouue
 Chorando em terra hum tempo , & perdão ouue:

XIV.

Esta Canção que eu fiz
 Cantando , minha em parte ,
 Já algum ascena , & diz

Nam sey que eu disto ouui ja n'outra parte ?
 Perdam de parte a parte ,
 Vós Musas me ensinastes ,
 Que do que outra ora ouuistes nos cantastes.

N E M O R O S O.

A A N T O N I O P E R E I R A ,
 SENHOR DO BASTO.

EGLOGA QVINTA.

I.

DE los nobles Floyais
 En Pereiras mudados ,
 Derecho tronco , sin algun contraste ,
 Que por nombre contaís
 Todos vuestros passados ,
 Del tiempo del buen Rey Alfonso el Casto ;
 Tan biuo se halla el rasto
 De succession derecha ,
 Y noble antigüedad ,
 Hasta esta nuestra edad ,
 Si esto al gran coraçon algo aproueça.
 Oyd vuestros pastores
 Que riñen , otros cantan sus amores.

II.

Espero que algun dia
 Aun se oyga en lexos parte
 (Sino que el gran desseo siempre engaña)
 Otra çampoña mia ,

La-

Labrada con mas arte ,
 De fino box , y no de flaca caña :
 Agora en mi cabaña
 A donde al importuno
 Tiempo me vine huyendo ,
 Que mal si estoy tañiendo
 Rusticamente , y no offendo alguno ,
 Que abrigado esté fuera ?
 Sino que entran acá vientos de fuera.

III.

Quanto tiempo perdi ?
 No se por donde anduue ,
 Vi tierras , vi costumbres diferentes ;
 Ya tarde buelto en mi ,
 Vn poco sobrestuue
 Arrimado , y dexé correr las gentes ,
 Por los inconuenientes ,
 Ver con ojos mejores ,
 Segura , dulce , y santa
 Vida del monte ; ah quanta
 Vana fatiga vi , quantos sudores !
 Y así cansado , y muerto ,
 De poluo llegue aqui todo cubierto.

IV.

Bien pudiera jugar
 Todo el dia al tablero ,
 Con la fuerte engañosa porfiando ,
 Pudiera trasfegar ,
 Los ojos al dinero ,
 Por el jurando siempre , y perjurando ;
 Más fuyme soffacando :
 A peligros de Villas ,

Y embates del conſejo ,
 Buſca abrigo el Buey viejo ,
 No es tanto el mal acá , no las renzillas :
 Embiaſtesme el buen Laſſo ,
 Con el paſſando iré mi paſſo a paſſo.

v.

El qual gran don , yo quanto
 Por os pagar ardia
 Sabeis , mas recelaua juntamente ,
 No me atreuiendo a tanto ,
 Que el ſon que me aplazia
 Por mi hizieſſe aplazer a nueſtra gente :
 Aqui junto a mi fuente
 Jugaua ſolo el juego ;
 Sacaiſme allà a la clara
 Lo que antes no acabara ,
 La ſoberuia amenaza , o el blando ruego :
 En compañía tal ,
 El bien ſerá mas bien , menos el mal.

P A S T O R E S

D A E G L O G A.

PELAYO. SANCHE. RODRIGO.
 SALICIO. BRAS. SERRANO.

PEL. **D**IME paſtor de cabras alquilado ,
 (Y no te enojos con la tal demanda ,
 Que me echas vn mal ojo atraueſſado)
 A quien embiò Toribia la guirlanda

Que

Que ella traya sobre sus cabellos ?

Cantando , con que boz , clara , y quan blanda?

Y a quien embiaua juntamente aquellos

Sus ojos que d'Amor son corredores ,

Que se yua el mismo Amor embuelto en ellos?

Mañana de san Iuan , quando a las flores ,

Y al agua todos salen , quien tal gala

Vio nunca , y tal donayre entre pastores ?

Ora que parecia alli Pascuala ?

Y Menga que ? Costança , y la Perona ?

Aquellas , que a su ver quien las yguala ?

Que gracia , que blandura , y que persona ,

Que color de vna Rosa a la mañana ,

Que al despuntar del Sol s'abre y corona ?

SANCH. Soldada tuya fue (cabeça vana)

Todo esse cuento , sirues años , y años.

Y al fin poco ganado , y poca lana.

Simple , que no percundes los engaños

D'essas demostraciones apparentes,

Vestidas por defuera en verdes paños ?

Tu duermes , y no duermen los parientes ,

No los amigos , no , quien cada dia

A tus claras locuras para mientes.

Pelayo , oh , oh , que errè , Pelayo , es mia

Vna ora , es otra tuya , otra vernâ

D'otros , que ansi se truecan a porfia.

Quando el tiempo sereno , y claro estâ

A vezes se recoge , y luego assuela

Todo con gran tormenta por do vá.

El feo turbion obscuro buela ,

Todo lleua consigo quanto afferra ,

Amenaza la villa , y el Aldehuela.

Mudado aquel sosiego en tanta guerra
Tomete descuidado el temporal ,
Ni quien eres sabras , ni de que tierra.

Correr no puede siempre el río ygal ,
Ni soplar puede siempre vn viento quedo ,
Mas durar (mal peccado) suele el mal.

Và ledó , và seguro , và sin miedo ,
Soberuio , todo inchado vâ , que ansi
Se viene a ser mas triste de mas ledó.

PEL. A vós gracias mis ojos , con que vi ,
Vno , que anda por ser yá del consejo ,
Y yaze sin saber parte de si.

En el lazo se está como vn conejo
Sin poderse de alli descabollir ,
Para si no lo tiene , y dá consejo.

SANCH. Que locura podeis mayor oyr ,
Oydos pacientes , que vn baboso
Crer que fortuna siempre le aya a reyr ?
Siempre le ha destar queda , por donoso ?
Por el sabido mas de nuestra Aldea ,
No , no , mas por mas lindo , y mas hermoso.

En fin pro te haga , por tu bien te sea
Zagal nascido en ora tan plaziente ,
Si tu confiança el mal no te acarrea.

Toribia , ò que diré ? braua Serpiente ,
Puede tener amor ? antes tendrá
El río inchado , queda su corriente.

Y en seco a sus peces dexará
Cada vno de los dos , el Tajo , y el Duero ,
Destemplóse el relox , quantas que dà ?

PEL. Todo se mude , vaya al ventisquero
Bolando el Galapago , y ponga boca

A la gayta el nouillo plazentero.

Bayle el Buey pereçoso , y viejo , en poca
Plaça , pues que ay vna lengua tan ofada ,
Tan atreuida , tan dañada , y loca.

Mas muerde sierpe mala arrabiada ,
Seas quien fueles : que ferà quien fue
Toribia , siempre hermosa , y siempre amada.

El perro , por costumbre a quanto vee ,
Y no vee , ladrar vá sin dilacion ,
Corre acá , corre allà , no sabe a que.

Mas eis aqui que pongo el mi çurron ,
Tomo el cayado , salga al campo quien
Defenderme quisier esta question.

Toribia : (ay quien lo niegue ?) es quanto bien
Tenemos : (ay quiçà quien contradiga ?)
En bondad , y en beldad digo tambien.

SANCH. Tus palabras , parlero , vna hormiga
Al viento alçallas ha , no pefan mas :
La tu locura propria te castiga.

Pero , porque loquillo inchado estás ,
Solamente diré , que essa ~~que~~ perjura ,
Pensar , ni hablar mas della , es por demas.

No tienne de muger mas que figura ,
Con que engaña los ojos , vn bien tiene ,
Que sea mucho el mal , mucho no tura ,

La tan liuiana cosa no sostiene
Reposo alguno , mas viene Rodrigo ,
Otro dia ferà que te lo apene.

RODR. Yo voy huyendo , y và solo conmigo
Este enemigo Amor , siempre riñendo :
Que no le entiendo , aunque harto le he tratado ,
Siempre enojado , siempre murmurando ,

Siem-

Siempre causas buscando a sus sospechas ,
 Cuentas estrechas , zelos tan pesados ,
 Por mis peccados (como a el le pluguiera)
 Vn bien me diera en que pensar pudiesse ,
 Si quiera fuesse acompañado , o solo :
 Luego turbólo aquel plazer tamaño ,
 Vn caso estraño , que en el pecho trayo ;
 Era por Mayo el tiempo , y mis amores
 Lleuauan flores , vino vn cierço frio
 Que en daño mio todo lo há quemado ;
 Ah bien passado ! quando alcè mis ojos ,
 Secos abrojos vide , que otro no ,
 Quien lo mudó assi todo d'otra mente ?
 Quien mi fuente turbó tan limpia , y clara ?
 A donde hallará aquella gloria mia ,
 Aquella mi alegria en tal sabor ?
 Mientras que plugo a Amor , y a mi ventura
 Poco segura , huydiza , y vana ,
 Suerte villana , mas yo quien oíteo ?
 Zagales veo , Amor crudo enemigo ,
 En buen abrigo me faltò el reposo ,
 Menesterofo aqui , y en toda a parte.

PEL. Rodrigo guarte , no te aya traydo
 La mala fuerte quando yuas huyendo
 Los hombres , donde el Drago era escondido.

A donde con la su lengua esgrimiendo ,
 Ni a los biuos , ni a muertos no perdona.
 Ora pensando mal , ora diziendo.

SANCH. El mismo es , que por Drago se pregonza
 Hablando a si , que bien hablar no sabe ,
 Su gesto lo descubre , y su persona.

PEL. Ah , ah , no cale mas que assi se alabe ,

TOM. I.

G

Ni

Ni que desprecie a otro , que oy tal dia
Se puede todo ver antes que acabe.

Si manda que partamos la porfia
A cantar , y baylar , si quiere a lucha ;
O si a puñadas , mas que plazer me hia.

Sino canta , no bayla , y fino lucha ,
Ni tiene manos , que no tenga boca ,
Quiere tañer , tu juzga , y nos escucha.

RODR. Oh la , teneos , que descrecion poca
Es esta vuestra ? tiempo no tuuistes
Sin mi a la locura que ora os toca ?

Y si adrede esperando me estuuistes
Iusto será tambien que de vós sepa ,
Por que causa , o razon así reñistes.

SANCH. Yo me estaua arrimado aquesta cepa
Pensando a la verdate nel refran viejo ,
Que cada vno en el su pellejo quepa.

Vinose este loquillo zagalejo
Hablò como quien es de buena entrada ,
Y no cupo por cierto en su pellejo.

RODR. El mal se vaya al mal , dese passada
A toda furia , a todo encendimiento ,
Que la passion es ciega , y no vé nada.

Tu deuieras tener Sancho mas tiento ,
Que eres mayor de dias , y tu es bien
Que le tengas Pelayo acatamiento.

Mas oygo vna çampoña , y no se quien
Cantando la acompaña , Blas parece ,
Y Salicio el que canta , entr'ambos bien.

SAL. Quando se pone el Sol , quando amanefce,
Siempre anochesce en este valle aqui ,
Triste de mi , de doze , o treze Estios ,

Los ojos mios quando enxutos vistes ?
Ojos tan tristes , de lagrimas ciegos ,
Que tantos fuegos acendeis llorando ,
Cuytado , y quando , pensé que eran muertos,
Siendo cubiertos con tanta , y tanta agua ,
En la gran fragua alçòse mayor fuego ,
Dezidme os ruego de que pedernal
Se enciende tal hoguera , y que tanto arde ?
Tan tarde yá , que quando todo falta
Llama mas alta sube , y mas se esfuerça ,
Toda otra fuerça , o mengue , o vença el dia,
Esta congoxa mia solo atura ,
Ay como la ventura và burlando !
Como esperando vâ , si yerra , o no yerra !
Huyendo , o por la tierra , o por la mar ,
Nunca aportar a parte fuy tan estraña ,
Nunca a tamaña d'ayre differencia ,
Que esta dolencia , Amor , locura , o que era
Alli primeramente no arribasse :
Y me mostrasse , que era por demàs
Boluerme atràs , o escabollir por pies ,
Prouè despues la mi paciencia luenga
Mas a la luenga , todo a faltar viene.

RODR. Acá se vienen mis buenos hermanos ,
O quantas quexas ay destos amores ,
Que nunca vanas son , y ellos son vanos !
Duelen , mas que de veras , sus dolores ,
Mas sea en ora buena la venida ,
Llegaos mas acá buenos pastores.

SAL. Sea la voluntad vuestra cumplida ,
Rodrigo estés con bien , Sancho , y Pelayo ,
Todos plazer tengais , y larga vida.

RODR. Y a vos amigos el cumplido Mayo
Corto os lo hagan los plazer es buenos
Con que el tiempo nos huye como vn rayo.
Acà nuestros amigos estan llenos
(Ansi lo digo a entr'ambos de confuno)
De zelos arrabiados quando menos.

SAL. Dexemos los pastores , que ninguno
Sin quexas de Amor vá , dadme las Aues ,
Dad peces , y animales vno a vno.

Todos yazen debaxo de sus llaues ,
Y los Dioses tambien , por este Apolo ,
Al ayre derramò cantos suaues.

Pobre pastor de Admeto , oyolo , y violo
Con çurron , y çampoña el rio Amphrifo ;
Arrinado al cayado triste , y solo.

Quantos los lloros son , quan poco el riso !
Antes no nadas , mas son quexas viejas ,
Guay de quien por señor le quiere , o quiso ,

BLAS. O sino me engañassen las orejas ,
No me engañan por cierto , este es Serrano ,
Balandò le responden sus ouejas ,
Que çampoña , que voz , que suelta mano ?

SER. Arrayad ojos yá por las alturas
Destos montes , mostrad vuestro luzero ,
Huyan de oy mas daqui sombras escuras.

O buena Delia , nazca el verdadero
Sol nuestro , nuestra luz , y nuestro dia ,
Y nuestro resplandor claro , que espero.

Hermosa Delia , alta seña , y guia ,
Apparece a los tuyos que desinayan ,
Amenazados yá de muerte fria :

Los ojos tuyos socorriendo vayan

A quien d'otro no biue , ni otro espera ,
A todos dà remedio antes que cayan.
Si amanecieffes , seria Primavera ,
Y llevaria flores quanto alcança ,
Aquella claridad relampaguera.
La qual que quiera , o no , por donde lança
Su rayo , a todos vâ la vida dando ,
Todos los bienes dá , saluo esperança.
Por donde affomaran ? que en affomando
Effos tus ojos , que sus fuentes frias
Las Nymphas por los ver no van dexando ?
Luego las Drias , y las Amadrias ,
Passeando se saldran por las florestas ,
Como las vimos yâ quando nos vîas.
Versehan Oréas por sus montes puestas ,
A ver los ojos quales no se vieran .
Iamas en tierra , estarseha todo en fiestas.
Mas yo que veo aqui ? oh que me hirieran ,
Subito de vna luz , como de rayo
Con que mis ojos yâ su luz perdieran ?
Ó Delia , mientras los aueso , y ensayo
A tanta claridad , que no sostengo ,
Detente que me muero , y me desinayo :
Ah paz , paz con tus ojos , que no tengo
Aliento yâ , que todo desbaratan ,
Sino te vengo a ver ? triste a que vengo ?
Ojos son effos tuyos , que arrebatan ,
Comiençan alegrar , quitan sosiego ,
Comiençan a dar vida , y luego matan.
Cubre , ah cubre effos ojos , que tal fuego
Alçan al su boluer , que todo enciende ,
Quien no se le desuia , al ora es ciego.

- Ó Delia , que el poder tuyo se effiende
 A mas de lo que piensas , no los abras ,
 Tienen trato con Amor que no se entiende.
 Que puedo mas dezir , si mis palabras
 Me dexan ya ? si fuego se derrama
 Por los montes , por prados , por las labras ?
 Que no son ojos no , mas biua llama
 De fuego , que siempre arde en sus meneos ,
 En ellos Reyna Amor , ama , y defama.
 Quien espera estos ojos Meduseos ,
 Que en piedras nos transforman con su brio ,
 Por mucha , y desusada beldad feos ,
 Si se puede dezir tal desuario ?
 RODR. Ó buen Serrano , a buen tiempo arribado
 Sea por fuerte buena , y no por vana ,
 Dáme la mano acá de bien llegado.
 Por effos mismos ojos , mas que humana
 Beldad , y con razon tan alto erguidos ,
 Delante quien no pára alma villana.
 Ayudanos , que somos repartidos
 Contigo assi a cantar como aqui estamos
 A pares , lo demas juzguen oydos.
 Defienden nos del Sol los verdes ramos ,
 Del agua clara el dulce son combida ,
 Y la occasion a que gasajo ayamos.
 Del dia (pienso) la mayor partida ,
 En quexas se ha passado , y en renzillas ;
 Sea agora en paz si quer la despedida.
 Dexemos las questiones a las villas ,
 Cantemos , y tañamos los pastores
 Entre tanto d'Amor las marauillas.
 SER. Cantando vn tiempo fuy . los mis amores ;
 Quan-

Quando todo este Cielo el Sol cubria ;
Despues la Luna con los Ruyseñores.

Ay buenas auezillas , que a porfia
Vnas con otras , en pendencia vana
Cantastes , yo tambien de compañía.

Hasta que de color de roxa grana
Abriendose los Cielos al nasciente ;
Las aues saludauan la mañana.

RODR. Los milagros de Amor quien no los siente?
Quien no es escarmentado ? y no quexoso ?
Mas no se ha de cantar del al presente.

Cumplido el año del buen Nemoroso ,
Que solos nos dexò (y tan ayna)
Yendose al desseado su reposo.

Que cosa se podria hazer mas digna
Del , y de nos , sus buenos naturales ,
Que cantar del agora ya la continua ?

Quedarà por exemplo a los zagales ,
Que de los semejantes hagan fiesta ,
Y que tambien trabajen por ser tales.

SAL. No puede ser la causa mas honesta ,
Vno taña , otro cante , a quien la suerte
Cupiere , sin escusa , y sin respuesta ,

SER. Ora que sea ansi , sin mal , sin muerte ,
A quien la mas cumplida , esse nos taña ,
Y cante aquel a quien la corta acierte.

RODR. La mayor cupo a Blas , como es tamaña ,
La pequeña a Salicio. BLAS. Artes vsas ?

RODR. Engañado se vea el que te engaña.

PEL. Suso , suso , a cantar , sin mas escusas.

SAL. Taña Blas , que yo dirè del Lasso nuestro ,
Con buena ayuda suya , y de las Musas ,
Con grande perdon suyo, y grande vuestro. SA-

S A L I C I O.

EN LA MVERTE DEL PASTOR NEMOROSO

GARCILASSO DE LA VEGA.

I.

REZIEN subido al Cielo ,
 Pastor tan raro acá ,
 Entre los mas , que aqui pascen la sierra :
 Que ansi te alçaste a buelo ,
 A ti en fazon quizá :
 A nos por cierto no , ni a la tu tierra ,
 Temor el feso afferra ,
 Y flaco entendimiento ,
 Que sin ayuda d'arte ,
 Se dispone a loarte ,
 Solos sospiros derramando al viento ,
 Y espedaçadas quexas ,
 Que en memoria de ti solas nos dexas.

II.

El nuestro Nemoroso ,
 Que las Musas de España
 Auian con regalos mil criado ,
 Dexado el buen reposo ,
 Lleuolo a tierra estraña ,
 O fuese el fiero Marte , o fuese el hado ,
 Con su çampoña al lado
 Con que fuerças tuuiera
 De a la Muerte poder
 Cantando enternecer ,

Si

Si ni a la muerte suplicar supiera ,
Mas antes quando viola
Ayrada , y toda fuego acometiola.

III.

No fueran los ganados
Dignos , no fuymos nós
Pastores de la tierra , ingrata gente ,
Por los nuestros peccados ,
Que nos dexasse Dios
Gozar de tanto bien permanente ;
Que tan suauemente
Del Tajo a la ribera ,
Y por do quiera que yua ,
A toda cosa biua ,
Con la su dulce boz enternesciera ,
Y mientras el cantaua
Apolo el su pastor d'alto escuchaua

IV.

Las Nymphas por las manos
Nayades , y Napees ,
Al son andauan , al son defandauan ,
Los Faunos , los Syluanos ,
Satyros , Cabripies ,
Las bastas sobrancejas enarcauan :
Las aues que bolauan ,
Rompiendo el ayre puro ,
Por do sobia el son ,
Baxauan de rondon ,
Dexando el Cielo por el suelo duro ,
Cercandolo al redor
El Merlo , la Calandria , y el Ruyseñor.

V.

Mas aquel claro pecho
A do tanta vista huuo ,
Que todo en esta obscura noche via ;
Todo tuuo en despecho ,
Todo en nada lo tuuo ,
Saluo dos llamas en que su alma ardia ,
Vna de que el tañia
La su dulce çampoña ,
Otra de su valor ,
Aquel , y aqueste Amor ,
A la su corta vida vna ponçoña ,
Y ansi se partio luego ledó
Que siempre gran virtud se acabó cedo.

VI.

Allá por effos altos
No van los coraçones
Siempre en dudas , y en nuevos pensamientos,
Allá no ay sobrefaltos ,
No vanas opiniones ,
Pagadas siempre d'arrepentimientos ,
Y no torres de vientos ,
Que amenazan cayda :
Mas cierta , y buena fuerte ,
Segura de la muerte ,
Y de cansacios desta estrecha vida ,
Y tiempo aparejado ,
A boluerte a quitar quanto te ha dado.

VII.

Por otros frescos Myrthos ,
Y sauzes mas crescidos ,
Otros mas verdes prados , otras fuentes :

En-

Entre raros spritos ,
Que adelante eran ydos ,
Destos que acá dexaste diferentes ,
Que nueuo gozo sientes ,
A ti gozoso viendo
Venir el Sanazaro ,
Que el Sebetho mas claro ,
Haze ir por sus orillas discurriendo ,
Con el su Melifeo ,
Del Reyno resplandor Partenopeo.

VIII.

Quanto pastor Toscano ,
Que Arno , en la deleitosa
Ribera fuya , oyò como han cantado ,
Veran aquella mano
Tocar tan venturosa ,
Que honraua ora la espada , ora el cayado ,
Dos que agora han alçado
Sena , y Florencia tanto
Por noble sangre , y lengua ,
Daño tan grande , y mengua ,
Que igualalla no pudo nunca el llanto ,
Aunque fuera de ley ,
Iuan Ruscula , y Lactancio Tolomey.

IX.

Que daño incomparable ,
Ingenios tan subidos ,
Embiados acá tan raramente ,
La fuerte ineuitable
A todos los nascidos ,
Lleua , sin perdonar con la mas gente ?
Suerte que tal consiente !

Quan

Quan poco há que los viera ,
 Agora , agora , agora ,
 Tan subito a defora ,
 Nos íon de vista , y de esperança fuera ;
 Ay huydiza , y vana ,
 Que huyes dende la noche a la mañana ?

X.

Pero , buen Nemoroso ,
 Mal por los tus pastores ,
 Sin fiestas , sin plazer , sin cantares :
 Dexados sin reposo ,
 Quien cantará d'amores ?
 Quien de las Nymphas, quien d'otros cantares ?
 Quien los nuestros lugares
 Aurá que venga a ver ?
 Quien las nuestras majadas
 Antes sin ti , no nadas ?
 Pudiste nos hazer , y deshazer :
 Pues nos sin ti que haremos ?
 Sino se puede mas , que suspiremos.

XI.

Alçaste el tu Toledo ,
 Correr mas claro hiziste
 El noble Tajo al gran padre Oceano :
 Mostrarse ha siempre al dedo
 El lugar , do cayste ,
 Ah , ah , golpe cruel , barbara mano !
 Que se yua el Tajo vfano
 De su naturaleza
 Mas que del gran theforo
 De las arenas d'oro ,
 Co que al mar llega embuelto en su riqueza ,
 Que

Que de Numancia abona
Hasta la antigua , noble , y gran Lisbona.

XII.

Al tan antiguo aprisco
De Laffos de la Vega ,
Tuyo , el nuestro de Sá viste ayuntado ;
Si cae el mal pedrisco ,
Al abrigado llega
El pastor , canta alli , huelga el ganado ;
Elysa el tu cuydado ,
Que acà tanto plañiste ,
Quexoso de la muerte ,
Cruel , ay dura fuerte ,
Quien no plañiò ? despues do la subiste ?
Ora ella en alto erguida ,
Dexas la muerte atras , vafte a la vida.

XIII.

En los demas , Pastor , que te vá a ti ,
Todo el mal es de España ,
Si enriquecen tus huesfos tierra estraña.

EPITALAMIO PASTORIL ,
 A ANTONIO DE SÁ ,
 NO CASAMENTO DE SUA FILHA
 DONA CAMILLA DE SÁ.
 ECLOGA SEXTA.

I.

DERECHO successor , firme columna
 Desta casa de Sá , que sempre entera ,
 Edades discurriendo a vna a vna ,
 Los mouimientos tan segura espera ,
 Que ria , o que no ria la fortuna ,
 (Cogida , o desplegada su bandera ,)
 Quanto esperar se puede , ya en vos sobra
 En quien corren apar desseio , y obra.

II.

Y no qual por aqui pechos vfanos
 De sus blasones , y escudos pintados ,
 (De cuentos viejos quiçá , algunos vanos
 Y por poder passar) mucho ha passados ?
 Quien hizo differencia de villanos
 A caualleros blandos , y enseñados ,
 Saluo esfuerço , valor , buena criaça ,
 Y el saber abaxar , y erguer la lança ?

III.

Vós , aunque abuelos tantos os contaís
 Nobles de toda a parte , como aqui
 Bullicio algun se siente allà bolais ,

Testigo puede ser Ceuta , y Safi :
Con quanta diligencia , que buskais
Grandes afrentas , y a la buelta ansi ,
Porque en reposo todos los recelos ,
No os dexan bien dormir vuestros abuelos.

IV.

Buelto de aquella empresa valerosa
Contra los Turcos , que van desfinayados ,
Dais oy la hija al yerno por esposa
Cercano en deudo , cercano en estados.
Quien puede dio licencia graciosa ,
El gran Pastor de los siete collados ,
Vernan nietos a vòs , ojos alçando ,
Y a los fuyos de ledos alagando.

V.

Cuentase de las fiestas con espanto
Acá entre nós , mandadnos dar la puerta ,
Oireis nuestra gente allá entre tanto
Que otra fiesta maior se os conierta :
Aunque al palacio no conuenga tanto
La musica Aldeana , a vn mal abierta ,
Cantaran a su fuero los pastores ,
Ah de los mios Amores , Amores.

PASTORES DEL EPITALAMIO.

NUÑO , Y TORIBIO. RIBERO , Y GIL.
ZAGALES , Y ZAGALAS.

Nuñ. **A**do te lleuan Toribio los pies ?
Mas yo que digo ? ni se si eres esse ,
Ni si te veo se , ni si me ves.

Ni de mi sé tambien : si te parece
Otro tanto quiçâ , pero pariente ,
En ti poco de ti yá remanece.

TOR. Pienfas que con los pies , y no otramete
Acá somos , y alla Nuño lleuados ,
Como piensa lo mas deff'otra gente ?

Eres en grande error , y si guiados
Pienfas que himos tambien de nuestros ojos,
Los que nos guian son nuestros cuydados.

Que de antojos nos lleuan en antojos ,
Como plumas , que a buelo lleua el viento ,
Si vna vez con plazer , mil con enojos.

A mi lleuauame ora assi sin tiento
No (como dizes) pies , mas no se que ,
Que a pocas no me sobra entendimiento.

Nuñ. Lo que pariente yo diria que fue ,
Es , que essa alma yá tuya en fuerte punto
Passóse a cuerpo ageno , y de allà vé.

De allà responde a lo que te pregunto ,
A ti mismo eres hecho como estraño ,
Biuiendo en otro , en ti yazes defunto.

Ma-

Mala dolencia , peligroso engaño ,
Antojadizo , sin juyzio , o tino ,
Oy mal , al mes peor , peor al año.

Yo no soy escolar , mas adiuino
Desse mal tuyo la carrera errada ,
Qual ciego que indilgar suele el camino.

Mas es fatiga vana , y mal tomada ,
Por vn yerro comun de los zagales ,
Que por rodeos van , dexan la estrada.

Atente , si me cres , a las señales ,
Mas que a palabras destos trasportados ,
Que mucho mas que el bien precian sus males.

Dizese en general , que enamorados
A todos los demas juzgan por ciegos ,
Y al contrario ellos son d'ojos quebrados.

TOR. Bien veo (si esto es ver) aqueßos juegos,
Dixe juegos , o que ? antes locuras
De los pastores , y aun de palaciegos.

No sé darme a consejo , voyme a escuras ,
Hasta que estos antojos yuzo cayan ,
Y a plaça vengan sueños , y solturas.

Nuñ. Ciertos breuajes sé , con tanto que ayan
A ti en ayuda , con beuer dos tragos ,
Yo fio que la puerta al quicio trayan.

TOR. Quien sabe que podra ? son cuentos largos
Los mios , và mi mal muy de rondon ,
He miedo de añadir cargos a cargos ;

Nuñ. Que poquedad es essa ? eres varon ,
Vé , la verguença que es peor que el mal ,
Lleuantate a pesar del coraçon.

Gana a la soledad odio mortal ,
No te engañen las partes deleitosas ,

TOM. I.

H

Abri-

Abrigados al cierço , y al vendaual.
Los prados con las sus flores hermosas ,
Las fuentes , y arroyuelos , discurriendo
Con las sus ondezillas bulliciosas.
Abejas , que andan dulce miel cogiendo ,
Con el zonido fordo por las flores ,
Y no vès que alli falte , ellas partiendo.
Y luego buelues sospirando , Amores ,
Quanto sin costa vuestra , me podreis
Hazer el rico mas de los pastores.
Tiene Amor en verdad estrañas leys ,
Mas con paz de vosotros dicho sea ,
Pues lo tomastes tal , tal lo teneis.
Auisote tambien quando alborea
Los oydos attapa al cantar blando
Del Merlo , y Ruyseñor que al bosque arrea.
Mucho te ruego , y si puedo , mando ,
Que arrojes de ti lexis la çampoña ,
Ni vayas los tus versos recordando.
Trae cada cantar su carantoña ,
Que ajunta sobre el alma vn graue peso ,
Es musica a tu mal , clara ponçoña.
No confies te auiso del tu seso ,
Y busca a tus peligros compaña ,
Que te ayude a librar de do estás preso.
Del buen amigo todo lo confia ,
Descargate seguro en sus oydos ,
Que en noche tan obscura cumple guia.
Vé pidiendo prestados los sentidos ,
Que los tuyos yâ vez que los perdiste ,
No te pierdas tambien tras los perdidos.
Mas peccador de mi , que no me oyste ,

Estoyte hablando , pero que aprouecha ?
El cuerpo aqui se está , tu trasposiste.

TOR. Conuieneme passar la puente estrecha ,
Y (como dicen) bebellá , o vertella ,
En fin que fue verdad la tu sospecha.

El alma mia á questa parte , y á quella
En vn punto lleuada , mal prodria
Estar queda , segura , y sin querella.

Nuñ. Toribio contra el mal de fantasia
(Que es ligero , y acomete hombre a desora)
Cumple vela , atalaya , escucha , espia.

Y no dexarte trasportar cada ora ,
Ay como yua Pascuala tan loçana ?
De tales ojos quien no se enamora ?

Dime , si es fresca , apuesta , y tan galana ,
Como no es tal a Diego , y es lo Helena ?
Y a Pedro Helena no , es lo Iuana ?

Esse tu cuerpo grande como ascena
Cada passo a caerse , arde el pauilo ,
Vèse la llama , la candela appena.

Ayudate zagal , ayrado dilo ,
Contra ti mismo , y ten de ti verguença ,
Como bobo no estès preso de vn hilo.

Vés que Amor al peor siempre enderença
Despierte la razon , lidien los braços ,
Ayudala , si quier que vna ora vença.

TOR. Que cuentas son las mias , que embaraços ?
Aqui estoy mal , peor si la mi tierra
Me dexo , haziendo el coraçon pedaços.

Que mirando despues d'aquella sierra
Azia esta , pienso , con que ansia diria
Quien me aparta de ti , quien me destierra ?

A do me lleua Amor ? que es la mi guia ?
El fuesse el buen juez , pesara el hierro ,
El pesasse el tormento , y cuyta mia.
Ansi passando mal de cerro en cerro ,
Ora mirando acà , ora acullà ,
Todo se es aguçar hierro con hierro ,
Nuñ. Por demas son remedios , mi fè yà
A quien no quiere oyillos , ni aun vellos ,
Quien echa el olio en vazo , que se vá ?
No se saca del mal por los cabellos ,
Sino a quien se ayuda , y aun con fatiga ,
Quien remedios quisiere ande tras ellos.
Date , date al trabajo , el cuerpo obliga ,
Sabe que reyna Amor en ocio blando ,
Luengo , y duro trabajo lo castiga.
Toma el açada , vee despedaçando ,
La dura tierra , labra , inxiere , y planta ,
Vee la siebe , pared , y el valo alçando.
Desfuelate la noche , el lobo espanta ,
Aticiale los perros , qual si vieses
Yà la oueja afferrar por la garganta.
Y si cansares vela , y nunca cesses
De trabajar al fuego en tu cabaña ,
Que mejor de trabajo es que murieffes.
Nunca falta al pastor , que bien se amaña
En que passe la noche obscura , y fea ,
Aliuiase cantando , y el tiempo engaña.
No cantos , que el pezar triste acarrea ,
Mas descuydados sueltos , y vazios ,
Si es verde la ribera , verde sea.
No te combido a los breuajes frios ,
Echizos fuzios , magicos cantares ,

Que

Que remedios no son , son desuorios.

Yeruas de allende de los nuestros mares ,
Cogidas a la Luna , en las montañas
Buenas a quitar vidas , no pesares.

Cuentan las viejas entre sus patrañas ,
De cierta encantadera , que boluia
Los que arribauan ende , en alimañas.

Era vna isla en la mar , y alli gruñia
El puerco , huuiava el perro , el osso espanto
Daua , erguiendose en pie , el leon rugia.

TOR. Ó buen amigo , tu no vés que en quanto
Nós departimos , fube vna auezilla
Cantando al Cielo , o mas parece llanto ?

Yá và tan alto , que no aturo a oylla ,
Ni vella , son de quando en quando á pena ,
Digo en buena verdad que huue manzilla.

Parecia espertillo que anda en pena
Por effos ayres , Nuño si lo oyeras.

Nuñ. Dizen por effo tal , hija sey buena.

TOR. Ora Nuño , ora di , cuenta de veras ,
Que de veras te escucho , y estoyte atento ;
Parece que me hablauas de hechizeras.

Nuñ. Contar dellas será tener el viento ,
Que no huya , con la mano , mas si has ganas
Otro te contaré , dexo aquel cuento.

TOR. Perdona , que esta mi cuyta villana ,
Cada passo arremete , y sobresalta ,
Al alma , yá mal cuerda , y quasi infana.

Y hazeme caer cad'ora en falta ,
Mas cuenta en fin , que attento escucharé ,
Aunque del pecho el coraçon me falta.

Nuñ. De Ribero has sabido bien quien fue ,

Quare

Quanto pudo en tañer , quanto en cantar ,
Del , y Gil otro tal te contaré.

Y quando otro tal digo , has de pensar
Que no fuese el peor de nuestros hattos ,
Pues que ambos los pusieran a la par.

Acuerdome a la sombra de vnos lattos
De sauzes altos , verdes , y graciosos ,
Do se juntan pastores muchos rattos.

Como vez que acontece a los ociosos ,
Hablar desto , y de aquello , y mas zagales
Parleros por natura , y porfiosos.

Concluyeron al fin , que estos dos tales ,
Nos cantasse cada vno su cancion ,
Los bienes de Amor vno , otro los males.

A Ribero que andaua en su prision
Se encargò que las queexas nos cantasse ,
Y las dulçuras Gil al mismo son.

TOR. Ay mi buen compañero , no trespasse
Esta buena occasion al desseo mio ,
Darmehas la vida que anda al passe , passe.

NUÑ. A la ribera de vn gracioso rio
A quantos desta vez fuymos presentes ,
Ribero todo demudado , y frio ,
Temblando nos cantò versos siguientes.

CANTA RIBERO LOS MALES DE AMOR.

I.

Mandaisme ora que cante ,
Triste que cantaré ,
Y mas de Amores , que enemigos son ?
Mandadme que lleuante

Sof-

Sospiros , que esto haré ,
Conformandome al tiempo , y a la razon ,
Pues atinando al son ,
Quexoso de mis daños ,
Dirè mis desconciertos ,
O que seran mas ciertos
D'Amor , mas como quier , por cierto estraños.
Que me han este mal sano
Pecho , todo metido a faco mano.

II.

Esto que Amor llamais
(Del qual me aueis forçado
Cantando ora tratar) mas razon fuera
(Si a sus obras mirais)
Que el fuese antes llamado
Enemigo cruel , fino que yo muera.
Bien sabeis la manera
Que en bosques solitarios ,
Nos lleua dando gritos ,
Suspiros infinitos ,
De que son nuestros pechos tributarios ,
Si aquella es la su cura ,
Bien muestran los remedios , que es locura.

III.

Mirad pues a sus fuegos ,
Sus mudanças tan prestas ,
Sus gestos , sobrefaltos , y meneos ,
En verdad que son juegos ,
Que corren sobre apuestas ,
Lleuados de los locos sus desseos.
Viejos demonios feos ,
Teñidos , no teñidos ,

Los gestos trasportados ,
Los pechos ora inchados ,
Ora del todo en vista consumidos ,
Muerdese vno arrabiado ,
Otro estatua de piedra anda pasinado.

IV.

Viene otro murmurando
Configo , y no se entiende ,
Todos se burlan del , y el no lo vè ,
Otro versos rimando ,
A la vihuela atiende ,
Siempre esto assi será , siempre assi fué :
Como me ayuntare
En vn tan breue espacio ,
Tantas diuerfidades
De sus liuiandades ,
Que aun pensar mal se pueden sin cansacio ?
Diré solo este poco ,
Que a todos estos locos manda vn loco.

V.

Tambien yo mal peccado
Allá voy de confuso ,
Que ni lo que hago sé , ni lo que digo :
Tambien desacordado ,
Quiçà mas que ninguno
Doy fuerças contra mi a mi enemigo ,
Quando se siembra el trigo ,
Quando anda por las eras ,
Passa vno , y passa otro año ,
No sientes el engaño ,
Sino quando del todo desesperas.
Sin yá triste en ti ser

Ir adelante mas , ni atras boluer.

VI.

Que valles no corri ?

Que bosques no busqué ?

Que peñas , que escondrijos de animales ,

Para me hurtar a mi ?

Qual destos cerros fue ,

Que no oyesse mis queexas desiguales ?

De que rios caudales ,

No rebolui riberas ,

Ora arriba , ora ayuso ?

Qual monte no repuso

A mis finales bozes lastimeras ?

Tan claro , que yo boluia

Ojos atras , por ver quien respondia.

VII.

Engaño poderoso ,

Meter yo mismo en seno

Vn fuego , que ende alçò llama tan braua ?

Amor tan gracioso ,

Amor tan blando , y bueno ,

Como en si tanto mal dissimulaua ?

Que cada ora me laua

De lagrimas el gesto ,

De tal color teñido

Que es trabajo perdido ,

Esperallo lauar nunca , o tan presto ,

Onde esperanza pone

Corriendo allâ me lleua , ella traspone.

VIII.

Del infierno , ay quien cuenta

Que por vn monte arriba

Vn canto a cueſtas ſube vn condenado ,
 Nunca el triſte ſe aſſienta ,
 Y quando a lo alto arriba
 Reſuala , y buelue el peſo atras priado :
 Preſtamente el cuytado
 Torna a la ſu demanda ,
 Eis lo ſube del hondo
 Con el canto redondo ,
 Eis lo que otra vez cae , y en balde anda :
 Ygual embaymiento.
 Lleua , y trae el amante en ſu tormento.

IX.

Que he de dizer d'Amor que no ſepais ?
 Enemigo cruel ,
 Que los mas ſuyos , mas ſe quexan del.
 Nuñ. Anſi cantò Ribero , y vimos claro
 Mientras cantaua , que lo interrompian
 Triſtes ſolloços del ſu pecho amaro.
 Trás lagrimas , mas lagrimas ſalian
 Sin parar por el pecho , y barba ayuſo ,
 Con harta compaſſion de los que oyau.
 Tor. Yo vi algunos verſos que el compuſo ,
 Quaſi todos lloroſos , tuuo vena
 Blandiſſima , y aun mas blanda con el vſo.
 Mas de Gil , que me cuentas ? fue tan buena
 La reſpuesta que alli vino arguyendo :
 Pues que no le faltó gracia , ni lena :
 Nuñ. Primero vuo que hazer , vnos diziendo
 Que el ſu mal proprio cantara Ribero ,
 Y no de Amor , los otros defendiendo.
 Aſſirmauan que aquel que paga el fuero
 Es quien mas ſiente el mal , y la manera

De perder al afan , tiempo , y dinero.
 Con todo Gil , bien vimos que quisiera
 Descabollirse al reto porfiado ,
 Y por su voluntad no falleciera.
 Al fin tomó el rabel como forçado ,
 Y afinando lo estuuu cuerda a cuerda ,
 El alquillo bolaua , y así afinado
 Acudia apuntando con la esquierda.

CANTA GIL LOORES DE AMOR.

I.

No veis como al cantar
 D'Amor el Sol se aclara ?
 Como a buelo los paxaros se erguieran ?
 No veis regozijar
 Peces nel agua clara ?
 Y como acá , y allá se arremetieran ?
 Mas ah que me huyeran
 El aliento , y la lengua ,
 Dudando a la empresa alta ,
 A tal tiempo , tal falta !
 A quien boluerme deuo en tanta mengua ?
 Sino al fresco moçuelo .
 Que aquí siento cercano andar a buelo.

II.

Amor , que en vn momento
 Visita este ayre puro ,
 Del nombre solo quien no se enternece ?
 Comun consentimiento
 Le dio deydad de juro ,
 Y niñez , que jamas nunca enuejece ,

Todo desaparece ,
 Y todo aprieſſa huye ,
 Para no boluer mas ,
 Yá fuera todo atras.
 Sino que ſolo Amor lo reſtituye -
 De nueuo a nós boluiendo
 Aquello , con que el tiempo ſe yua huyendo.

III.

En primauera vſana
 Mirad que ſe enamora ,
 La miſma tierra , ved como ſe arrea ,
 D'oro , de plata , y grana ,
 Viene Pomona , y Flora ,
 Y cada vna la viſte a ſu librea :
 Verá quien quier que vea
 Toda coſa criada
 D'Amor fauorecida ,
 Cobrando nueva vida
 Los rios , y la tierra , y mar ſalada :
 Saltan peces tan altos ,
 Que mas parecen buelos , que no ſaltos.

IV.

Las Aues , y las fieras ,
 Que naſcen de ira armadas ,
 Luego en poder de Amor ſe pâran blandas ,
 Mas antes halagueras ,
 Las ſañas oluidadas ,
 Ronceando ſe van en ſus demandas :
 Señor , que todo mandas ,
 Nueſtros pechos viſita ,
 Tu buena merced ſea ,
 Entra por nueſtra Aldea ,

Abra-

Abrafala de Amor , los odios quita ,
Que por dichosa fuerte
Todo eres vida Amor , defamor muerte.

v.

Entre flores suaues
Si estás contra tu grado ,
No te podran tener fuertes cadenas ,
Pesadas son , y graues
Las fiestas al forçado ,
No son plazer para el , antes son penas ;
Malas cosas , y buenas
Haze Amor , y deshaze ,
De absoluto poder ,
Quereislo claro ver ?
No llamamos plazer , fino al que aplaze ,
Quanta noche esclarece ,
Y quanto dia Amor claro escurece.

vi.

Ciertos emboluedores
Falsos , y fementidos ,
Entran hurtados (siendo Amor ausente)
El arrayal de Amores ,
Y así desconocidos ,
Toman a engaño el simple , el inocente ;
Causa que tanta gente
Vaya con boz llorosa
Demandando piedad ;
Tornad en vós , tornad ,
Que aun trabajos de amor , son dulce cosa ,
Catad que esos moçuelos ,
Que por Amor teneis , son malos zelos.

VII.

Amor nunca alabado

(Por mucho que sea) affaz ,

Si a lo que se le deue se mirò :

Quien al mal prolongado ,

O fuese en guerra , o en paz ,

Venciò con sufrimiento , si Amor nõ?

Quien el palacio enchio

De ricos atauios ?

Aquellas opiniones ,

Las galas , y invenciones ,

Que serian sin el ? son desuarios :

El puso ende las damas ,

Arde el palacio todo en biuas llamas.

VIII.

Y a nõs quien nos sostiene

Entre tantos sudores ,

Esta vida cansada acá de fuera ?

Saluo este Amor que viene

Con los sus lamedores ,

A esforçar vno a vno que no muera

Templad de vna manera ,

En sus yguaes modos

Estos nuestros Rabees ,

Tocad vno despues ,

Sin tocar los demas responden todos ,

Amor que no podrá ,

Si tanta fuerça a los conciertos dá ?

IX.

Es trabajo fin fin que me aueis dado

Que alabança mayor

No nos pide Dios mas , que solo Amor ?

Nuñ.

Nuñ. Anfi nos cantò Gil , y a nòs boluido ,
Dixo esto , fue cumplir vuestro mandado ,
No cantar , no tañer , que no lo ha sido.

Tor. Ó mi buen compañero , ah que me has dado
La vida con tus dos dulces canciones
Todo tambien tañido , y bien cantado.

Nuñ. Si tan alto Toribio anfi las pones
Oyendolas a ellos , lo que hizieras ?
No pude mas , conuiene me perdones.

Mas , ò no sé si vez las cantaderas
Que allà aparecen ? que frescas zagalas
Vestidas como a guisa de estrangeras ?
Dos Mengas , dos Eluiras , dos Pascualas ,
Semejan entre mil como escogidas
En cuerpos , gestos , gracias , y en las galas.

A fiestas deuen ir tan guarnecidas ,
Y tan acompañadas , abalemos ,

Tor. Ah Nuño , Nuño , y a fiestas me combidas ?
Vayanse a su plazer , no las turbemos.

Nuñ. Otros tantos zagales respondiendo
Como a porfia vienen , ah no dexemos
Huyr lo que razon está ofreciendo ,
Anda , vamos a ver , no nos paremos.

I.

ZAG. Ay razon que tal sufra vna donzella
Criada a mil regalos , en el seno
De su madre , çahareña , hermosa , y bella ,
Flor no tocada , que venga vn ageno ,
Y que la coja mientras se querella ,
De lagrimas el gesto hermoso lleno ?
Que cosa succeder podrá mas fea ,
Entrada de enemigos el Aldea ?

ZAG.

II.

ZAG. Padres , madres , y hermanos , son vencidos
 En sus propios amores verdaderos
 Deslos esclauos que llamais maridos ,
 Vuestros cautiuos mas que compañeros :
 Todo dexan por vós embeuecidos ,
 Porque no os contentais con menos fueros ,
 Con vna muestra blanda , vna terneza
 Venceis vigor , constancia , y fortaleza.

III.

ZAG. Ay zagalejas nuestras tan preciadas ,
 Y vós que lo pensais por ende altiuas ,
 Andais (al parecer) glorificadas ,
 Que no semejais quasi a cosas biuas ,
 Perdeis lo todo como sois casadas ,
 Passaisos de señoras a cautiuas ,
 Quien lo puede negar ? y en tanto daño
 A pesar de razon vence el engaño.

IV.

ZAG. No se puede negar que todo huye ,
 Quanto mas las liuianas voluntades ,
 Este tiempo gloton todo destruye ,
 No paran peñas , pararan beldades ?
 Mas quien los daños del nos restitue ,
 Sino solo el Amor por sus bondades ?
 El solo nos defiende a la fortuna
 A las bueltas del Sol , y de la Luna.

V.

ZAG. Esta restitucion de que ascenais ,
 (Que son los hijos ,) ay las sus fatigas ,
 Ah los trabajos grandes que callais ,
 Dissimulando cuytas tan antiguas :

Que

Que vosotros sabeis que les causais
Días crueles , noches enemigas ,
Desigual parçaria , juzgue Amor ,
La parte flaca mas , lleua el peor.

VI.

ZAG. Passais dezið , ingratas , como en juego
Tantos suspiros de los seruidores ,
Oyame el turbio Duero , oya el Mondego ,
Y cada vno en la su fuente de Amores ;
No sabeis como vá derecha al fuego ,
Arbol sin fruto , aunque lleue flores ,
Y dize el que la cria , y que la escaua ,
Que quiero mas aqui desta arbol braua ?

VII.

ZAG. Ó dulce libertad como te vas
Embuelta en nombres vanos , y pintados ,
Que nunca buelues , ni pareces mas ?
Corre el engaño todos los estados ;
Si pudieffen boluer tiempos atras ,
Como no sufren , ni consienten hados ,
Tendrian su lugar buenos consejos ,
Siendonos nós a nós mismas espejos.

VIII.

ZAG. Relampaguean fuegos , que nos ciegan ,
Veys quanta gente , veis quanta señal ?
Y todos de alegria , acá se allegan
A nós , que no será soncas por mal ?
Lo que estas mas dessean , esso mas niegan ,
Por esso esposos , no les creais tal ,
No os engañen los falsos sus enojos ,
No lagrimas fingidas de sus ojos.

A ANTONIO PEREIRA,
SENHOR DO BASTO.

EGLOGA SEPTIMA.

ALEXO.

I.

ESTAS nuestras campoñas las primeras ,
Que por aqui cantaran bien , o mal ,
Como pudieran Rimas estrangeras ,
Embialas el nuestro mayoral
Que a ver os vengán , en todas maneras ,
Que a mas de ser el dia festiual ,
Supo por ser venido el mayor hijo ,
Que anda toda esta casa en regozijo.

II.

Teneis mil bienes en que os emplear ,
No andeis tan pesaroso en vuestros daños ,
Que el vado es alto , y ciego de passar ,
Tratad vuestros pesares con engaños :
Boluio quien vuestra casa ha de heredar
Tan grande capitan en tiernos años ,
Los 'Turcos vencedores por el mundo
Peleando venció el hijo segundo.

III.

Del qual caso espantoso dicho sea
Solamente de vna Aue que yua a buelo ,
Acá , y allá por la mortal pelea
Sin tener de algun mal , algun recelo ;

No

No siendo nunca vista tal relea
Todo Agua , todo Fuego , todo Cielo ,
Seas pues bien venido hermoso aguero ,
Bueluan nuestros milagros de primero.

IV.

El mas moço que està como en el nido ,
Antes de tiempo ser sus alas prueua ,
Con el desseo grande en alto erguido ,
Que apenas le teneis , que no se mueua ;
De dentro quanto assi està cumplido ,
Pero de fuera aun la pluma es nueua ,
Esto todos lo ven , que no son cuentos ,
Abrid el pecho pues a los contentos.

V.

Vn rayo que desciende en sus desuios
Hiere los altos (que la baxa gente ,
No tiene cuenta) dize estos son mios ,
Y luego el primer trueno que arrebiente ;
Dexad los charcos turbios llouedios ,
Beued de pechos en la pura fuente ,
Poned la confianza toda en Dios ,
Lo que ha de hazer el tiempo , hazedlo vós.

VI.

Entrarsehà aqui vn zagal muerto d'amores ,
Sin que el lo sepa bien , mas no os turbeis
Que a mas hà succedido que a pastores ,
Nunca de Amor , ni con Amor burleis :
Quando no lo pensais se alça a mayores
Desobligado de todas las leys ,
No ay caso tan dudoso , é incierto a ser ,
Que ayudado de Amor no se haga crer.

PASTORES

DA EGLOGA.

ALEXO. SANCHO. IUAN.
 ANTON. TORIBIO. PELAYO.
 NYMPHA DE LA FUENTE.

I.
Y AL. YO vengo como pasinado ,
 Y no sé lo que me diga ,
 Que el mi coraçon letiga
 Entre cuydado , y cuydado.
 Valasme Dios , que peccado
 Pudo ser mio tamaño ,
 Yo no foy el que era , antaño ?
 Han me como barajado.

II.
 Dias hà que no me entiendo ,
 No penetro este mal mio ,
 Al Sol muerome de frio ,
 A la sombra estoyme ardiendo.
 A ninguna parte atiando ,
 No sé dar con lo que fuesse ,
 Como si d'otren huyesse
 Anfi de mi voy huyendo.

III.
 Heme aborrecido el ható ,
 Los apriscos , y majadas ,
 Ando tras vnos no nada ,

Que

Que no sé que ende me cato :
 Que buena ganancia , y trato
 Sospirar noches , y dias ,
 Vanas esperanças mias ,
 Que me engañan cada rato.

IV.

Quiçá de los mis cabellos
 Debaxo del mi portal
 Me los pusieran , por tal ,
 Que huuiesse a passar por ellos ,
 Y emboluerme hian con ellos
 Del pan de los mis bocados ,
 O passé sobre finados ,
 No hize oracion por ellos.

V.

A caso de tal dolor
 (Que en buen juyzio no cabe)
 La benzedera si sabe
 Lo que llorará mejor ?
 Mas vamos a lo peor
 No se que se me affigura ,
 Quiçá puede ser locura ,
 Quiçá puede ser Amor.

VI.

Soncas si he sido affombrado
 De los cuerpos huydizos ,
 O me dieran bebedizos ,
 Que todo me han trastornado ?
 O quiçá si fuy aojado
 En las bodas de mi tia
 Quando cantaua , y tañia ,
 Buelue acá pastor cansado.

VII.

Pero pues que me acordè
 D'aquel dia de plazer ,
 Quiero a cantallo boluer ,
 Quiçá que descanfaré.
 Dias ha que no cantè
 Con el coraçon no puedo ,
 Entonces cantaua ledo ,
 Ora como cantaré ?

VIII.

Que fantasia tan loca
 Bien es de zagal perdido ?
 El tino adolo , y el sentido ?
 Do la boz cansada , y roca ,
 Ay la mi ventura poca
 En poder todo de enojos ,
 Quando así lloran los ojos ,
 Como cantarâ la boca.

C A N T A.

Buelue acà pastor cansado ,
 Buelue , que a peligro vâs ,
 Corres tan desatinado ,
 Que ayna te perderás.

V O L T A S.

I.

De quien huyes ? o porquè ?
 Buelue acà , buelue al rebaño
 Oye , fino vez tu daño ,
 Quien te auisa , y quien lo vé.

No te acuerdas del ganado ,
Ni de ti ; si ansi te das
Tal prieffa , foncas priado
A la tu fin llegarás.

II.

Porque ansi te acucias dî ,
Las mentes enagenadas ,
Cata , que a pocas passadas
No aurà memoria de ti ,
Buelue , buelue , ah porfiado ,
Que sino buelues atras ,
Solo en ver a do has llegado
De miedo te moriràs.

IX.

Yua aquel dia loçano ,
Fue , si me acuerdo , por Mayo ,
Luché , corri , como vn rayo ;
Era moço rezio , y sano ,
Luego me vino vn affano ,
Que a pocas muerto me tiene ,
Bien dicen que el mal se viene
Como de fuyo a la mano.

X.

Si aqui estuuiera mi hermana ,
Que nos la lleuò su esposo ,
Con ella huuiera reposo
Esta mi cuyta villana.
Que tantas vezes liuiana
Se altera , y muda tan presto
De la mañana al Sol puesto
Del Sol puesto a la mañana.

XI.

Quantas vezes me dezia ,
 No me parece mi hermano ,
 Que es hablar cosa de fano
 Tanto desto noche , y dia.
 No sé que contado auia
 Ciertas zagalas loando ,
 Yo boca abierta escuchando ,
 Siempre alli boluer querria.

XII.

Ay que locuras pensé ,
 Quanto aquel cuento me plugo ;
 Aora yà atado al yugo
 Araré , o rebentaré.
 Mas ò que fuente ; echarmehe
 Cabe ella , en yerua tan fresca
 Puede ser que me adormezca
 Sino que descansaré.

XIII.

SANCH. VIEJ. En vano el viejo afanò ,
 La vista se me esfuanece ,
 El muchacho no parece
 Antes desapareciò ,
 Quantas vezes sin prouecho ,
 Que esto hecho ,
 Aqui vá , por alli vá ,
 Des que he corrido vn buen trecho.
 Otro lo vido acullà.

XIV.

Con el hijo juntamente
 Nascen cuydado , y fatiga ,
 Pero costumbre es antigua

Andar tras su mal la gente ,
Buena vida en vejez fuè
Por mi fé ,
Ochenta años quando menos
Mal con hijos que engendrè ,
Mal con los hijos agenos.

XV.

Vn Lunes por suerte estraña
(Aun no me dexa aquel dia)
De la lluvia me acogia
Por el pie de la montaña ,
Ende de vna espeña breña
Çahareña ,
Vna cabra que perdiera
Por el hueco de vna peña
Vide que se me acogiera.

XVI.

Fuyme allá , vi que plañia
Vn niño tierno alli dentro ,
Por lo que tras ella me entro ,
Que contra si me fue guia ,
Que mas me auia yo destar ,
Sino entrar ,
Como yua por ver lo que era ?
No pude allá diuifar ,
Saquelo en los braços fuera.

XVII.

Cierto que es cosa deuida
Tener al ganado amor ,
Y que aventure el pastor
Por el mil vezes la vida.
Que el su buen entendimiento

Es fin cuento ,
Passa assi , y es caso estraño ,
Tras mi la mi cabra sientto
Recelosa de mas daño.

XVIII.

Mas piadosa que el padre ,
Mas que deudo , ni pariente
No hablo de la otra gente ,
Y aun quiçá mas que la madre ,
Digoos en mi consciença
Huue verguença ,
En vna causa tan digna
De piedad , que nos vença
Vna cabra montesina.

XIX.

Era embuelto en ricos paños
El niño , y todo era tal ,
Que harto alli dezia mal ,
Y esto hà sus dezisiete años ,
Quien del tiempo no se vela ,
Como buela ,
Parece que fue esto ayer
Dandose como d'espuela ,
Que prissa lleua a correr ?

XX.

Truxe el niño a mi Theresa ,
Que podria ser de vn mes ,
Veislo , que anda en quatro pies ,
Veislo , que se ergue a la mesa :
Veis los mayores alcança
En criança ,
En costumbres , y en saber ,

Ved de tan grande esperança
Lo que queda al recoger.

XXI.

Era locura pensar
Sus donayres , y sus sesos ,
Ante tiempo aquellos pesos
En esto vienen parar.
Sabia mas que el Iurado
Bien jurado ,
Ayudaua a Miffa al Crego ,
Aun que este es mal muy vsado ,
Seres con tu hijo ciego.

XXII.

Pero en esto no me engaño ,
Aunque es hijo en el amor ,
Que el no parece pastor ,
Aunque guarda mi rebaño.
Dixe guarda , antes guardò ,
Tristeyo ,
Que aora yà medio loco
Del ganado descuydò ,
Y aun de si cale poco.

XXIII.

Dixome vno dessa banda
D'allá , que lo viera aqui ,
Bien pueden dezir por mi
Vn perdido , tras otro anda.
Soy yà cansado , y soy viejo ,
Que consejo
Tomaré , o que camino ?
Veis el mi perro vermejo ,
A la fé tras mi se vino.

XXIV.

Y tu hijo andas huyendo
De mi , de valle en collado ,
Que mal consejo has tomado ,
El porque yo no lo entiendo ,
Sigues antojos liuianos ,
No los fanos ,
Consejos del viejo padre ,
No se te acuerda d'hermanos
Ni la vieja de tu madre.

XXV.

Ha me dicho vn escolar ,
Que sabe d'aquestos males ,
Que siete rios caudales
Te conuiene de passar ,
Y bañarte en la laguna
A la Luna
Nueua , y buscar siete fuentes ,
Perenales , y en cada vna
Lauarte , y cobrar las mientes.

XXVI.

Vnos tienen tal sospecha ,
Otros otra , y dicho me han
Muchas , y muchas diran ,
Mas sin ti que me aprouecha ?
La vejez es cierto cosa
Trabajosa :
Niñez sin entendimiento ,
Mocedad tan peligrosa
Que no escapa vno de ciento.

XXVII.

Este cuerpo flaco cansa

De andar , todo me despeo :
Mas puede tanto el desseo ,
Que algo el coraçon descanfa.
Quiero dar buelta al lugar ,
Y quiero dar
Bozes , si por aqui fuere ,
Todo lo quiero prouar ,
Antes que me desespere.

XXVIII.

Ay Alexo , ay hijo , Alexo ,
Quiçá , si de mi te escondes ,
Dime , porque no respondes ,
Si yo por ti todo atras dexo ?
Alexo , Aquel viejo loco ,
A que tan poco
De consejo , y vida queda ;
De llamarte està tan roco ,
Que no sé , como mas pueda.

XXIX.

LA NYMPHA DE LA FUENTE.

Duerme el hermoso donzel ,
No zagal , no pastor , no ,
Mientras al sueño se dio ,
Mi alma diofele a el.
El Sol es alto , y con el
Del dia , es ido vn buen trecho ,
No sé que de mi se hà hecho ,
Será lo que fuere del.

XXX.

Loca de mi , que a mirar
Me puse , y dixé tal viendo ,
Quien tanto aplaze dormiendo ,

Despierto , que es de pensar ?
 Quiseme luego apartar ,
 No sé quien me buelue aqui.
 Ah quan tarde que entendi
 Que peligro es començar.

XXXI.

Mientras pensando imagino ,
 Sin rumiallo primero ,
 Amor falso consejero
 Con sus razones me vino :
 Tornarsehà por su camino
 El moço , como despierte
 Que has de hazer tu ? que es tu suerte
 Estarte aqui de continuo.

XXXII.

Luego mi fuente encantè ,
 Pero quando la encantaua ,
 Quien las palabras guiaua ?
 (El me es testigo) Amor fuè.
 Aora que mas pensè ,
 Fue la mi cuyta mortal ,
 Pudiera sufrir mi mal ,
 El fuyo como podrè ?

XXXIII.

Y quando el mio quiçá ,
 No pudiera sufrir yò ,
 Pagara aquel que peccò
 Que la razon ansi vâ :
 Qual otra alguna valdrà
 Que me quite desta culpa ?
 Su beldad no me desculpa ,
 Antes mas culpa me dà.

Fuer-

XXXIV.

Fuerça fue , que yo la senti ,
Y miedo de mas enojos ,
Baste al fin cerrar los ojos
Diziendo , Amor manda assi :
Quantas cosas , que yo me ohi
Contar del su gran poder ,
Que podia yo ende hazer ,
Donzella flaca , de mi ?

XXXV.

Vna hermosura vfana ,
Que a quien la vè , desatina ,
Que parece mas diuina ,
Mucho mas digo , que humana.
Cruel por cierto y villana
Pudieran dezir por mi :
'Tenello encantado aqui ,
Si lo hiziera mas sana.

XXXVI.

Tal fuerça esta agua tendrá
De oy mas , que luego en la viendo
Toda persona corriendo
Por beuer d'ella arderà :
Aquella sed matarà ,
Y a otra nueva passando ,
Nunca el cuydado mudando
Por este bosque andarà.

XXXVII.

Ora mis ojos dexeis
Pagar Amor su tributo ,
No quede aqui nada enxuto
Llorad , que bien lo deueis :

Aues

Aues , que os anfi sabeis
 Cantando quiçá aliuiar ,
 Mientras me entiendo quejar
 Ruegoos que me acompañeis.

C A N T A.

D'Amor bien dizen , que es ciego ,
 Niño , liuiano , y cruel ,
 Si en mi fuente encendiò fuego ,
 Quien podrá librarfe del ?

V O L T A.

Poderoso Amor altiuo ,
 Quien razon darne sabria ,
 Si mi vida era agua fria
 Como aora en fuego biuo ?
 Sordo en todo , en todo ciego ,
 Todo breuages de hiel ,
 Todo guerra , fangre , y fuego ,
 Tal es el , tal dizen del.

XXXVIII.

ALEX. He dormido , ora que atiengo ?
 Quiero passar la montaña ,
 Quiçâ que en la parte estraña
 Me estará el bien attendiendo.
 Hea que a Dios me encomiendo ,
 Que en esta tierra , zagal ,
 Dias há que te vá mal ,
 Mal despierto , y mal dormiendo.

XXXIX.

Yo soñaua que me via
 Entre vnas cerradas breñas

De vna parte , y d'otra peñas ,
 Do nunca el Sol descubria.
 Quando no me aparecia
 Socorro de parte alguna ,
 Quexoso de la fortuna
 En llantos me deshazia.

XL.

Mientras que lloro , y me quexo
 Solo la muerte esperando ,
 Oya de quando en quando ,
 Que llamauan por Alexo.
 Quiçà si d'aquí me alexo
 Allá que me irá mejor ?
 En cortesia de Amor ,
 Y de ventura lo dexo.

XLI.

Semejaua ciertamente
 La boz del buen viejo mio ,
 Abaxo espumaua vn rio
 Que nunca sufriera puente :
 Via la muerte presente ,
 En tan grande angustia puesto
 Desperté , y fuy depresto
 Libre de aquel accidente.

XLII.

Mi fé , sea lo que fuere ,
 Mal parece , y mal será ,
 Que el coraçon me lo dà ;
 Haga Dios lo que quisiere ,
 Fuertemente me requiere
 Soledad grande , y desseo
 De quanto desde aquí veo ,

Sufrirá lo que pudiere.

XLIII.

Que el coraçon se me encierra
A todos otros consejos ,
A Dios mi tierra , y mis viejos ;
Gran mal de vòs me destierra ,
Si moriere en otra tierra ,
Aqui los hueffos me trayan ;
Que mundos , pensais que vayan
Allá , traz aquella sierra ?

XLIV.

En fin dada es la sentencia ,
Sea simpleza , o locura
Prouaré la mi ventura
Pues me aquexa tal dolencia :
Prouaré por experiencia
Si este mal otro ayre enciende ,
Si con mis amigos ende
Me queda la mi paciencia.

XLV.

No cale tiempo perder
Mas del perdido , que es mengua
Palabras vanas la lengua ,
Los ojos aguas correr.
Lo que se ha de acometer
De que sirue el dilatar ,
De los viejos es dudar ,
De los zagaes hazer.

XLVI.

Mataré en la fuente fria
Primero esta sed , que tengo ,
Con que cuyta ora a ti vengo ,

Fuen-

Fuente , de la tierra mia ?
 Si vendra aun algùn dia ,
 Que boluiendo por aqui
 Beua mas alegre en ti
 De lo que aora beuia ?

XLVII.

FALA COMO ENCANTADO.

No veo al bosque salida ,
 La vista se me esvanece ;
 Por toda a parte escurece ,
 Mal se ordena esta partida.
 Parece que se me oluida
 Esto , que le yua a dezir ,
 Yo era para huyr ,
 Vòs no para fer huyda.

XLVIII.

ANTON. Sospirado has compañero.

IUAN. No tẽ como no lloraua ;
 Sabes porque sospiraua ?
 Porque aqui cantò Ribero ,
 A que nuestro amo escuchaua ,
 Rodeauanlo pastores ,
 Colgados de la su boca ,
 Cantando el los sus amores ,
 Gente de firmeza poca ,
 Que le dio tantos loores ,
 Y aora se los apoca.

XLIX.

ANTON. Eſſo falta Iuan pastor ,
 Soncas , porque ſoſpirar ,
 A que puedes tu alçar
 Y a los ojos ſin dolor ,

Y a que los puedes baxar ?
 Donde los pondrás enxutos ,
 Adelante , o cara atraz ?
 Las plantas niegan sus frutos ,
 El sembrar es por demas ,
 Los ayres andan corrutos ,
 Los hombres cada vez mas.

L.

D'aquel gran pino a la sombra
 Que a tal dicha se plantò ,
 Que el prado , y çarças cubrio
 Y los vezinos affombra ,
 No ha pero mucho nõ.
 Vine por Ribero ver
 Como otras vezes solia ,
 (Quan presto que huye el plazer)
 Configo aqui te tenia
 A cantar , y a tañer
 Mientras la fiesta cahia

LI.

Rebueluo en el pensamiento
 Lo que cantastes , estando :
 Mi fé fueffeme oluidando :
 Del son me acuerdo , y del cuento ,
 En busca del cantar ando ,
 Mas atinemos al ton ,
 Amigo , que juro a mi ,
 Este era el tiempo , y fazon ,
 El lugar este era aqui ,
 Las palabras de rondon ,
 Ellas se vendran por si.

IUAN.

LII.

IUAN. Porque effe contar fue llanto
 Como del Cisne se cuenta ,
 En su postrimera afrenta ,
 Yo te ayudarè con quanto
 Es cantar en la tormenta.
 Bien ves que mundos son estos ,
 Nunca tales fueran , creo ,
 En las mudanças tan presto ,
 Truecan sete a cada oçteo ,
 Vi de aqui mil buenos gestos ,
 Quando miro , vno no veo.

LIII.

Mas las queexas a departe
 A lo que mandas vengamos
 El cantar , que aqui cantamos :
 Fue (sabes) d'estraña parte ,
 Donde vn tiempo ambos andamos
 Y dirte he como passò ,
 Acertóse , que yo tañesse
 Aquel modo , y el cantò
 Rogòme que respondiesse.

ANTON. Yà , yà , yà comienço yo ,
 Como si Ribero fuesse.

I.

Amor burlando vâ , muerto me dexa
 Tiene de que por cierto , a su merced ,
 Como de señor vine , aora ved ,
 Si es justa su razon , si la mi quexa ,
 Y lo que mas me aquexa ,
 Que està ledo , gozoso , y aplaziente ,
 Y aun vfano , qu'es esto ? el que vencio

Luchando pierde , y gana el que cayò ?
 Enemigo señor , que tal consiente.

II.

IUAN. Enemigo señor , que tal consiente
 Mas antes fauorece tal maldad ,
 Todo se rige por la voluntad ,
 Y si esto fue alguna ora es al presente :
 Vn pastor inocente ,
 La çampoña tañia en regla estrecha
 Del cierto , y buen tañer , y assi cantaua ,
 Plugo , mas vn zagal que alto siluaua ,
 Ved razon ante Amor de que aprouecha.

III.

ANTON. Ved razon ante Amor de que aprouecha,
 Vn ciego , vn sospechoso , vn voluntario ,
 Al mayor feruidor , mayor contrario ,
 Antojadizo , lleno de sospecha ;
 Este porque coecha ,
 Por atreuido est' otro , y mal mirado ,
 Otro por no sé que , veislo adelante ,
 Quien se pone a pensar , que no se espante ,
 Sin ventura , que hará , quien lo ha prouado.

IV.

IUAN. Sin ventura, que hará, quien lo ha prouado,
 Y lo prueua cada ora? estraña fuerte ,
 Puede auer quien assi corra a la muerte ,
 Cuydoso d' otro , y de si descuydado ?
 Todo me han trastornado ,
 Antes de los mis dias viejo , y cano ,
 No dexa en su ser cosa este accidente ,
 Pudiera enternecer vna Serpiente ,
 Llamando noche , y dia vn Nombre en vano.

AN-

V.

ANTON. Llamando noche, y dia vn Nombre en vano,
Fue tanta el ansia de las mis entrañas ,
Que enternecidas vi las alimañas ,
Paffando dellas seguro , y cercano :
Y solo fue liuiano
Aquella fiera humana , y fementida ,
A quien Amor ha dado sus poderes ,
Mas ingrata muger de las mugeres ,
Quien todo lo lleuò , lleue la vida.

VI.

IUAN. Dime zagala , y como puedes ver
El Sol , porque has jurado , y las Estrellas ,
De dia viendo a el , de noche a ellas ?
Quando puedes dormir ? quando comer ?
Que piensas al tremer
De tierra , como ogaño ? o si arde el cielo ,
Pienfas que es burla ? o que ? no pienses tal ,
Que si vn rayo fue vano , otro hizo mal ,
Y donde el no cayò , caye el recelo.

VII.

ANTON. Aquellos ojos tuyos , que al passar
No sé lo que callando me dezian ,
Aquellos que la mi alma embayan ,
Vn tiempo a mi plazer , otro a pesar ,
El dulce murmurar
Con la tu compañía , y de color ,
Mudarte a cada passo , en vn momento ,
Soltaste todo oluidadiça al viento ,
Y viues , muero yo , sufrela Amor.

VIII.

IUAN. Hasta quando serè tan ciego yo ? hasta
Quan-

Quando , tan sin razon , y sin sentido ?
 El tiempo , y la razon piden oluido ,
 Amor solo no quiere , y solo el basta ,
 Quien ansi me contrasta ,
 Que viendo claramente lo mas cierto ,
 Tomè a la mano esquierda , y essa figo ?
 Los oydos tambien cierro al castigo
 Con mis cuydados vanos de concierto.

IX.

ANTON. Mas dexadas vn poco las peleas ,
 Dime , y qual señor fue nunca tan brauo ?
 Qual ? que dixesse ansi , eres mi esclauo ,
 Yo no soy tu señor , ni sé quien seas ;
 A palabras tan feas ,
 Te trae el tu rancor , soberuia es esta ,
 Que se pueda sufrir en dicho , o en hecho ?
 A que somos venidos , tiempo estrecho ?
 Assaz bastaua el mal , sin la respuesta.

X.

IUAN. Quando luego te vi , vite piadosa ,
 Despues por te querer , por te adorar ,
 Subitamente te senti mudar :
 Que es esto ? es querer bien tan mala cosa ?
 Ah , vida dolorosa ,
 Ora se vaya el carro ante los Bueyes ,
 Los Peces retoçar vengan al prado ,
 A los Rios pascer vaya el ganado ,
 Ohi , ohi d'Amor estas sus leyes !

LIV.

ANTON. No siguio Ribero mas ,
 Antes como trasportado
 Estuuo vn rato callado ,

Pien-

Pienso que te acordaràs ,
Hablaua el poco , y d'espacio ,
Mas siempre a tiempo , y lugar ;
Ah buen pastor , si caçar
No se dexara al palacio !

LV.

TOR. No pensastes desta vez ,
Que nadie os huuiesse oydo
Cantar , pero juro a diez
Que mi parte me ha cabido.
Digoos que aqui me estuuiera
Todauia ,
Hasta que passado el dia
La noche os despartiera.

LVI.

Seguios dende a buen rato ,
Que os vi venir passeando ;
Dexé al moço mi hato ,
Y tras vos vine assechando ,
Luego entre mi lo pensé ,
Estos que van
Solos , quiza contaran ,
O si tal fuesse ? y tal fue.

LVII.

Puseme aqui a escuchar
Tras esta çarça escondido ,
El son , y el canto a notar
Estoy como embeuecido.
Harto de tiempo passò ,
Que en esto andaua ;
Lo que tanto desseaua
A caso se me offreciò.

AN-

LVIII.

ANTON. Toribio , vengas en paz ,
 Todo el bien de nuestra Aldea ,
 Llegate , ayamos solaz ,
 Que en ti todo bien se emplea.
 Y porque eres verdadero
 Te pregunto ,
 Como parecio te a punto
 El cantar nuestro estrangero ?

LIX.

TOR. Anton , a dezir verdad ,
 Pues con ella me esconjuras ,
 Gran bien es la claridad ,
 No te pienso hablar a escuras ,
 Quanto a mi , no foy mas de vno
 Quanto a todos ,
 Digo que en lo de dos modos
 Se quiere juzgar cada vno.

LX.

Vna vez , yo fuy en Villa ,
 Qu'es menester mas palabras
 Dieranme ende vna escodilla
 De vnos como pies de cabras.
 Yo dudaua de comellos ,
 Mas despues
 Comi vno , y dos , y tres ,
 Comi las manos tras ellos.

LXI.

ANTON. A ti todo se te entiende
 Que ás hecho dello mil prueuas ,
 Mas muchos otros por ende
 Alaban las cosas nuevas.

TOR.

TOR. Si , mas con tu paz concluyo ,
Que no luego ,
Primero se sopla el fuego ,
El despues arde de fuyo.

LXII.

IUAN. Andar contra la costumbre ,
Es nadar contra la vena ,
Forçado es que te deslumbre ,
Aunque tengas buena lena ,
Y mas en tierra do tanto
El vfo vale ,
Si alguno del hilo fale
Encomiendese a buen santo.

LXIII.

TOR. Vn Raposo dio mil saltos
Por alcançar los parrales ,
Nunca pudo que eran altos ,
Dixo de las vuas males :
Que eran verdes , mal bocado ,
Mi fé amigo ,
Claramente te lo digo ,
Hablas como lastimado.

LXIV.

ANTON. Ora el murmurar dexemos ,
Que es mal , que mucho se piega ,
De cantar tambien te plega
Yâ que nós cantado auemos.
No aya aqui mas rodeos
Que tambien
Sabemos que cantas bien ,
No nos mates a desseos.

IUAN.

LXV.

IUAN. Alguno ha de començar ,
Nòs bien , o mal yà cantamos ;
Tu tambien has de cantar ,
Vnos de otros no riamos ,
El ganado festeará
Por la calor ,
Aunque al cantar de Amor
Quien corriendo no vendrá ?

LXVI.

No lo digo , porque quiera
Mas palabras , ni mas ruegos
Mas porque ardo entre dos fuegos ,
Que mucho escusar quisiera.
No cantar , criança es mala ,
Y cantar mal ,
El se lo dize , que es mal ,
Vuestra mesura me vala.

LXVII.

IUAN. No te aprouechan escusas ;
Yo lo juro , esto lo jura ,
El lugar es de las Musas ,
Sombras , aguas , y verdura.
No te puedes escusar ,
Ni es razon ,
Mira que te escucha Anton ,
Empieça amigo a cantar.

LXVIII.

TOR. Auiendo de cantar yo
Ante vós , aunque me atreuo
A mucho , de que finò
D'Amor cantar puedo , y deuo ?

Dioses , Luna , Sol , y vientos
Todo manda ,
Qual dirè , Amor en que anda ?
No , mas la de mis tormentos.

C A N T A.

Del mi tormento vencido ,
Lo que sé , lo que no sé ,
Quanto mandardes diré.

V O L T A S.

I.

Mas mirad que si dixesse
Aquello , que no pensára ,
Que essa crueldad tan clara
No pensé que en vós la huuiesse.
Quereis saber lo que fuesse ,
Y desse modo a la fé ,
Sabreis lo que nunca fue.

II.

En pena , que tanto obliga
Que no me dexa , ni auaga ,
Harè , que mandais que haga ,
Dirè , que mandais que diga ,
Lo que siguiere se siga ,
Que en tal tormento a la fé ,
Lo que haga , o diga , no sé.

LXIX.

ANTON. No te quiero dar loores
Toribio , ni dezir mas ,

Sino que con tus amores ,
 D'amores muerto nos has ,
 Hablo ansi como lo entiendo ,
 Hable el maestro.

IUAN. Si callando , no lo muestro ,
 No lo mostrarè diziendo.

LXX.

ANTON. Pues yo , quanto a mi , de presto
 Te lo digo aqui delante ,
 Que he de ser villano en esto ,
 Porfiando que mas cante.
 Ayudame ora a rogallo ,
 Iuan te ruego ,
 Y sino bastare el ruego ,
 Ayudame ora a forçallo.

LXXI.

IUAN. No faltarè de mi parte
 Alomenos , al rogar
 Com quien Dios tambien reparte
 No se deue de negar.

TOR. Fuerça es esta , a la fé mia
 Soy tomado ,
 Bastará vuestro mandado ,
 Quanto mas tal cortesia.

C A N T A.

Mientras que tanto a los ojos
 Me obligo , y tanto al cuidado ,
 Ved amor qual me ha parado.

V O L T A S.

I.

Para qu'es mas ? yo soy muerto ,
No pensé que era el mal tanto
Hanme traydo en concierto ,
Soltòse todo en mas llanto ,
Descuydème , y entre tanto
Que amor me vio descuidado
Vio tiempo , y tuuo cuydado.

II.

Hame trastornado el pecho
Sin dexar cosa en su ser ,
Es fuyo , pudolo hazer.
Mas grã crueldad ha hecho ,
Yo anfi de que aprouecho ,
Cruelmente lo ha pensado ,
Que mejor fuera acabado.

LXXII.

TOR. Amigos ya cantado he ,
Hize lo que me mandastes ,
Por el vuestro amor canté ,
Y vòs por mi no cantastes :
Perdonadme si me atreuo
En tal razon ,
Que en verdad es mi opinion ,
Que en lo vno , y otro os deuo.

LXXIII.

IUAN. Mucho te lo agradecemos ,
Y destos , y otros cantares ,
Mil vezes te cantaremos
Si tu mil vezes mandares.

TOR.

TOR. Tambien yo de ser villano
Tengas miedo ,
Como dizen dale el dedo ,
Y tomarate la mano.

LXXIV.

IUAN. Si muchos tales pastores
Huuiessè en nuestras montañas
No se irian los loores
Todos à tierras estrañas.

ANTON. Aqui buenos naturales
Suele auer ,
Mas juzgar sin aprender
Nos daña nuestros zagales.

LXXV.

A rifa màs que a pezar
No se como defenderme ,
Que se le quiere ygualar
El que duerme al que no duerme ,
Trabaja con cuerpo , y esprito
Noche , y dia ,
La caça mata porfia ,
Y a buen bocado , buen grito.

LXXVI.

Viene el delicado , y tierno ,
Que passó su tiempo en vano
Tendido al Sol en Inuierno
Por la sombra en el Verano ,
Entonces medio dormiente
Como jaze ,
Dezir solo no me plaze
Es razon muy suficiente.

IUAN.

LXXVII.

IUAN. Es lo que dezis sin falla ,
Mas cada vno allá lo vea ,
Aunque Toribio se calla ,
Dios sabe lo que el dessea ,
De cantares estrangeros
Gran sed muestra ,
Si la deuda a caso es nuestra
Pagarlahemos sin dineros.

LXXVIII.

ANTON. Qualquiera cosa que venga ,
Que Toribio de mi mande ,
Por mas que cierta la tenga
Y antes que pequeña grande ,
Sea como se acertare ,
Malo , o bueno ,
Que hurtaré yo de lo ageno ,
Quando el mio no bastare.

LXXIX.

IUAN. Con desseo de ver tierras
Huue de passar los puertos.
Puseme a las blancas sierras ,
Rios de yelo cubiertos ,
Allà que pastores vi ,
Tan enseñados
A cantar versos rimados ,
Que plazer que ende senti ?

LXXX.

Vino vn dia vn viejo cano ,
Combidadmoslo a cantar ,
Tomó la çampoña en mano ,
Tocô , boluiola a dexar ,

Todos , sobre todos , yo
Deseando
De oyr mas , y porfiando ,
El buen viejo así cantò.

I.

Los manjares de Amor son coraçones ,
Humanos ojos son las claras fuentes ,
En que el mata la sed , sus dulces sonos ,
Son los sospiros de los innocentes ,
Que el trata cruelmente en sus prisiones ,
Todos enagenados de las mentes ,
Cuydados , zelos , cuytas , esto os dà ,
Lo que no tiene Amor como os darà ?

II.

No veis que và desnudo , y que non lleua ,
Sino con que haga mal , y bien ninguno ?
Saetas , arco , y fuego con que os prueua
Con todos los tormentos vno a vno.
Vos vno a vno os is dando la nueva ,
Que es falso , que es sin fé , que es importuno ,
Que es esto me dezid hombres perdidos ,
Yá que ojos no teneis , tened oydos.

III.

Y tu que fingimiento es este tuyo ,
Niño desnudo , desarmado , y ciego ?
Huyes si voy a ti , buelues si huyo ,
Aora vencedor , vencido luego.
Ah que no tiene Amor cosa de suyo !
Nos las armas le damos , nos el fuego ?
Quereis su diuindad ver tan loada ?
Abri los ojos bien , no vereis nada.

IV.

No os pongan miedo sus espantos vanos ;
Bolued por vos vereis como esfuanece ,
Vn cuerpo d'ayre sin fuerça , y sin manos ,
A quien ofado en campo se le ofrece ,
Vn engaño comun de los humanos ,
Vn como encantamiento , que enloquece ,
Niebla , que solo vn soplo la lleuanta ,
Niño , que otros como el , niños espanta.

LXXXI.

Cantado que el buen viejo huuo ,
Toda aquella nuestra gente
Como personage estuuo ,
Yo tambien por consiguiente ,
En fin , que licencia toma ,
Y adeuino ,
Que era pastor peregrino ,
Que iua en romaria a Roma.

LXXXII.

Mas no es bien que passe así ,
Y que solo Anton se quede
Sin cantar , que juro a mi ,
Si quiere , que sabe , y puede ,
Sino , que nos quexaremos
Al mayoral ,
Mas la çampoña , zagal ,
Tomado ha , bien lo tenemos.

LXXXIII.

ANTON. Aueis tan corteses fido ,
Vno luego , otro despues ,
Que aunque aya quedar corrido
Sea antes que descortes.

Mas la çampoña Aldeana ,
 No os dirà ,
 Sino vn cantar de acà
 Destos de la tierra llana.

C A N T A.

Quando tanto alabas , Clara ,
 Elas , que a luchar se desnuda ,
 La mortal de la mi cara ,
 Que frios sudores fuda?

V O L T A S.

I.

Ora alabas tal blancor
 Discurriendo pieça a pieça ,
 Que no queda sin loor ,
 De los pies a la cabeça.
 Quien tal del mundo pensara ,
 Aunque cada ora se muda ?
 Verte contra ti tan clara ,
 Verte contra mi tan cruda ?

II.

Llamásle madexas d'oro ,
 El hablar blando , y suaue ,
 Las fuerças de vn brauo toro ,
 La ligereza de vna Aue ,
 Comigo el alma no para ,
 Huyendo a su cuyta aguda ,
 Quando tu aficion dispára ,
 Y al gesto sale desnuda.

Tam-

III.

Tambien de los mis enojos ,
De las mis vascas , y fuegos ,
Son testigos muchos ojos ,
Que los ven hasta los ciegos.
Las mudanças de mi cara ,
El mi pecho , que amenuda ,
Los mis secretos declara ,
Sola mi lengua está muda.

IV.

Triste , y en lucha tan estrecha
A braços con los sentidos ,
Que Blas caya , que aprouecha ,
A quien tiene ojos , y oydos ?
Y aunque yo dello dubdara ,
No dexas lugar de dubda ,
A quien de tus ojos , Clara ,
Nunca los sus ojos muda.

V.

Entre dos males tamaños ,
Que no sé dellos qual vença ,
Grandes miedos de mis daños ,
Grandes de la tu verguença.
Si del todo me pasmara ,
(Que era de pasinar sin dubda)
El seso al mal ayudara ,
Que aora me desayuda.

LXXXIV.

TOR. Mejor es , que hombre se calle ,
Que hablar poco en tus loores ,
Mas bendito sea el valle
Que lleua tales pastores.

ANTON. Yo me estaua como vn bobo ;
Ansi escuchando ,
Mas quien viene allà trotando
En la conseja ? es el Lobo ?

LXXXV.

PEL. Amigos vengo pasinado ,
Y aun medroso , y no poco ,
Que anda aqui cerca , emboscado
Vn zagal , dadlo por loco ,
Y aunque son muy diuersos
Los modos de enloquecer ,
A quanto pude entender
Anda componiendo versos

LXXXVI.

IUAN. Dale por mal remediado ,
Si tal dolencia es , qual dizes ,
Comerseha engolosinado ,
Las manos como perdizes ,
Quando arden todas tus venas ,
Y luego temblan de frio ,
Para todo ay cosas buenas ,
A esse mal todo es baldio.

LXXXVII.

ANTON. D'esse morirsehan de risa
Todos , del en su persona ,
Quando sus versos entona ,
Y el estasse vn Rey en Frisa.
Dexale Pelayo hermano ,
Que puesto que el mal no es poco
El querer curar vn loco
Es trabajar siempre en vano.

LXXXVIII.

PEL. Cosa es que os espantarà ,
El camino no es tan luengo ,
Si quereis vamos allâ ,
Y sino visto lo tengo.

TOR. Vamos , andad , abalemos ;
Que gana tengo de oylo ,
Lleguemos allà Carillo ,
Que harto de tiempo tenemos.

LXXXIX.

PEL. Venid que bien lo podreis
Ver , y juzgar quanto abonde ,
Mas no sienta que lo veis ,
Porque al momento se esconde ,
A la fé yo dixé , y hize ,
Veis que en la frente se hiere ,
Semejame , que hablar quiere ,
Escuchad bien lo que dize.

XC.

ALEX. I. Engañóme el mal estraño ;
Pensé cuytado que os via ,
Mas bien , que no mal seria
A durar solo el engaño.

XCI.

IUAN. Si la vista no me embrusca ;
Mirolo de luengo en ancho ,
Este es Alexo el de Sancho
De quien el viejo anda en busca.

XCII.

ANTON. Quiçà , si es affombramiento ,
Ni veo que otro ser pudo ,
Que no se via entre ciento

Otro zagal tan fésudo.

IUAN. Moço , para dar consejo
No es cosa muy segura ,
Mal aliento haze locura
En la cabeça del viejo.

XCIII.

ALEX. II. Los mis desseos fandios
Que adrede a su mal se dieran
Para vós , que nunca vieran
Guardan estos ojos mios.

XCIV.

TOR. O buen de mi , y que bueno ;
Que cosas dezir se dexa ?
Quien del mal tambien se quexa
No está de sí muy ageno.

XCV.

ALEX. III. Que remedios se conuienen
A tan varios pensamientos ,
Que vnos se van con los vientos ,
Otros con ellos se vienen.

XCVI.

ANTON. No veis com que ansia sospira
Que hermoso , que bien dispuesto
Veislo allá buelto tan presto ,
Veislo , que buelto acá mira.

XCVII.

ALEX. IV. A todas partes pensando
Verte miro , y no te veo ,
Sino muere este desseo
Morir me he yo desseando.

XCVIII.

IUAN. Segun fuenan las palabras

Ami-

Amigos deste muchacho
Es que Amor le dà empacho ,
Ni él busca aqui otras cabras.

XCIX.

ALRX. v. El mi coraçon liuiano ,
Fueffeme , no fé tras quien ,
Van buscando este su bien ,
Tras el los ojos en vano.

C.

ANTON. Ora ved lo que he pensado
En esto que vi que es poco ;
Empero nunca vi loco
Que no fueffe enamorado.

CI.

ALEX. vi. Este mi mal tan estraño ,
Esta mi cuyta si os viesse ,
No puede ser que dolieffe
Por mucho que fueffe el daño.

CII.

IUAN. Yo os digo esto en mi tino ,
Escuchame ora si os plaze ,
Cierto amor mucho mal haze :
Pero sabed que es diuino.

CIII.

ALEX. vii. Que la mi vida se vea
En tanta cuyta , y fatiga ,
Pues la ventura enemiga ,
Pues Amor quiere , ansi sea.

CIV.

ANTON. Amor maluado , y no tal ,
Como dizen , y se nombra ,
No lo dexa a Sol , ni a sombra ,

Haze como suele mal.

CV.

ALEX. VIII. Por vn bosque tan sombrío ,
Por puertos tan mal seguros ,
Entre enemigos tan duros ,
Que descuido es este mio ?

CVI.

TOR. Catad , catad mis pastores ,
Por cierto bien le entendiste ,
Iuan quando luego dixiste
Que su mal era de amores.

CVII.

ALEX. IX. Sea pues lo que se fuere
Coracon mio engañado ,
Que este soberuio cuydado
Todo lo que quiere , quiere.

CVIII.

PEL. No se puede mas burlar ,
Que a la fé que no es buen juego
Vainos a buscar vn Crego ,
Que lo venga a esconjurar.

CIX.

ALEX. X. Aquel cuydado , que en medio
De mi pecho el alma abrio ,
A quantos males me dio ,
No me dio solo vn remedio.

CX.

ANTON. Hablò contigo , o con quien ,
No ves que dixo el zagal ,
Ansi se quexa del mal
Que me parece que es bien.

CXI.

IUAN. Miraua a la clara fuente ,
Que tan hermosa en la peña
Biua , del alto despeña ,
Allá te espero pariente.

CXII.

TOR. Yo tambien allá me iré ,
Que nunca tuue tal sed ,
Sino la mato , fazed
Que muerto della seré.

CXIII.

PEL. Tu tambien corres Anton ,
No veis la priessa que lleua.

ANTON. No me ternan que no beua
Quantos en el mundo son.

CXIV.

PEL. Qu'es esto ? miedo he que ciegue
De sed , antes de beuer ,
No hago sino correr ,
Y no sé quando allá llegue.

CXV.

QUEDAN ENCANTADOS.

ANTON. Viste jurar Violante ,
Viste , que fue por demas ,
Como quieres tu que cante ?
Ó rios bolued atras ,
Vos montes id adelante.

CXVI.

TOR. El bosque arde al rededor ,
Tira Amor tiros a pares ,
Piedad , piedad señor ,
Quando mas crueldad pensares ,

Mien-

Miembrete , que eres Amor.

CXVII.

PEL. Por estos buenos abrigos ,
Ay que zagala , Leonor ,
Son malos ojos testigos ,
Biua , reyne , y vença Amor ,
Y mueran sus enemigos.

CXVIII.

Fuerte ceguedad estraña ,
Que nos a todos destruye ,
Vemos que es incierta , y vana
Vemos que la vida huye ,
Y andamos de oy en mañana.

A NVNALVEREZ PEREIRA.

EGLOGA OITAVA.

B A S T O.

I.

POLLAS ribeiras de huns rios
Por onde cantão as aues ,
Por entre bosques sombrios ,
Depois de contos mais graues
Ouui destes mais baldios.
E porque eu tambem me afaço
Do pouo , que me nam reja ,
E tras si me leue a rasto ,
Vede do tempo em que gasto
O que me às vezes sobeja.

Em

II.

Em quanto hum joga , outro caça ,
Outro dorme , outro trasfega ,
Outro murmura na praça ,
E co mal deste se rega ,
E co bem dest'outro einbaça.
Hum de si se preza tanto
Que só cuida que enche as festas ;
Outro sospira , & faz pranto ,
Co a natureza entretanto ,
Fallemos pollas florestas.

III.

Grande final de faude
He ter tudo a parte posto ,
Olho sómente à virtude ,
Ledo , ou triste , o mesmo rosto ,
Que nam ha quem volo mude.
Por demais tudo aporfia ,
Cum peito tam liure , & sam ,
Que tomou tam certa guia ,
Daqui nasce a presunçam ,
Cuidam que da fidalguia.

IV.

A virtude he paga igual
De si mesma sem mais troca ,
Mas tratemos ora d'al ,
Sabese , que vos nam troca ,
O bem , nem menos o mal.
Quem sabe por onde vay
Leua sua conta feita ,
Nunca do caminho say ,
Nam olha a quem diz tomay
Á esquerda , ou á direita.

v.

Ambos nós temos à banda
 De Gil , que ahi vos enuio ,
 Por onde a menos gente anda ,
 Eu porém nam aporfo ,
 Que a cada hum seu gosto manda.
 Mas nam faltam contendores
 Seja a rezam a que vença ,
 Estemse à parte os fauores ,
 Ouui vós os meus pastores ,
 Outrem para a defaueença.

P A S T O R E S D A E G L O G A.

BIEITO. GIL. BASTO.

vi.

BAST. **C**OMO corre , e como atura
 Quem vay apos o seu gosto ,
 Quer por frio quer quentura ,
 E no fuor do seu rosto
 Busca às vezes má ventura
 Sem guia , & sem esconjuro
 Cos medos se defafia ,
 Só vay afouto , & seguro ,
 De noite pollo escuro ,
 Por montes hermos de dia.

vii.

Este appetite que digo ,

Quem

Quem o desse à mã maleita ;
Que traz mil artes configo ,
Guarte delle que t'espreita
Por dar daueſſo contigo.
Rostro ao ſi , & rostro ao nam ;
A fortuna he feita aſſi ,
Mal a conhece o vilam ,
Cuidas que a tens na mam ,
Eſtáſe rindo de ti.

VIII.

Onde quer o demo jaz ,
Para auer de embicar nelle ,
Topey cum Lobo roaz ,
Fuyme cos meus cães tras elle
Tiue de fadiga aſſaz ,
Eis que traspoem , eis que aſſoma ,
Desfaziamse correndo ,
Toma aqui cão , alli toma ,
Cego da porfia , em ſoma
Fuyme traspondo , & perdendo.

IX.

Iſto , a quem nam acontece ?
Seja poreim na mã ora ,
O tempo deſaparece ,
Eſtamſe rindo os de fora
A nós nam no lo parece.
A correr , & dar à choca ,
Eſte deſafia mil ,
Vende aquelle , compra , e troca ,
Outro traz graças na boca ,
D'outro falla o Arrabil.

X.

Cuida , que as namora todas ,
Hum que se tem por feroso ,
Vaife ás festas , vaife ás bodas ,
Tenhome eu co dadiuoso
Que vnta o carro , andão as rodas
Grandes coufas capa em colo
Conta (se ellas assi sam)
Que me dam volta ao miolo ,
Deue de me ter por tolo ,
Eu a elle porque nam ?

XI.

Como Lontra , jaz no rio ,
Hum que o seu gado mal passa ,
Elle pesca , ora com fio ,
Com cana ora , ora com nassa ,
O outro anda sempre em cio.
Outro resfriada a chama
Parte , e deixa a molher noua
Dando voltas polla cama ,
Elle por neve , & por lama ,
Corre cos seus cães á proua.

XII.

Vay assi , já ha muitos dias ,
Que não torna atraz ninguem ,
Bebemos das bem querias
Que cada hum consigo tem ,
Damos dessas rezões frias.
O bom Gil sendo mais moço
Muyta da terra correra ,
Vendo hum , vendo outro aluoroço
Co seu fardel ao pescoço

A ser pastor se acolhera.

XIII.

Ora elle , assi pastor sendo ,
Se primeiro andara mal ,
Foy apalpando , foy vendo
Entre nós , que era outro tal.
Tambem se foy delambendo ,
Hũa vez lama , outra pô ,
Sempre homem anda achacado ,
Deu inda mais outro voo ,
Por melhor ouue andar só ,
Que assi mal acompanhado.

XIV.

Era grande amigo seu
Bieito , & vendo a mania tal
Configo hum dia lá deu ,
Tiueram grande porfia ,
Hum rezões deu , outro deu.
Não ha quem senam defenda
A pareceres alheos ,
Antes dez quedas que emenda ,
Contaruos ey da contenda
Sem meter verbos nos meos.

XV.

BIEIT. Que he isto Gil , que assi triste
Te nos fez este anno Abril ,
Não sey que demo tu uiste ,
Que ja nam pareces Gil ,
Dize onde te nos sumiste ?
Vlo aquelle grande amigo ,
Vlos os bofes lauados ,
Daquelles do tempo antigo ,

Que o segredo , y o perigo
Nam nos trazia encubados.

XVI.

Affi tam só te vieſte ,
Tomaſte forte burram ,
Tontos amigos vendeſte
Por nam ſey que , nem que nam ,
Que nem a mi só o dixeſte.
Ora dize ſe te apraz ,
Depois de tanto Sol poſto ,
Tal inchaço inda em ti jaz ?
Arrenega o mal que traz ,
Sempre conſigo máo roſto.

XVII.

Tu olhasme de traués ,
Parece que a mal o tomas ,
Mas ſe tu Gil inda eſte es ,
Nam ey medo , que me comas ,
Por mais mudado que eſtes.
Que inda que certo hajas feito
Huina tam forte mudança ,
Que te tem como deſfeito ,
Deſte nome de Bieito ,
Se quer has de ter lembrança.

XVIII.

Muytas vezes imagino ,
Gil amigo , em ti cuidando ,
Na brandura , & bom enſino ,
Que repartias eſtando
Duas oras cum menino.
Olha bem , olha o que fais ,
Tinhas tantos de bons modos

Cos iguais , & nam iguais ,
Quando estauas bem cos mais
Das que em ti fallar a todos.

XIX.

Que se fez do teu cantar ?
Ninguém nam cantaua assi ,
Mas para que he preguntar
Senam , que se fez de ti ,
Onde te iremos buscar ?
Nam ha ora tanto espaço
Quando Genebra casou
Com Gregorio teu collaço ,
Quein teue rosto aos do paço ,
Quein tangeo , & quem cantou ?

XX.

Morreote o gado meudo ?
Foy hum andaço gèral ,
Nam se pode lograr tudo ,
Virà bem apos o mal ,
Sofre , que sofre o fêfudo ,
Arrenega dos affanhos ,
Lá os deuias ter prouados ,
Não são os males tamanhos ,
Se este Março não foi d'anhos ,
Outros viram melhorados.

XXI.

GIL. Seja , amigo meu Bieito ,
Esta vinda em ora boa ,
Eu digo amigo escolheito ,
Como quem o leite coa ,
Que deça limpo ao seu peito.
E respondendo ao que dizes ,

Vezme fardel , & cajado ,
 Bom final he que as perdizes
 Nam vou armando boyzes
 Ando apos este meu gado.

XXII.

Espreito , andando , o que quer ,
 Parece que folga mais
 Por agora de pacer
 Por effes andorriais ,
 Faça como lhe aprouuer ;
 Que por certo homem dirà
 Nas cousas que não são certas
 Ex nos câ , & ex nos là ,
 As vezes no pior se dà ,
 As vezes tambem acertas.

XXIII.

O mais , que peza , ou que val ,
 (A nos parecenos muito)
 Diz Toribio , & diz Pascoal ,
 Palauras vãs , & sem fruto ,
 E as vezes inda sem sal.
 Quando a bibora no ar morde ,
 Por mais peçonha que traga ,
 Não temas que inche , ou que engorde
 Nam hajas medo que acorde
 Bradando polla triaga.

XXIV.

Ves tu coufa , que estê queda ?
 Ora he noite , ora amanhece ,
 Ora corre hũa moeda ,
 Ora outra , tudo enuelhece ,
 Tudo tem no cabo a queda.

Nas Villas hum baylo dançam
 Em que todos ao som andam,
 Huns cá, outros là se lançam,
 Como o tanger não alcançam,
 Mais pés, nem braços não mandam.

xxv.

Do sangue, & leite empollado
 O Bezerrinho viçoso
 Corre, & salta polto prado,
 Depois laura preguiçoso,
 Tira o seu carro cansado.
 Cos dias, & co trabalho
 O brincar d'antes lhe esquece,
 Nam he já, o que era ao malho,
 Cortese, leue-se ad talho,
 O boy velho, que enfraquece.

xxvi.

BIEIT. No começo os erros tem
 Bom remedio, ao diante
 Tem o mau, se nam vas bem,
 Pior iras mais auante,
 Torna atras, que te conuem.
 Nam o tenhas por amigo
 A quem te anda sempre à vontade,
 Dissimulando contigo,
 Lembrete do dito antigo,
 Que enfada muito a verdade.

xxvii.

Mal vay, quem sempre empeora,
 E que lingoa a dos pastores,
 Hum olho ri, outro chora,
 Vem hum diz, que sam amores,

Ou-

Outro diz , que he mal de fóra.
 Hum se troce , o outro diz
 He mau jogo este das lingoas
 Ou tal fiz , ou tal nam fiz ,
 A cada canto hum juiz ,
 Vemse em tanto à praça as mingoas.

XXVIII.

GIL. O moço que entra em terreiro ,
 E nam toca o chão de leue ,
 Pollo ar voa o pandeiro
 A toda a festa se atreue ,
 Elle só co seu parceiro.
 Este tal bayle , este cante ,
 Este seus jogos ordene ,
 Corra , voe , & passe auante ,
 Este volteee , este espante ,
 Estes dé penas , & pene.

XXIX.

Mas a quem ja se vem das pontas
 Nam acha o que foya em si ,
 Comece entrar n'outras contas ,
 Ouui já milhor , & vi
 Suar , & passar afrontas.
 Vez o tempo como foge ,
 Corre o dia apos o dia ,
 Queres que homem nam s'anoje ,
 Que me não conheci oje
 N'ũa fonte em que bebia.

XXX.

E porque tudo te conte
 De quanto me aconteceu ,
 Quando me tal vi defronte ,

Dos olhos agoa correo
Mais que corria da fonte.
Passoufeme a fede em fim,
Que me aquella agoa trouxera
E a tal defacordo vim,
Que quando torney em mi
Grande espaço o Sol correra.

XXXI.

BREIT. Come de toda a vianda,
Nam andes neſſes antejos,
Nam ſejas tão vindo á banda
Temte ás voltas cos deſejos,
Anda por onde o carro anda.
Vez como os mundos ſão feitos,
Somos muitos, tu ſó es,
Poucos ſão os ſatisfeitos,
Hum eſquerdo entre os direitos,
Parece que anda ao reuez.

XXXII.

Dia de Mayo choueo
A quantos agoa alcançou,
A tantos endoudeceo,
Ouue hum ſó que ſe ſaluou,
Aſſi entam lho pareceo.
Dera viſta ás fameadas
Eſſas que tinha mais perto,
Vio armar as trouoadas,
Alongou mais as paſſadas,
Foyſe acolhendo ao cuberto.

XXXIII.

Ao outro dia hum lhe daua
Paparotes no nariz,

Vinha outro que o escornaua,
 Hi tambem era o juiz
 Que de riso se finaua.
 Bradava elle homens olhay,
 Hiamlhe co dedo ao olho,
 Dixe entam, pois affi vay,
 Nam creio logo em meu pay
 Se me desta agoa nam molho.

xxxiv.

Apayxonado qual vinha
 Achou n'um charco que farte,
 O conselho auido o tinha,
 Molhou se de toda a parte,
 Tomoua como mezinha.
 Como o viram, là correram,
 Hum que salta, outro que trota,
 Quantas graças que fizeram,
 Logo todos se entenderam,
 Eylos vam n'úa chacota.

xxxv.

GIL. Tu sabes que me obrigara
 A esta vida de pastor,
 Vinha muy corrido á vara,
 Cuidey que era ella melhor,
 Como quem a nam prouara.
 Determinauame já
 De andar com minhas ouelhas,
 A conta fahiome má,
 Mäs fadas ha cà, & là
 Como bem dizem as velhas.

xxxvi.

Andey daquem para além,

Ter-

Terras vi , & vi lugares ,
Tudo seus aueſſos tem ;
O que nam exprimentares ,
Nam cuides que o ſabes bem ,
E ás vezes quando cuidamos
Que algũa couſa entendemos
A cabra cega jugamos ,
Acheyvos cá fortes amos ;
Querem que os adoremos.

XXXVII.

Para as couſas que acontecem
Quando os buſcas , ora o ſono ,
Ora achaques mil te empecem ,
Ao troſquiar achas dono ,
Nas preſſas nam te conhecem.
'Tudo lhes o demo deu ,
Tê rezões mãs que nos dam ,
Quando te hão miſter es ſeu ,
Quando os has miſter es teu ,
Que nam tens ainos entam.

XXXVIII.

Eſſa vez que ſaem á rua ,
Eſtremece toda Aldea ,
Elles bebem , & homem ſua ;
Doelhes pouco a dór alhea ,
Querem que nos doa a ſua ,
Inda que o dano he em groſſo
Poderão diſſimular ,
Iſto parceiro nam poſſo ,
O entendimento que he noſſo
Naõ no lo querem deixar.

XXXIX.

Pollo qual co meu fardel
 Fogi das vossas Aldeas ,
 Não trago nos beiços mel ,
 Que não sou cresta colmeas
 Nem posso ser ministrel.
 A faudade não se estrece ,
 Mas cahiome hum coração
 Em sorte que muito empece ,
 Que outro senhor não conhece ,
 Saluo justiça , & rezaõ ,

XL.

Entaõ queixome a ti logo ,
 Que em casos , que aconteceraõ
 Vime por elles no fogo ,
 Bradei , & não me valeraõ
 Brados , queixumes , nem rogo.
 Assi me fahi , meu quedo ,
 E quedo , & fará hum dia ,
 O que outro não fez , e ey medo
 De ver mór vingança cedo
 Do que j'agora queria.

XLI.

BIEIT. Trouxesteme ora á lembrança
 Aquelle amigo foaõ ,
 Que ao tempo dessa mudança
 Tua , foyte assi à maõ ,
 Como a quem os dados lança.
 E lembrame ora bem tudo ,
 (Que era eu hi no tal ensejo)
 Inda que entaõ me fiz mudo ,
 Faloute como fesudo ,

Pareceme ora que o vejo.

XLII.

Seja (disse elle) em boa ora ,
Que eu tambem entre este gado ,
Fazendo contas cada ora ,
Cada ora me acho enganado
Desta esperanza trédora.
E dirte ey que me acontece
Quando neste valle estou ;
Qualquer outro , que aparece
Muito melhor me parece ,
Naõ he assi quando là vou.

XLIII.

Assi disse aquelle amigo ,
Agora digo eu que ey medo ,
Quando debates contigo
Que te estem mostrando ao dedo
Gomez , Gonçalo , & Rodrigo.
Não queiras ir muito ao fundo ,
Inda que ora tanto entendas ,
Nesta só rezaõ me fundo ,
Naõ has de emendar o mundo
Por mais rezões que despendas.

XLIV.

Perigosa he a dianteira ,
Deixa ir diante os mais velhos
Com a paixãõ tençoeira ,
Nunca ajas os teus conselhos
Sempre foy má conselheira.
Quem consigo traz rancor ,
E em espreita anda do mal
Nunca lhe falece dór ,

Mas se o bem igual não for ,
Seja o coração igual.

XLV.

GIL. Se cos teus olhos não vejo ,
Nem ouço cos teus ouvidos ,
Todo o debate he fobejo ,
Regeste por teus sentidos ,
Tambem pollos meus me rejo .
Comes tubaras da terra ,
Eu não nas posso comer ,
Nem hum , nem outro não erra ,
Pera que he sobre isto guerra ?
Come o que te bem souber .

XLVI.

Naó digo que cada hum faça ,
Quanto lhe à vontade vem ,
Que essa seria má graça ,
Mas entendo o saber bem
Do que se vende na praça .
Porque o tempo fez aballo ,
E somos em forte ensejo ,
Inda leuanto outro vallo ,
Que nos doentes nam fallo
A quem mata o seu desejo .

XLVII.

Bem vejo que a verdade era
Ir pollo fio da gente ,
Cos muitos te respondera ,
E o amigo , & o parente
Que murmurar não tiuera .
Porem assi sò não minto ,
Não finjo , não lisongeo ,

Se sou farto , ou sou faminto ,
Que mau he , o meu destino
Antes seguir , que o alheio ?

XLVIII.

Vou fugindo ás armadilhas ,
Que vi com manha esconder ;
Nam quero ouvir maravilhas
As vezes muy más de crer.
Da má mãy nascem más filhas ,
Querem que homem ouça, & crea ,
Não ja eu , crea o nosso Ioane ,
Crea o baboso d'Aldea ,
Que tras sempre a boca cheia
Das filhas de Dom Beltrane.

XLIX.

Olha se a rezam conchude ?
Es doente , teu pay nam ,
Digo outro tal da virtude
Polla ventura es tu sam ,
Porque teu pay tem saude ?
Naõ , que cumpre outra mezinha ,
Olhe cada hum por si ,
O bem nam he como tinha ,
Nam se pega tam asinha ,
O mal pode ser que si.

L.

Leme primeiro outra lenda ,
Deixarãote os teus passados
Do gado , & vinhas de renda ;
Olha que andaõ mesturados
Os encargos co a fazenda.
Cumpre a cada hum que arribe ,

Por si se defeja a honra ,
Nam dizer bons donos tiue ,
Que quem como elles nam viue
Tanto mais sua deshonra.

LI.

BIEIT. Pois contigo a rezam val ,
Vejamos qual mais conjunta ,
Olha , que todo animal
Fraco , ou forte aos seus se ajunta
Por destinto natural.
As pombas andam em bandas
Altos vam os groues em hiaz ,
Estas andorinhas brandas
Naõ querem de nós viandas ,
Querem companhia , & paz.

LII.

Toma exemplo no teu fato ,
Que o trazes junto em rebanho
Naõ rez , & rez polo mato ,
Té o carneiro tamanho
Se atras fica he lambeato.
E inda ham mister mastins ,
Inda funda , & cajado haõ ,
Que a estes lobos roins
Que decem d'outros confins
Te ajudem assentar a maõ.

LIII.

Eu vi ja sobre isto apostas ,
Contase do Elefante ,
O que tras a torre às costas
Que ha mister quem o leuante
Se dà consigo de costas.

Senaõ fosse essa prestança
Da falla , e rezaõ do homem ,
Por forças elle que alcança ,
Mister ha fazer liança ,
Senaõ maos bichos o comem.

LIV.

Em esta aliança tal

Que te digo , inda naõ meto
Saluante a do meu igual
Dos outros naõ me entremeto
Mas fique dito em geral.
Como no mundo apontamos ,
Tanto que em terra cahimos
Do chorar nos ajudamos ,
Socorro , & ajuda pedimos ,
Nós sós pera que prestamos ?

LV.

Fuyme hum dia á Villa , Gil ,
E logo ao sayr de casa
Mais verde que hum perrexil ,
Cuidey que mataua a brasa
De galante , & de gentil.
Bem passsey cos viandantes ,
Mas depois , quando là cheas
Viruas d'outros galantes ,
Se eu viera vfano d'antes ,
Naõ torney tal às Aldeas ,

LVI.

Dezia hum vendome assi

Bom vay o do barretinho
Nunca o tam fidalgo vi ,
Chamauaõme outros ratinho ,

Hús assi , outros assi ,
 Finalmente por acerto ,
 Vi algús nossos de cá ,
 Deixeyos chegar mais perto ,
 Metime entrelles por certo ,
 Que tarde me colhem lá.

I.VII.

Hum bacorote orgulhoso
 Deu vista ao gado ouelhum ,
 De quexiquer espantoso ,
 Trombejava elle hum , & hum
 Andava todo brauoso.
 Vem hum dia o lobo , & apanha
 Pella cabeça o doudete ,
 Abrandoulhe aquella sanha ,
 Brada , á dos meus , em tamanha
 Pressa , ninguem arremete.

I.VIII.

Vinham os porcos d'Aldea
 Mais atras , grunhir ouviram ,
 Hum escuma , outro esbrauea ,
 Estes si , que lhe acodiram ,
 Perdeo o lobo a sua cea ,
 Elle solto vio que o gado
 Da lam branca estava olhando
 De longe , inda amedrentado ,
 Antes (disse) fer mandado ,
 Que em tal perigo , tal mando.

LIX.

GIL. Fallasine nos animaes ,
 A quem nós brutos chamamos
 Que guardam leys naturais ,

Nos outros não nas guardamos
 A isso obrigados mais.
 Estes homens com quem tratam
 Homens não, mas leões brauos,
 Por força tudo rematam,
 Os leões nam se resgatam,
 Nem se vendem por escrauos.

LX.

Para que mandem, nem rejam,
 Nam vam as agoas tingidas
 De seu sangue, se pelejam,
 Nam alçam forcas esguidas
 Em que ás Aues manjar sejam.
 Nam tem repartida a terra
 Por marcos tam desiguaes,
 Por sangue, por fogo, e guerra
 Com que hum tem de ferra a ferra
 Outro nada, ou dous tojais.

LXI.

He cousa para espantar
 Da ley que entre si tem gralhas,
 Que vendo a hũa queixar,
 Decem correndo em batalhas
 Matamse polla saluar.
 Ora te direy assi,
 Quem diz o que vio, não mente;
 Guarda de imbicar aqui,
 Que verás passar por ti
 O amigo, & o parente.

LXII.

Quem nunca ouuio hum rifaõ
 Mais corrente, e mais vŕado;

Que he darem todos de mão ,
Quantos vem , e quantos vam
Ao carro que está entornado.
Fallo , porein em géral ,
Que alma , dizendo , isto afronta
Nam quero que cuides al ,
Amigos do meu final ,
Nam vam elles nesta conta.

LXIII.

Muitos dos vaos apalpey ,
Aos trabalhos me dispuz ,
Desque cuidey , & cuidey
Dixe comigo , ora sus ,
Se erros fiz , erros paguey.
Cuida homem , que bem escolhe ,
As singellas só consigo ,
Eu nam sey , porque se tolhe
O fugir a quem se acolhe
Donde vem certo o perigo.

LXIV.

Andando só não me empecem
Maos olhos , nem más palauras ,
Não me empecem se engafecem ,
Por outros fatos as cabras ,
Curoas quando me adoecem.
Porque tudo diga em soma ,
Nam ey medo que o cabrito ,
Me furte o vezinhó , e coma ,
Aqui se a paixam me toma
Posso bradar voz em grito.

LXV.

Que me nam ouça ninguem
 Sòmente as Aues , que tais
 Duas auentagens tem
 Desses outros animais
 Voar , & cantar tambein ,
 Ou o som d'agoa que cae
 Rompendo pollos penedos
 Dece ao fundo , ao alto fae ,
 Ella a grande preffa vay ,
 Elles para sempre quedos.

LXVI.

Ves tu a minha cabana ?
 Se o tempo se muda ; assi
 A mudo eu. Guiomar , nem Ana
 Não daõ voltas por aqui
 Mais leues , que ao vento cana.
 Cantando dos seus solaos
 Que me fação merecer
 Muitos destes varapaos ,
 Com seus olhos vaganaos ,
 Bons de dar , bons de tolher.

LXVII.

Deixame ver este Ceo ,
 E o Sol em que vay tal lume ,
 Que a vista nunca sofreo ,
 Aquillo he vfo , & costume ,
 Que tantos tempos correo.
 Que claridade tamanha !
 Que fogo nelle aparece !
 Quanto rayo o acompanha !
 Dizem que o mar de Espanha

Ferue quando nelle dece.

LXVIII.

Cobrese logo de estrellas

Tudo quanto delle vemos ,

Nascem dellas , põese dellas ;

Olhamos , mas que entendemos ,

Nem da Lũa , que está entr'ellas ,

Que se renoua , & reueza ,

Ora em fio , ora em crescente ,

Ora em sua redondeza ,

Cada mes com que certeza

Semelha a da nossa gente.

LXIX.

Do mais , dizia Pascoal ,

Sabes que he o que nos come

São mimos , que não he al ,

Onde quer se mata a fome ,

Matamse appetites mal.

Pollo Sol , & polla neve

Natureza a grande madre ,

Que em fim tambem no lo deue

A tudo acudir se atreue ,

Por mais que este ventre ladre.

LXX.

Do que ao meu gado sobeja ,

Vou viuendo anno por anno

Pouco , ou muito , que elle seja

A ninguem não faço dano ;

Que não se ha do pouco enueja.

Parece a vida em verdade

Dos mastins gado , & pastor ,

Como de communidade ,

Com

Com tal fome , & frialdade ,
Tudo pode , e manda Amor.

LXXI.

Leuo o meu gado , elle figo ,
Que inda são mais embaraços ,
Dos que eu quísera comigo ,
Passey por tantos dos laços
Que olhar sómente he perigo.
No meu samarrão metido ,
Que mais quero ? sou pastor ,
Cà nunca chega apellido
De fogo , nem de arroydo ,
Mal se for , mal se não for.

LXXII.

Aqui por estes abrigos
(Os mais debates deixemos)
Virmeão ver os meus amigos ,
Ao Sol nos estenderemos ,
Fallando em tempos antigos ,
E despois dos meses mil
Quiçaes que inda dira alguem
Olhando este meu couil ,
Por aqui cantava Gil
Sem queixia de ninguem.

LXXIII.

Quando tudo era fallante
Pascia o ceruo hum bom prado ;
Hi veo hum cauallo andante
Quis comer algum bocado
Posselhe o ceruo diante.
Outra rezão não lhe deu ,
(Que eraõ pacigos gèrais)

Saluo posso , e quero , he meu ,
Este meu , & este teu
Tanto haja que nos fez tais.

LXXIV.

Vendo tão pouca prestança
O cauallo d'antes forro
Com desejo de vingança ,
Pedindo ao homem socorro
Por terra a seus pés se lança.
Não pode á justa querella
Deixar de se pôr no meyo ,
Mas foy necessaria a sella ,
Poslha , & fezse forte nella ,
Toma a redea , proua o freo.

LXXV.

Assi dam volta ao imigo ,
O ceruo , quando tal vio ,
Homem ao cauallo amigo ,
Deixoulhe o campo , & fogio ,
Foy buscar outro pacigo.
O cauallo vencedor
Corre o verde , & corre o seco ,
Fóra , fóra o contendor ,
Ficoulhe porém senhor ,
Não foy tanto o outro enxeco.

LXXVI.

Quem ha tal medo á pobreza ,
Tal á fome , & frialdade ,
Que por ouro , e por riqueza ,
Dá a só rica liberdade ,
E mais outrem que assi preza.
Se lhe vés herdades largas ,

Não

Não lhe ajas enueja à troca ,
Que embaração as roupas largas ,
Faz sangue o freo na boca ,
As esporas nas ilhargas.

LXXVII.

Mas já ves como o Sol anda ,
Amigo he tarde , folga ora ,
Deixemos esta demanda
Mal ainda para outra ora
A cea será mais branda.
Com dos peixinhos passarás
Do rio , nam d'almocreues ,
Que as villas fazem tão caras ,
Beberás nas fontes claras ,
Sonharás sonhos mais leues.

LXXVIII.

BIEIT. Voluesfine as cousas do enues ,
Ques por força que te crea ,
O que tu quiçais nam cres ,
O coração he n'Aldea
Lá me ham de levar os pés.
E tu dize o que quiseres ,
Troce cá , & troce lá ,
Defende teus pareceres ,
Mas onde hi não ha molheres
Vida , nem gosto nam ha.

LXXIX.

Aquella graciosidade
O parecer , que nos furta ,
Com tanta força a vontade ,
Que tanto o juyzo encurta ,
Nam he de todo vaydade.

Suspiraste , hora eu te entendo ,
Nòs nos veremos despois ,
Por ora a Deos te encomendo.

GIL. Nam te quero estar detendo.

BIEIT. Voume , que he tarde , aos meus bois.

LXXX.

BAST. Contouse isto polla terra

Em juntas d'outros pastores
Ex logo hum , logo outro afferra
Sobre quais rezões melhores
Deu , quem acerta , ou quem erra.
Porem lido o Calendario
Visto tudo , & contas feitas ,
Fica assentado em Summario ,
Gil por homem voluntario ,
Homem Bieito ás direitas.

A ELREY DOM IOAM TERCEIRO.

C A R T A I.

I.

REV de muitos Reys se hum dia
 Se hũa ora só mal me atreuo
 Ocuparuos , mal faria ,
 E ao bem cominum nam teria
 Os respeitos , que ter deuo.

II.

Que em outras partes da sphaera
 Em outros Ceos differentes ,
 Que Deos tègora escondera ,
 Tanta multidam de gentes
 Vossos mandados espera.

III.

Que fois vós tal , qu'elles fós ,
 Iusto , & poderoso Rey ,
 On lhes desdais os seus nòs ,
 Ou cortais , porque entre nòs
 Vòs fois nossa viua ley.

IV.

Onde há homens ha cobiça ,
 Cá , & lá tudo ella empeça ,
 Se a sancta , se a igual justia
 Não corta , ou não dessempeça
 O que a mã malicia enliça.

V.

Senhor que he muito atreuida ,

E onde ella nós cegos deu
Cortar he coufa deuida ;
Exemplo o jugo de Mida
Que el Rey voffo auó fez feu.

VI.

Ora eu , que respeito auendo
Ao tempo mais que ao estillo ,
Irey fugindo ao que entendo ,
Farey como os cães do Nilo ,
Que correm , e vão bebendo.

VII.

A dignidade real
Que o mundo a direito tem ,
Sem ella terfehia mal ,
He sagrada , & não leal ,
Quem limpo ante ella não vem.

VIII.

Não fallemos nos tyrannos ,
Fallemos nos Reys vugidos ,
Remedeão nossos damnos ,
Socorrem os affligidos ,
Cortão pollos maos enganos.

IX.

As voffas vellas , que vão
Dando quasi ao mundo volta ;
Raramente contarão ,
Gente d'outro algum Rey solta ,
Sem cabeça o corpo he vão.

X.

Dignidade alta , & suprema
Quem hà que a não reconheça ?
Viofe em Março Antonio Thema

De pòr real diadema
A Cefar fobre a cabeça.

XI.

Que o nome de Imperador
D'antes a Cefar fe dera ,
Sem fofpeita , & fem temor ,
Que inda então muito mais era
Ser Conful , fer Dictador.

XII.

Hum Rey ao Reyno conuem ,
Vemos , que alumia o mundo
Hum Sol , hum Deos o foftem ,
Certa a queda , & o fim tem ,
O Reyno onde ha Rey segundo

XIII.

Nam ao fabor das orelhas ,
Arenga efudada , e branda ,
Abastão as rezões velhas ,
A cabeça os membros manda ,
Seu Rey seguem as abelhas.

XIV.

A tempo o bom Rey perdoa ,
A tempo o ferro he mezinha ;
Forças , & condição boa
Derão ao Lião coroa
Da fua grey montezinha.

XV.

As aues , tamanho bando
D'outra liga , & d'outra ley ,
Por vencer todas voando
A aguia foy dada por Rey ,
Que o Sol claro atura olhando.

Quan-

XVI.

Quanto que sempre guardou
Dauid , lealdade , & fé ,
A Saul , quanto o chorou ,
Quanta maldição lançou
Aos montes de Gelboe.

XVII.

Onde cayra o escudo
Do seu Rey inda que imigo ,
Inda que ja mal fefudo
Sayndo de tal perigo ,
E subindo a mandar tudo.

XVIII.

O senhor da natureza
De quem Ceo , e terra he chea ,
Vindo a esta nossa baixeza
Do Real fangue se preza :
Por Rey na Cruz se nomea.

XIX.

Sobre obrigações tainhas
Velemse com tudo os Reys ,
Dos rostros falsos , das manhas ,
Com que lhe querem das leys
Fazer teas das aranhas.

XX.

Que senão pode fazer ,
Por arte , por força , ou graça ,
Saluo o que a justiça quer ,
Senhor não chamão valer ,
Saluo ao que lhes val na praça.

XXI.

E por muito que os Reys olhem

Vão por fora mil inchaços ,
Que ante vós senhor se encolhem
D'uns Gigantes de cem braços
Com que dão , e com que tolhem.

XXII.

Quem graça ante elRey alcança ,
E hi falla o que não deue ,
Mal grande da má priuança ,
Peçonha na fonte lança ,
De que toda a terra beue.

XXIII.

Quem joga onde engano vay ,
Em vão corre , e torna atrás ,
Em vão sobre a face cay ,
Mal ajaõ as manhas mãs
Donde tanto dano fay.

XXIV.

Homem de hum só parecer ,
D'hum só rosto , hũa só fé ,
D'antes quebrar , que torcer ,
Elle tudo pode ser ,
Mas de corte homem não he.

XXV.

Gracejar ouço de câ
De quem vay inteiro , & saõ ,
Nem se contrafaz mais lá
Como este vem aldeaõ ,
Que cortesaõ tornará ?

XXVI.

As sanctidades da praça ,
Aquelles rostros tristonhos ,
Cos quais este , e aquelle caça ,

Pera Deos senhor he graça ,
Pera nós tudo saõ sonhos.

XXVII.

E os discursos que fazemos ,
Pode ser , nao pode ser ,
Mais diante o entenderemos
Agora mortos por ver ,
Então todos nós veremos.

XXVIII.

Senhor , eyvos de fallar ,
(Vossa mansidão me esforça)
Claro , o que posso alcançar ,
Andão pera vos tomar ,
Por manhas , que não por força.

XXIX.

Por minas trazem suas azes
Os roslos de tintureiros ,
Falsas guerras , falsas pazes ,
De fora mansos cordeiros ,
De dentro Lobos roazes.

XXX.

Tudo seu remedio tem ,
E que assi bem o sabeis ,
E ao remedio tambem ,
Quereylos conhecer bem ,
No fruto os conhecereis.

XXXI.

Obras , què palauras não ,
Porém senhor , somos muitos ,
E entre tanta multidão ,
Tresmalhãosevos os fruticos ,
Que não sabeis cujos saõ.

Hum

XXXII.

Hum que por outro se vende ,
Lança a pedra , e a mão esconde ,
O dano longe se estende ,
Aquelle a quem doe , e entende ,
Com só sospiros responde.

XXXIII.

A vida desaparece ,
E entre tanto geme , & jaz ,
O que cahio , & acontece ,
Que d'um mal que se lhe faz ,
Outro mòr se lhe recrece.

XXXIV.

Pena , & galardão igual ,
O mundo a direito tem ,
A hũa regra géral ,
Que a pena se deue ao mal ,
E o galardão ao bem.

XXXV.

Se algũa ora aconteceu
Na paz , muito mais na guerra
Que a balança mais pendeo .
Fazse engano às leys da terra
Nunca se faz ás do Ceo.

XXXVI.

Entre os Lombardos auia
Ley escripta , & ley vfada ,
Como se sabe oje em dia ,
Que onde a proua falecia
Que o prouasse a espada.

XXXVII.

Alli no campo às singellas ,

Em fim morrer , ou vencer ,
 Fosse qual quiseffe dellas ,
 Não era milhor morrer
 A ferro , que de cautellas ?

XXXVIII.

Ao nosso alto , & excellente
 Dom Denis Rey tam louuado ,
 Tão justo , a Deos tam temente ,
 Falsa , & maliciosamente ,
 Foy grande aleyue affacado.

XXXIX.

Elle posto em tal perigo ,
 Rey que Reys fez , & desfez
 Contra o malicioso inimigo ,
 Foylhe forçado esta vez
 Chamar-se a esta ley que digo.

XL.

E juntamente ás Cidades
 A quem cumprio de acudir ,
 Pollas suas lealdades ,
 Que tam más são as verdades
 As vezes de descobrir.

XLI.

Neste tempo quem mal cae ,
 Mal jaz , & dizem que à luz
 Por tempo a verdade sae ,
 Entretanto poem na Cruz
 O justo , o ladrão se vae.

XLII.

Da mesma casa Real ,
 Em verdade hum grande Infante
 Tratado as escuras mal ,

Bradava por campo igual,
E inimigos claros diante.

XLIII.

Em fim vendo a industria, e arte
Quanto que podem, chamou,
Hum leal Conde de parte,
Só co elle se apartou
Foy viuer a melhor parte.

XLIV.

Onde tudo he certo, & claro,
Onde sam sempre hũas leys,
Principe no mundo raro,
Sobre tanto desemparo
Forão tres seus filhos Reys.

XLV.

O senhor, quantos fuores
Passa o corpo, & alma em vão,
Em poder d'enuoluedores,
Em fim batalhas, que sam?
Saluo desafios mōres.

XLVI.

Com a mão sobre hum ouuido,
Ouuia Alexandre as partes
Como quem tinha entendido,
Por fazer certo o fingido,
Quantas que se buscão d'artes.

XLVII.

Guardava elle o outro inteiro
Á parte não inda ouuida,
Não vay nada em ser primeiro
Quem muyto sabe duuida,
Sò Deos he o verdadeiro.

Far.
batalha

13

XLVIII.

A tudo dam nouas cores
 Com que enleam os sentidos;
 Ah maos , ah enliçadores ,
 Ante os Reys vossos senhores
 Andais com rostros fingidos !

XLIX.

Contaís , gabais , estendeis
 Seruiços , & lealdades ,
 Olhay que não nos daneis ,
 Fallay em tudo verdades
 A quem em tudo as deueis.

L.

Senhor , nosso padre Adam
 Peccou , chamou-o o juiz ,
 Tenha que dizer , ou não ,
 Hi sua fraca rezão
 Porém liurementemente diz.

LI.

Sempre foy , sempre ha de ser ,
 Que onde hũa só parte falla ,
 Que a outra aja de gemer ,
 Se hum jogo a todos iguala ,
 As leys que deuem fazer ?

LII.

Vidas , & honras guardais ,
 Debaixo de vosso emparo ,
 D'estranhos , & naturais ,
 Sospiram , não podem mais ,
 E ás vezes não muito claro.

LIII.

Tambem apos aquella arde

A cobiça da fazenda ,
Por mais que se velle , e guarde ,
Tinha ella melhor emenda
Senão fosse mal , & tarde.

LIV.

Géralmente he presumptuosa
Espanha , & disso se preza ,
Gente ousada , & bellicosa ,
Culpamna de cobiçosa ,
Tudo sabe vossa alteza.

LV.

Penfamentos nunca cheos ,
Não tem fundo aquelles sacos
Inda mal , porque tem meos
Para viuer dos mais fracos ,
E dos fuores alheos.

LVI.

Que eu vejo nos poucados
Muitos dos salteadores ,
Com nome , e rostro de honrados
Andar quentes , e forrados
Das pelles dos lauradores.

LVII.

E senhor não me creais
Se as não achão mais finas ,
Que as de lobos ceruais ,
Que arminhos que zebelinas ;
Custão menos , cobrem mais.

LVIII.

Ah senhor , que vos direy
Que acode mais vento ás vellas .
Nunca se descuide o Rey ,

O ii

Que

Que inda não he feita a ley ;
Ia lhe são feitas cautellas.

LIX.

Então tristes das molheres ,
Tristes dos orfãos coytados ,
E a pobreza dos Mesteres ,
Que nem fallar sam ousados
Diante os mores poderes.

LX.

Os quais quem os assi quer ,
Quem os negocea assi ,
Que fará quando os tiuer ?
Nossos ouuerão de ser ,
Tomaramnos para si.

LXI.

Ora ja que as consciencias
O tempo as leuou consigo ;
Venhamos às penitencias ,
Senhor , se eu vira castigo ,
Boas sam as residencias.

LXII.

Mas eu vejo cá na Aldea
Nos enterros abaftados ,
Muito padre que passeia ,
Em fim , ventre , & bolsa chea
Absoltos de seus peccados.

LXIII.

Se se hão de reconciliar
Huns cos outros tem seu trato ;
Bastalhes só ascenar ,
Não nos fazem tão barato
Ao tempo de confessar.

LXIV.

Senhor , esta vossa vara
 Em quais mãos anda , tal he ,
 A boa he Aue muy rara ,
 Sabey que esta nunca he cara ,
 Que seja muita a merce.

LXV.

Liure de toda a cobiça
 A Deos temente , & a vós ,
 Sem respeito , e sem preguiça ,
 Vara direita sem noos ,
 Se quereis que aja hi justiça.

LXVI.

Tomay senhor o conselho
 Do bon Gethro ao genro amigo ,
 He verdade , he Euangelho ,
 (Como disse aquelle velho)
 Humilmente ~~X~~ vos digo.

LXVII.

Que estas leys Iustinianas ,
 Senão ha quem as bem reja ,
 Fóra de paixões humanas ,
 Sam hum campo de peleja
 Com rezões francas , e vfanas.

LXVIII.

Morre o nobre Conradino
 Co parceiro em tudo igual ,
 Cada hum de tal morte indino
 Pello pesado , ou malino
 Doutor , que interpreta mal.

LXIX.

Diz o Texto : O sangue cesse

Por batalha a guerra finda ,
 Vem com grofa outro interesse ,
 Diz que ande o cutelo , ainda
 Que em prisam certo o tiueffe.

LXX.

Mas , fenhor , melhor o temos
 Sendo vòs o que mandais :
 Todos nos reuolueremos ,
 Os que tanto não podemos ,
 E aquelles que podem mais.

LXXI.

Que por Amor se encadea ,
 (Não he nome errado , ou nouo)
 Se por liure se nomea
 Nam tem Rey amor de pouo
 Tanto , em quanto o mar rodea.

LXXII.

Aqui nam vemos soldados ,
 Aqui nam soa atambor ,
 Outros Reys , os seus estados
 Guardaõ de armas rodeados ,
 Vós rodeado de Amor.

LXXIII.

Acharnosham as diuinias
 No meo dos corações
 Entalhadas vossas quinas ,
 Estas saõ as guarnições ,
 De vós , & dos vossos dignas.

LXXIV.

Tem na verdade o Frances
 A seu Rey amor aceso ,
 Nam lho nega o Portuguez ,

Porém traz guarda Escocoz
Que nam he de pouco peso.

LXXV.

O Padre Sancto assi faz,
A quem certo se deuia,
Alto affofoego, alta paz;
Mas tem guarda todauia
Com que vay seguro, & jaz.

LXXVI.

Que se pode ir mais auante,
Com quanto alcança o sentido
Sem ferro, ou fogo que espante,
Com duas canas diante,
His amado, & his temido.

LXXVII.

Huns sobr'os outros corremos
A morrer por vós com gosto
Grandes testemunhas temos
Com que mãos, e com que rosto
Por Deos, e por vós morremos.

LXXVIII.

Outro si para os reuezes
(Queira Deos que não releue)
Em vós tem os Portuguezes
O bom Rey de Atheniefes
Codro, que outrem algum não teue.

LXXIX.

Do voffo nome hum gram Rey
Neste Reyno Lusitano
Se pos esta mesma ley:
Que diz o seu Pelicano
Polla ley, & polla grey.

Mas

LXXX.

Mas eu sou d'hús guarda-cabras
 Que se vão de ponto em ponto
 Querem só duas palauras,
 Que dos gados, que das lauras
 Depois nam tem fim, nem conto.

LXXXI.

Affí que seja aqui fim,
 Torneim as praticas viuas,
 Perdestes mea ora em mi,
 Das que chamão successivas,
 Estes que sabem Latin.

A ANTONIO PEREIRA,

SENHOR DO BASTO.

CARTA SEGUNDA.

I.

COMO eu vi correr pardaos
 Por cabeceiras de Basto,
 Crecer em cercas, & em gasto
 Vi por caminhos tam maos,
 Tal trilha, e tamanho rasto.

II.

Nessa ora os olhos ergui
 A casa antigua, & a torre,
 Dizendo comigo affi,
 Se nos Deos nam val aqui;
 Perigoso inimigo corre.

III.

Não me temo de Castella
Onde guerra inda não soa ,
Mas temome de Lisboa ,
Que ao cheiro desta canella
O Reyno nos despouoa.

IV.

E que algum embique , & caya
(Longe vá o mau agouro)
Fallando por essa praya ,
Das riquezas de Cambaya ,
Narfinga , das ferras d'ouro.

V.

Ouues Viriato o estrago
Que cá vay nos teus costumes ,
Os leytos , mefas , & os lumes
Tudo cheira , eu oleos trago ,
Vem outros , trazem perfumes.

VI.

Nisto os trajos dos pastores
Com que sayste á peleja ,
Vencendo tais vencedores ,
São trocados , e aos lououros
Não ha já quem te aja enueja.

VII.

He entrada pollos portos ,
No Reyno clara peçonha ,
Sem que remedio se ponha ,
Huns doentes , outros mortos ,
Outro pollas ruas sonha.

VIII.

Fez no começo a pobreza

Ven-

Vencer os ventos , & o mar ,
 Vencer quasi a natureza ,
 Medo ey de nouo á riqueza ,
 Que nos torne a catiuar.

IX.

Estas ferras , & os penedos ,
 Vistas , se vos fazem feas ,
 Ia torceis rostro às Aldeas ,
 Direis dos vinhos azedos
 O que já disse Cyneas.

X.

A quem nos conuites dado
 Aprouar se lhe aproueesse ,
 Depois nos olmos mostrado ,
 Nunca vi (disse) enforcado
 Que a forza allí merecesse.

XI.

As vozeyras montarias
 Derribar Aues , que vam
 Cantando inuerno , & veram ,
 Que al he , senam remir dias
 Do enfadamento aldeam.

XII.

Que trabalhosos concertos
 Os de villãos mal criados ,
 Os de villãos mal cubertos ,
 Os de villãos pouco certos ,
 Muitos desarrezoados.

XIII.

Direis , & não volo nego ,
 Porem quereis que vos diga
 Este mundo he armado em briga

Nam

Nam busqueis nelle affosso
Nem em húa alta ermida antiga.

XIV.

Mas com tudo ha differenças
Entre os de cá , & os de là ;
Cá nas mais das defauenças
Vos ereis o das sentenças ,
Là em baixo outrem as dá.

XV.

Tereis em troca manjares ,
Composições delicadas
Do ar do paço ajudadas ,
E por tempestuosos mares ,
Com mil perigos buscadas.

XVI.

Conuities , de quem conuida ,
Amostramvos hi suas tendas ;
Quanta coufa he alli perdida ?
Ceas inimigas da vida ,
Inimigas mais das fazendas.

XVII.

Disto o cheiro , disto a cór ,
Que preço nam tem igual ,
Milagres de Portugal ,
Coufas de tanto sabor
Todas a saberem mal.

XVIII.

Onde se ha de lançar tanto ,
Aquillo he pagar o pato ,
Em fim quando me leuanto ,
Ou ey de morrer d'espanto ,
Ou senam m'espanto mato.

Que

XIX.

Que contas vaõ tam erradas ,
Enfastia o que sobeja ,
Quem come o que naõ deseja :
Soyam fer conuidadas
Vontades , agora he enueja.

XX.

Entra com vosco a manhã ,
He ja dia , & pedis vellas ,
Na tal cea cortesaã.
Quanta iguaria que ha vaã
Afora a das escudellas.

XXI.

Os bons conuites antigos ,
Antes de se tudo alçar ,
Eram para conuersar
Os parentes , & os amigos ;
E nam para arrebentar.

XXII.

E de viuer juntamente
Ouueram conuites nome ,
Claros aos olhos da gente ,
Porque vissem que sómente
Alli se mataua a fome.

XXIII.

Aquella vfana Raynha
Irmam do vil Tholomeu ,
Que o rico pendente deu ,
Prodigamente á cosinha
De hum grande banquete seu.

XXIV.

Vendo tudo irse a perder ,

Os amigos conuidaua ,
Naõ ja pera os ver comer ,
Mas pera juntos morrer
A tal conuите os chamaua.

XXV.

A vossa fonte tam fria
Da barroca em Iulho , e Agosto ,
Inda me he presente o gosto ,
Quaõ bem que nos hi sabia ,
Quanto na mesa era posto.

XXVI.

Alli nam mordia a graça
Eraõ iguais os juizes ,
Naõ vinha nada da praça ,
Alli da vossa cachaça ,
Alli das vossas perdizes.

XXVII.

Alli das frutras da terra ,
Que tem cada tempo a sua ,
Colhida em fazem cada hũa ,
Nunca á vista o saber erra ,
Nem o nome de nenhũa.

XXVIII.

Ó ceas do parayso ,
Que nunca o tempo vos vença ,
Sem falla trocada , ou riso ,
Nem carregadas do fiso ,
Nem danadas da licença.

XXIX.

Deshi o gosto chamando
A outros móres sabores ,
Liamos pollos amores

Do brauo , e furioso Orlando
Enuoltos em tantas flores.

xxx.

Liamos os Affolanos

De Bembo , engenho tam raro ,
Nestes derradeiros annos ,
E os pastores Italianos
Do bom velho Sanazaro.

xxxI.

Liamos ao brando Laffo

Com seu amigo Boscão ,
Que honrarão a sua nação ;
Hiame meu passo a passo ,
Aos nossos, que aqui não vão.

xxxII.

Se eu isto estimado agora

Vira como d'antes era ,
Por meu conto auante fora ,
Mas não diz ora com ora ,
Vamse como ao fogo cera.

xxxIII.

Que troca , ver lá Pasquinos

Desta terra cento a cento ,
Quem o vee sem sentimento ;
Tratar os liuros diuinos ,
Com tal desacatamento !

xxxIV.

O que senam deue oufar

A ler , se em giolhos não ,
(Que graças pera chorar !)
Torcem , fazendo fallar
Ao som de sua paixam.

XXXV.

Esquecidos do conselho
Poderá dizer mandado
Sendoo, porque foy vedado
No sanctissimo Euangelho,
Aos cães não deis o fagrado.

XXXVI.

Almas, que sonhando andais,
O muito naõ no troqueis
Por nadas como o trocaís,
As perolas Orientais
Aos porcos nam nas lanceis.

XXXVII.

Jugareis, ó gente cega,
Sempre o jogo foy defeso,
Que tem todo o dia preso,
O triste que nelle emprega
O seu tempo todo em peso.

XXXVIII.

E desdo grou, tè a folosa
Homens de seiscentas côres,
Só no jogo não tem grossa,
Conuerfação perigosa,
Missa d'arrenegadores.

XXXIX.

Mal sem emenda he o jogo
Entre seus males mayores,
Hum Rey de grandes lououres
Mandou que pusessem fogo
A casa, & aos jogadores.

XL.

Das leys antigas amigo,

Desprezador das modernas ,
Continuador do perigo ,
Penas sempre aqui consigo
Vay caminho das eternas.

XLI.

Deixemos mil outros jogos
Que la vão mil outros tratos ;
Fazer , desfazer contratos ,
Salamandras nos seus fogos ,
De Herodez para Pilatos.

XLII.

E aquelle grande aluoroço
D'atambor , que a guerra chama ;
Leua o velho , & leua o moço ,
E primeiro entra em destroço
Que perca de vista Alfama.

XLIII.

Ó vida dos lauradores ,
Se elles conhecessem bem
As auentagens que tem ,
Aquelles sanctos fuores
Que sanctamente os mantem.

XLIV.

Tratando co a madre antiga
Que de quanto em si recebe
Não entre engano , ou má liga ;
Por seu costume se obriga
A pagar mais do que deue.

XLV.

Aquelles mayores nossos
Antigos padres primeiros ,
Eram no começo inteiros ,

Eram

Eram sanctamente grossos
Sem mal como os seus cordeiros.

XLVI.

Regidos da natureza ,
Nam tanto papel escrito
De que hum reza , & outro reza ,
Tè cansarem sem certeza
Donde jaz sómente o fito.

XLVII.

Foy sem malicia , & sem erro
A boa idade dourada ,
Seguiu logo a prateada ,
Não tardou muito a de ferro
Que tudo trouxe à espada.

XLVIII.

Quanta sombra , que aparece ,
Tapayme a boca co as mãos ,
Ora atras , que nam me esquece ,
Tambem por cà se adoece ,
Vam porem ares mais saõs.

XLIX.

Por isso a gentilidade
Que em tudo philosophaua ,
Ao Deos da faude alçaua
Templo fora da Cidade ,
Hi por ella se offertaua.

I.

E aquelle Virbio , a quem
Tornara a vida , nem ás festas ,
Nem à cidade mais vem ,
Sempre só por fóra o vem
Caçando pollas florestas.

LI.

Hi que encontre cum Liam ,
 Cum Vffo que se erga em pé ,
 Certo que menos mal he ,
 Que onde elles tão bastos sam
 Que entr'elles se durma , e stè.

LII.

Da coufa má claramente
 Logo quem a vé se vella ,
 Chegase a que branda sente ,
 Por isso á antiga serpente
 Pintam roffro de donzella.

LIII.

Quando os antigos alguem
 Louuauão , não de fenhór ,
 Não de rico era o louuor ,
 Chamauãolhe homem de bem ,
 E inda bom laurador.

LIV.

A noffa gente , que quis
 Arremedar os louuores ,
 Que agora parecem vis
 Aos bons Reys Sancho , e Diniz
 Chamauãolhe lauradores.

LV.

Os valerosos Romanos ,
 Que hum tempo o mundo regeram ,
 Donde cuidais que escolheram
 Cincinatos , & os Serranos ,
 Que ante si em campo puferam ?

LVI.

E aquella fua grandeza ,

Que

Que o tempo não quer que moura,
Vemos que a mais da nobreza,
Sobrenomes de riqueza
Não pos, antes da lauoura.

LVII.

Inda oje vemos que em França
Viuem nisto mais á antiga,
Na villa o villão s'abriga,
Onde tem nome de erança
Mantemno a sua fadiga.

LVIII.

Ascende a fragoa o ferreiro
Ao tempo, que o galo canta,
Morde o couro o çapateiro,
Brada co moço ronceiro,
Que inda se enuolue na manta.

LIX.

Viue a nobreza por fóra,
Segura, os despouoados,
Correndo, os Lobos ousados,
Por derredor donde mora,
Mantem liure o campo aos gados.

LX.

Da mã gente aventureira,
Que ás escuras tem seu trato,
Que possa liure quem queira
Cantando ir de noite à feira,
Ou dormindo no mulato.

LXI.

Bom tempo, quando segura
A cabeça se encoftaua,
Onde o sono a conuidaua,

Contente da cobertura
Taõ rica que lhe o Ceo daua.

LXII.

Bebiam d'agoa com as mãos
Nas fontes inda em velhice
Milhor , que por vasos vãos ,
Lauaua ella os peitos faõs
Antes da gargantoice.

LXIII.

Iacob fugindo ao irmão
Que o mal tinha ameaçado
Pastor ao campo auezado
Passou o rio Iordaõ
N'ajuda do seu cajado.

LXIV.

Como o Sol no mar deceo ,
Comeria do fardel ,
D'agoa no rio bebeo ,
Sobre pedra adormeceo ,
Pos nome ao lugar Bethel.

LXV.

Natureza nos pufera ,
Como os olhos nos abrio ,
Diante tudo o que vio
Que necessario nos era ,
De tudo o mais se sorrio.

LXVI.

Como hũa Aue já auezada
A toda a delicadeza ,
He milhor a juizada ;
Foge à gayola dourada ,
Vay buscar a natureza.

LXVII.

Hũa desposiçam má ,
Longa infirmitade , & dôr ,
Que de mal vay em peor ,
Onde remedio achará
Se á natureza não for ?

LXVIII.

Cega da minha fadiga ,
Que em vão tantas rezões gasta ,
Que fazeis , que vos obriga ,
Deixar esta madre antiga ,
E ir buscar a madrastra ?

LXIX.

Dos vossos nobres auós
As Cruzes em sangue abertas
Vos poem obrigações certas
Que não nas deixeis cá fós
A fer do musgo cubertas.

LXX.

O que poreim nam diram ,
Em quanto cá tem tal feira ,
Como he a d'um tal irmão ,
Que não ouue o nome em vão
Do gram Nun'Aluerez Pereira.

LXXI.

Por toda esta grande Espanha
Froays , que foyão chamar ,
Fez em Pereiras mudar ,
Não do Rey Mouro a patranha
Mas vosso antigo solar.

LXXII.

Do qual , não ha muitos annos

Hum,

Hum , que aqui Braga regeo ,
Pondo a parte os longos panos
Hum passo dos Castelhanos
Á espada defendeo.

LXXIII.

Ao Reyno cumpre em todo elle
Ter , a quem o seu mal doa ,
Não passar tudo a Lisboa ,
Que he grande o peso , e com elle
Mete o barco n'agoa a proa.

LXXIV.

E mais his vos muito a ponto
Para qualquer appetito ,
E eu ja ouui hum conto ,
Que a quem espreita , e está prompto
Não vades mudar o fito ,

LXXV.

Tereis lá conuersações ,
Tereis graças delicadas ,
Do ar do paço ajudadas ,
Passarão deriuações ,
Se ja nam forem passadas.

LXXVI.

Trasposeram os amores ,
E deixaram o paço as cegas ,
Ficarão por mantedores ,
Rouxinois affouiadores ,
Pollas hortas de enxobregas.

LXXVII.

Vereis barcos ir á vella ,
Huns que vão , outros que vem ,
Como que se defauem ,

Com

Com hũa viração singella
Tanta força a arte tem.

LXXVIII.

Os marinheiros vadios
Que vilmente a vida apreção
Polas xarcias dos nauios,
O que faõ, senam bogios
Posto que vos al pareção.

LXXIX.

Nam ey por perda esta leue,
Que sejam palauras tudo,
Mas ao coração acudo,
Senam dizey, quem se atreue
A dór esperalla mudo.

LXXX.

Sam ellas porem já muitas,
Fellas ir crescendo a magoa,
Lembremvos as vossas frutas,
Lembremvos as vossas trutas,
Que andão ja por vossas n'agoa.

A SEU IRMAM

MEMDESA.

CARTA TERCEIRA.

I.

EM quanto de hũa sperança,
Em outra sperança andais,
Trazervos quero á lembrança;

Que

Que he mui leue , & não s'alcança
Voa sempre auante mais.

II.

Cuidais que estais ja com ella ,
Quando volo mais parece ,
E quereis lançar mão d'ella ,
Mete remos , mete vella ,
N'um ponto desaparece.

III.

Mas nam pode o coração
Soltar assi leuemente
Tamanha deleitação ,
Ah que a tiue na mão
Se fora mais diligente ?

IV.

Dos Alquimistas se diz ,
Que he doce a fadiga vaã ,
O desejo he mao juiz ,
Deixay que o que oje não fiz
Eu o farey amanhã.

V.

Não lhes val ver a fazenda
Perdida apos experiencias ,
Andão de emenda em emenda ,
Da fornalha pera a tenda
D'affopros fazem sciencias.

VI.

Aporfiou , & fobio
Phaeton no carro do dia ,
Que elle por seu mal pedio ,
Sentioo a terra , & sentio
Hum rio de Lombardia.

VII.

Não soube Hycaro reger
As azas , que ouue de feu ,
Quis sobir , veo a decer ,
Aos peixes deu de comer ,
Ao mar o seu nome deu.

VIII.

Apos o que ha de cahir
Por aleuantar andamos ,
Sem repoufar , sem dormir ,
Alma , que pode sobir ,
A esta as azas quebramos.

IX.

Em quanto hum busca seus danos ,
Outro ja tè os olhos jaz
Por muitas fortes d'enganos ,
Morte que não conta os annos
Vem , e leua o que lhe apraz ,

X.

Quantos a que era deuida
Dos nossos deixo os alheos ,
Ao menos por nos mais vida ,
Que por conta não sabida
Tinhão já seu annos cheos.

XI.

Vistes hũa claridade
Que de cà té là correo
Como rayo , em tal idade ,
Tanto saber , tal bondade
Assi desapareceo.

XII.

Alma beinauenturada

Da-

Daquelle moço tam nobre ,
Chegou a hũa alta affomada ,
Tudo lhe pareceo nada
Quanto se dalli descobre.

XIII.

Hum Conde que inda alumia
Assi morto o Reyno , e a lingua
Outro depois de alta vea
Tinham sua conta chea
No tempo da nossa mingua.

XIV.

Ao menos para esforçar
Os engenhos que atras vem ,
Que soe a terra de os dar ,
O váo he mao d'acertar
Senão no mostrar alguém.

XV.

Pollo que a este abrigo
Onde me acolhi cansado
E mais inda com perigo
E aquellas letras , que figo ,
Deuo que nunca me enfado.

XVI.

Deuo à muito minha amada
E só rica liberdade ,
Que tiue aos dados jugada ;
Aqui sómente he mandada
Da razão , & da verdade.

XVII.

Nas cortes não pode fer ,
Os tempos vedes que correm ;
Vedes que a todo correr ,

Vão muitos até morrer
Por fugirem donde morrem.

XVIII.

Ora põr peito à corrente ,
Que sejais forçoso , & sam ,
E de sangue inda feruente ,
Grão nadador , claramente ,
He quebrar braços em vam.

XIX.

Cançar , e sonhar priuanças ,
Dar de golpe á liberdade ,
Rica por vãs esperanças ,
Esses jogos , essas danças
Passão com a mocidade.

XX.

Ando alimpando a poufada
Lembre-me quem diz que está
Ante a porta , bate , e brada ,
Se a sentir despejada ,
Por ventura que entrará.

XXI.

Olhay as Aues do ar
Almas a quem nunca esquece
Este auer , este ajuntar
Vede las ledas cantar
Dizeime que lhes fallece ?

XXII.

Fracos de fé , de fraqueza ,
Vem estes vossos fuores ,
Estes medos á pobreza ,
Olhay como a natureza
Veste ricamente as flores.

XXIII.

Andando nestes enleos

Em quantos erros cahimos ,
Sem conto , sem fim , sem meos
Dormimos sonos alheos ,
Os nossos não nos dormimos.

XXIV.

Queremos o que outrem quer ,
O que nam quer engeitamos ,
Estamos sómente a ver ,
Rimos o alheo prazer ,
E inda quando choramos.

XXV.

Como de casa fahia ,
Sempre de seus olhos agua .
A Eraclito corria ,
Pollo que ouuia , & que via
Que de tudo tinha magoa.

XXVI.

Em fim vendo o pouo incerto
A pressa , que a errar leuava ,
Nam sofreo tal desconcerto ,
Fugio para o campo aberto
Liure sem muro , e sem caua.

XXVII.

Anaxagoras , que vião
Ter cos pouoados guerra ,
Seus cidadãos prendião ,
Porque a hum tal homem não vião
Lembranças da sua terra.

XXVIII.

Da para quem eu nasci

Tenho grande , respondeo ,
Nam me julgueis por daqui ,
E dizendolhes assi
Mostrava co dedo o Ceo.

XXIX.

Sam Hieronymo alumiado
Daquella diuina luz ,
Passava a vida apartado ,
Das letras acompanhado
Que nos consagram a Cruz.

XXX.

Aquelle peito seguro ,
A quem todo o mundo he riso
Ás torres altas , & ao muro ,
Carcer lhe chamava escuro
E aquelle hermo hum parayso.

XXXI.

Da nossa tam rica herança
Cegos , que razam daremos ?
Como nos nam faz lembrança ,
Hũa tam certa ordenança ,
Do Sol , & do Ceo que vemos ?

XXXII.

Elle posto , a noite traz
Configo tantas estrellas ,
Com que fermosa se faz ,
Qual descuido pode em paz
Alçar os olhos a vellas ?

XXXIII.

Nam se gaste mais pauio ,
Apos nossa alma esquecida ;
Lançada do senhorio ,

Tornemos atras ao fio
 Desta a que chamamos vida.

XXXIV.

Ponhamonos em razam
 Coufa he , que verá hum cego ,
 Queremos repouso , ou nam ?
 Queremos , todos diram
 E ninguem busca affoego.

XXXV.

Dizeyme , quando será
 Que nos lembre , & que nos doa ;
 Quaõ certa que a queda está
 Seguindo a mentira má ,
 Deixando a verdade boa.

XXXVI.

Que vejamos os que démos
 Coufas sem preço por preço ,
 Que lhe tam baixo pusemos ,
 A que estado nos decemos ,
 E de quam alto começo ?

XXXVII.

Entre os brutos animais ,
 Nam se ouuerão por seguros
 Os homens racionais ,
 Eram brauos , & eram mais ,
 Fizerão as armas , e os muros.

XXXVIII.

Agora , porque vos conte ,
 Quanto vi tudo he mudado ,
 Quando me acolhi ao monte ,
 Por meus vezinhos defronte ,
 Vi lobos no pouoado.

XXXIX.

Hum Rato vſado á Cidade ,
Tomouo a noite por fora ,
(Quem foge á neceſſidade)
Lembroulhe a velha amiſade
D'outro Rato , que alli mora.

XL.

Faz hum homem a conta errada
Muitas vezes , & acontece
Crefcimento na jornada ,
(Diz) e entrando na pouſada
Cidadam logo parece.

XLI.

O pobre aſſi ſalteado ,
D'um tamanho cortefam ,
Em buſca d'algun bocado ,
Vay , & vem ſempre apreſſado
Sem tocar cos pés no chão.

XLII.

Ordena a ſua mezinha
Poſlhe nella algum legume ,
Meſura quando hia , & vinha
Deulhe tudo quanto tinha ,
Pede perdam por coſtume.

XLIII.

Diz , quem tal adiunhara
Contra o cortefam ſeuero ,
Que tanto andara , e buſcara ,
Tè que algũa couſa achara ,
A quem tanto deuo , e quero ?

XLIV.

Cumpre poreſta meſa

Que

Que aja mais fome , que gula ,
Temlhe a fogueyrinha acesa ,
Faz roſtro ledo à deſpeſa ,
Vea o outro , & diſſimula.

XLV.

E dizendo eſtá conſigo ,
Que gente a d'entre penedos ,
Quanto á de Pedro a Rodrigo ?
Que bem diz o exemplo antigo ,
Que não ſão iguais os dedos.

XLVI.

Ora depois de comer
Iazendo detras do lar ,
Começa o nobre a dizer ,
Dous dias , que has de viuer
Aqui os queres paſſar ?

XLVII.

Na aspereza do deſerto
Que não ſey quem o ſoporte ,
De vrzes , & tojos cuberto ,
Sendo tudo tão incerto ,
Sendo fó tam certa a morte.

XLVIII.

Viue amigo a teu ſabor ,
Mais he que couſa perdida
Quem por ſi eſcolhe o pior ,
Vayte comigo onde eu for ,
Lá verás , que couſa he vida.

XLIX.

E depois que ambas prouares
(Que eu d'outrem não adiuinho)
Quando te enganado achares

Aqui

Aqui tens os teus manjares ,
Hi tambem tens o caminho.

I.

Ay disse , eis o vilão
Em aluoroço , & balança ,
Hia , & vinha o coração ,
Ora si , & ora não ,
Venceo porem a esperança.

LI.

E que pode hi al fazer ,
Viue com tanto fuor ,
E mal pode inda viuer ,
Mal pode o anno vencer ,
Sempre a sayda he mayor.

LII.

E diz , quem não se aventura
Não ganha , quem ha que o negue ?
Escolherão hora segura ,
Forão polla noite escura ,
Guia o rico , o pobre segue.

LIII.

Entrão por paços dourados ,
Cheyrosos inda da cea ,
Tristes dos casais colmados
Do Sol , do vento queimados ,
Pobre , & faminta d'aldea.

LIV.

Voume por meu conto auante
Mostralhe o cidadam tudo ,
Que tras no bucho hum Iffante ,
Quem quereis que não se espante
Anda o villamzinho mudo.

LV.

Que taõ sómente em prouar
 Das cousas que mais lhe aprazem
 Ia começão de engeitar
 Fartos pera arrebentar
 En lans estrangeiras jazem.

LVI.

Nisto o despenheiro chega ,
 Que estes bens não durão tanto
 Veos , mas a pressa o cega ,
 Hũ tiro , ou dous mal emprega ,
 Correos de canto em canto.

LVII.

Os cães á volta se erguerão ,
 Ladrão , que he alto serão ,
 As casas estremecerão ,
 Todos juntos lá correrão ,
 Foy dito que os gatos não.

LVIII.

Sabia o de casa a manha ,
 Sabia o paço , & fogio
 O ratinho da montanha ;
 Aos pés em pressa tamanha
 O coração lhe cahio.

LIX.

Em fim passado o perigo
 Da morte , que ante si vira ,
 O coytado só consigo ,
 Pollo seu repouso antigo ,
 Que mal deixara , sospira.

LX.

Minha segura pobreza

Se

Se chegarey a ver quando
 A vós torne , e esta riqueza ,
 Mal , que o mundo tanto preza ,
 Fuja se puder voando.

IXI.

Ay baldias esperanças ,
 Meu entendimento fraco ,
 Deixemos tais abastanças ,
 Tais riquezas , tais mostranças
 Deos me torne ao meu buraco.

A IOAM RODRIGUEZ DE SÁ
 DE MENESES.

CARTA QUARTA.

I.

DOS nossos Sás Colonezes
 Gram tronco , nobre columna ,
 Grosso ramo dos Meneses ,
 Em sangue , e bens de fortuna ,
 Que he tudo entre os Portugueses.
 Mas vós que sempre vos ristes
 Do pouo , que nam vé mais ,
 Ricamente alma vestistes ,
 O mais tendes por demais.

II.

Aos grandes , aos valerosos
 Passados , de quem herdastes
 Sobre nomes tam lustruosos

Q ii

Des-

Desque nas armas pegastes
Não fostes dos ociosos.
Bem podereis descansar,
Que tempos foram de paz,
Podereis rir, & jogar
Como se na terra faz.

III.

Mas entrastes n'outra afronta
D'outra nobre cede cego,
Desejastes de dar conta
Tambem de vosso affosso,
Como de Catam se conta.
As letras que nam achastes
Vós as metestes na terra,
A nobreza as ajuntastes
Com quem d'antes tinham guerra.

IV.

Dizem dos nossos passados
Que os mais não sabiam ler,
Eram bons, eram ousados,
Eu nam gabo, o nam saber
Como algũs às graças dados.
Gabo muito os seus costumes
Doem se oje nam sam tais,
Mas das letras, ou perfumes
De quais veo o dano mais?

V.

Destes mimos Indianos
Ey gram medo a Portugal,
Que venhão a fazerlhe os danos,
Que Capua fez a Anibal
Vencedor de tantos annos.

A tempestade espantosa
De Trebia , de 'Trasimeno ,
De Canas , Capua viçosa
Venceo em tempo piqueno.

VI.

Dom Afonso d'Aragam
Rey nunca louuado affaz ,
D'animo , & de coraçam
Trataua os liuros na paz
As armas na occasiam.
Ouuindo d'um Rey , que a mal
Tinha aos Reys , que fossem lidos
Dito he dixe de animal ,
Nam de Rey dos escolhidos.

VII.

Hum Marquez de grande conta
Por seu esforço , & saber
Para a paz , & para afronta ,
A lança , foya dizer ,
Cos liuros não se desponta.
Este era a quem Ioão de Mena
Fez grande veneraçam
Quando ja tinha alta pena ,
Bem aparada , inda nam.

VIII.

Dous vencedores do mundo ,
Cesar , & Alexandre o grande ,
Das letras foram tè o fundo
Em que fortuna nam mande
Ponho aqui Bruto o segundo ,
E ponho os dous Scipiões
Fim (como dizem) fatal

De Carthago , e dous Catões ,
Podera pôr Anibal.

IX.

A fortaleza louuada
Anda em braços co a prudencia
Irmaã sua muito amada ,
Pôena auante a experiencia ,
Tudo sem saber he nada.
Por forças nós que podemos ?
Isto que he do saber veo ;
O bem todo está no meo ,
O mal todo nos estremos.

X.

Os Poetas tocão tudo ,
Iaz porem mais alto o crauo ;
Olhando pollo meudo ,
O seu grande Achilles brauo
Ensinao Chyron fesudo.
Que lhe abrande aquella fanha
Sua , natural , que he muita
Em hũa coua soterranha ,
Canta o velho , o moço escuita.

XI.

Veados correm co vento
Igualmente , & dos leões ;
Hum só tem força por cento
De nós , tem seus corações ,
Nós temos entendimento.
Por onde entre nós deuemos
Estimar aquelles fós ,
Que na parte , em que vencemos
Nos vencem elles a nós.

XII.

Quando daua homens a terra ,
O que ja tanto nam faz ,
Da paz tratauão na guerra ,
Tambem da guerra na paz ,
Agora em tudo nos erra.
Que tirando algum abrigo
Muy raro , no mais de fraca ,
Semeais , esperais trigo ,
Nasce joyo , & eruilhaca.

XIII.

Diogenes em claro dia ,
Hia buscando à candeia ,
O que ninguem o fabia
Em Athenas (em que Aldea ?)
Indo , & vindo assi dizia.
Voume por aqui buscando
Entre tantos homens hum ,
Neste vão cansaffo ando ,
Inda não acheý nenhum.

XIV.

Deixemos queixas antigas ,
Quero vos dizer de mim ,
Que destas vossas amigas
Digo as letras , pera o fim
Ajunto como as formigas.
Porque ninguem me lançasse
Como a cegarrega , em rosto ,
Em Dezembro que baylassse ,
Pois que cantara em Agosto.

XV.

Perdido tudo no mar ,

Saindo o grão Zeno a nado ;
 Vendo a fazenda ondejar ,
 Assi , disse despejado
 Me mandão philosophar.
 Ia vou sentindo algum fruto ,
 Cada hora espero que creça ,
 Andey fora , o vento muito
 Fezme grão mal â cabeça.

XVI.

Tirame a philosophia ,
 Que me promete saude ,
 Dame a mão , ella me guia ,
 Ouço fallar a virtude
 Se a viffe , fararmehia.
 Diz Platão que he dos melhores
 Que de só pôr olhos nella ,
 Altos , & acefos amores
 Sempre teria com ella.

XVII.

Como digo , eu só d'ouuir
 Ando como homem pasinado ,
 Desejoso de a seguir
 Chorando tudo o passado
 Temendo tudo o por vir.
 Em toda a parte ha perigos
 A cuja lembrança tremo ,
 Mais ao perto huns maos inimigos
 De casa a que muito temo

XVIII.

A minha guia , este asceto
 De viuer assi cà fora ,
 Louua , & dame atreuimento

D'ir

D'ir auante hora por hora
Em que assi cego , & attento ,
Sobre tudo os bons Doutores
Sanctos , louuão tal tenção ,
Para cuidar nos amores
Tão certos no galardão.

XIX.

Quem tanta força tiueſſe
Como cumpre à vida actiua ,
Que aos encontros ſe tiueſſe ,
Virtude era ella mais viua
De mais fruto , & intereſſe.
Por Raquel , que não por Lia
Sete , & fete annos ferui ,
Pode ſer por ella hum dia ,
Que inda voaſſe daqui.

XX.

E entre tantos conſelheiros
Buſco que andem às verdades
Neſtes liuros meus parceiros
Naõ nas praças das cidades
Amigos auentureiros.
Amigos de louuaminhas
Como grimpa ao vento o peito ,
Fazem como as Andorinhas
Vam , & vem com tempo feito.

XXI.

Sophiſtas me ſam deſeſos .
Com ſeus enganos , e ſeiſmas ,
Eylos ſoltos , eylos preſos :
De fé , que naõ de ſophiſmas ,
Quer Deos os peitos aceſos.

Que

Que nas agoas encharcadas ,
 Hi se ajuntam como rans ,
 Fazem grandes matinadas ,
 T'udo sam palauras vans.

XXII.

As Musas me nam defendem ,
 Deixemos as demasias ,
 Que a todo o saõ peito ofendem
 Mandam, rir de cousas frias
 De alguns , que agudezas vendem.
 Entendimentos diuerfos
 Com que artes nos encantam ,
 Psalmos que sam fenaõ versos ,
 E os Hymnos que a Deos se cantam,

XXIII.

Aquelles cantares finos ,
 A que Liricos dixeram ,
 Os Gregos , & os Latinos ,
 Dizeyme donde os ouueram ;
 Senam dos liuros diuinos ?
 Quantos que delles ao seu
 Trouxeram as aguas à mão
 Regou Pindaro , & Alceu ,
 Regou seus campos Platão.

XXIV.

Mas o que eu por ora aprendo
 He ler liuros de giolhos ,
 Diuinos , que mal entendo ,
 Mas foffem dignos meus olhos
 De cegar sobr'elles lendo.
 Que de seus misterios altos
 Assi lubrigando vejo ,

Que

Que não sou pera tais saltos
Porem sospiro , & desejo.

XXV.

Era em grande differença ,
Se casaria , senam ,
Ouue de sayr sentença
Que a só huma o coração
Desse , e desse às mais licença.
Isto dito , Amor mais raro
Deu finais como era alli
Outro som do Cordel claro
Outro das frechas ouui

XXVI.

Amor , que estás sempre auindo
Com Deos , que he a pura verdade
Sejas por sempre bem vindo ,
Ao entregar da vontade ,
Que entrego ende aqui sentindo
Poem do teu fogo a esta casa ,
Faze quanto nella ha teu
Que Deos he fogo que abraça
Sey o de hum priuado seu.

A PERO CARVALHO.

CARTA QUINTA.

I.

NO lugar onde me vistes
 D'agoa , & do monte apertado ,
 E d'outras paixões , que ouuistes
 Tenho mais dias contado
 De ledos , que nam de tristes.

II.

Isto que ora ouuis de mi
 Olhay se ouuis lá d'alguem ,
 Buscay , preguntay sem fim ,
 No desejado Alineirim ,
 No farto de Sanctarem.

III.

Que tençam todos tomastes
 A terra , que me criou
 De quem tanto praguejastes ?
 Porque , porque vos liurou
 Da peste , com que hi chegastes ?

IV.

Fostes mal agasalhados ?
 Não certo , que até as fazendas
 Vos dauaõ paruos honrados ,
 Pois porque ? porque os priuados
 Tinheis longe vossas rendas.

V.

Homens que sempre aos proueitos ,

E a voffo interesse andais
Vestidos de falsos peitos ,
Quam pouco que vos lembrais
Dos faões , dos comuns respeitos.

VI.

Por esta causa se vee
Differença nos conselhos ,
E chega inda o mal até
Desacreditar nos velhos
A faã prudencia , & a fé.

VII.

O que eu por parcialidade ,
Nem outro respeito digo
Da antiga , e nobre Cidade ,
Sou natural , sou amigo ,
Sou porem mais da verdade.

VIII.

Como vos partistes dahi
Logo abrigados achei ,
Onde me defencolhi
Seguramente dormi ,
Seguramente veley.

IX.

Cidade rica do sancto
Corpo do seu Rey primeiro ,
Que inda vimos com espanto
A tam pouco tempo inteiro
Dos annos , que podem tanto.

X.

Rey , a quem se Deos mostrou ,
Rey , que tantos Reys venceo ,
Rey , que taes Reys nos deixou ,

O bom filho hi se lançou ,
Que até Seuilha correo.

XI.

Outro Rey nosso sem mal ,
Que lhe empeceo a bondade
O quarto de Portugal ,
Qual teue elle outra Cidade
Que lhe fosse tam leal ?

XII.

Qual a sua fé saluou ,
Por tanto perigo , & medo ,
Qual outra tanto esperou ,
Qual outra as chaues mandou
Ao Rey ja morto em Toledo.

XIII.

Mas tornando ao abrigado
Onde me furtey aos ventos
Hi depois de mi tornado ,
Que rir , que esmorecimentos
Do tempo tam mal gastado !

XIV.

E o fogo , que se ora ascende ,
A presteza das mudanças
Mal , que tão longe se estende ,
As vidas curtas defende
Tomar longas esperanças.

XV.

Giges na sua abastança ,
Que de toda a parte ajunta ,
Inchado em tanta bonança ,
Apolo hum dia pergunta
Polla bemauenturança.

Tal

XVI.

Tal fumo Apolo entendendo
Iulgou por inelhor estado
O de Glao, que pastor sendo,
Se hia cantando, & tangendo,
Olho sòmente ao seu gado.

XVII.

Ó ricos que esta riqueza
Está no contentamento,
Mais tem quem mais a despreza,
Não foge o rico auarento
Por mais que fuja à pobreza.

XVIII.

Onde mais pode caber
Sinal he de lugar vão,
Que se pode ainda encher,
Os corações hão de ser
Ricos, que os cofres não.

XIX.

Por faminto que venhais
Morto com sede, ou com frio,
Do fogo onde quer achais,
Vay muita agoa pollo rio,
O monte dà que comais.

XX.

Quem à appetites dà crença,
Hũa mão toma, outra pede,
Nunca espereis que se vença,
Sinal de hũa má doença,
Quanto mais agoa, mais sede.

XXI.

Tem cobiça a boca aberta,

Isto que te assi parece ,
E tras que andas tanto á lerta ,
Luz de fora , & resplandece ,
Dentro não ha cousa certa.

XXII.

O juyzo , & a rezão ata ,
Tudo deixa escuro , e em erro ,
As leys de Deos defacata ,
Do tão mole ouro , & da prata
Fez duras prisões de ferro.

XXIII.

Esta entrada em nossos peitos
Fez nelles estragos tais ,
Que hermos ficão , e desfeitos
Abertos por mil portais
A todo vento fogueitos.

XXIV.

Que nam fará ? pois trocar
Nos fez a paz polla guerra ,
Fez hús aos outros matar ,
Passou de viuenda ao mar
Homens naturais da terra.

XXV.

Escravos , mais que os escravos
Por rezam , & por justiça ,
Deixayvos de tantos gabos ,
Que vos vendeo a cobiça ,
A mar brauo , e a ventos brauos.

XXVI.

Espritos vindos do Ceo
Postos aos lanços na praça ,
Com que nadas vos venceo ,

Por-

Porque nada vos vendeo ,
Melhor fora antes de graça.

XXVII.

Metais de tam baixa liga ,
Que nos na terra escondera
Natureza , mãy , & amiga ,
Entre nós , & elles pufera ,
Tanto trabalho , & fadiga.

XXVIII.

Seruo de mór appetito ,
(Differão fortuna , e enueja)
Em fim seu feito , seu dito ,
Pera al criado o íprito ,
Isto só sonha , & deseja.

XXIX.

E porem que sam ? engano ,
Que mais hũa mãy fizera ,
Afastauanos o dano
Aos filhos que à vida dera ,
Acesa de amor humano.

XXX.

Mas que pode aproueitar ,
Se lhe fazemos tal guerra ,
Co contino trasfegar ,
Ora reuoluendo o mar ,
Ora reuoluendo a terra.

XXXI.

Nas Minas altas que digo
Reuolta a terra té o centro ,
Que faz o homem enemigo
De seu repouso lá dentro
Com tal trabalho , & perigo ?

XXXII.

Debaixo da terra fria

Aja vergonha a rezam ,
Aja alma que mais deuia ,
Que deixando atras o dia
Polla noite auante vam.

XXXIII.

Não tem termo homens oufando

De feu fiso em desemparo ,
Tudo forão apalpando ,
Té pollo ar solto , & raro
Ouue quem fosse voando.

XXXIV.

Gente que não teme nada

Cos medos se desafia ,
Por mares sem fundo nada ,
Passou a Zona torrada .
Anda por passar a fria.

XXXV.

Não he pera tanto a vida

Quanto melhor escolheo
Quem na dorna ao Sol voluida
Viueo mais rico , & morreo ,
Que Craffo , que Creffo , & Mida ?

XXXVI.

Fugindo Crates ao ouro

Mais que hum couarde do ferro
E as cousas de mau agouro ,
Lançou ao mar gran thesouro ,
Quem fará agora tal erro ?

XXXVII.

Por força a Cidade auida ,

Respondeo ao enemigo ,
Bias , a quem fica a vida ,
Tudo o meu leuo comigo ,
Deixo a fortuna corrida.

XXXVIII.

Aos d'Esparta naturais ,
Responde Apolo a seu rogo ,
Se a liberdade estimais ,
Velayuos deste ouro mais ,
Que do ferro , nem do fogo.

XXXIX.

Do grande Epiteto o nobre
Esprito , só liure , & franco
N'um corpo coytado , & pobre ,
Escrauo , & ainda manco ,
Quanta de riqueza encobre ?

XL.

Da sua fraça casinha
Ledo fae , ledo á ella torna ,
O mesino que hia effe vinha ,
Casa que porta não tinha ,
Que mais montaua que dorna ?

XLI.

Iesu Christo busca obreiros ,
Não nos quer despedaçados ,
Quer os seus de todo inteiros
Dos corações alugados ,
Poucos sam os verdadeiros.

XLII.

Gente de vontade dura
(Diz elle) que não andais ?
Em quanto esta luz vos dura ,

Não vos tome a noite escura
Antes que vos acolhais.

XLIII.

Não seria eu isto vendo
De juyzo , & rezão faã ,
Andar mais dias perdendo ;
Comecey ante menhá ,
Não sey que andaua fazendo.

XLIV.

Hiame enjoado assi
Ao som por onde os mais andam
Olhe bem cada hum por si ,
Que estes bens falsos daqui ,
Senão são mandados mandam.

XLV.

Os desejos sam sem termo ,
A esperança he faborosa ,
Eu contenteyme deste hermo
Polla rezão que a Raposa
Deu ao Leão , que era enfermo.

XLVI.

Meu Réy , meu senhor Leão
Olho cà , & olho là ,
Vejo pegadas no chaõ
Que todas para là vão ,
Nenhũa vem pera cà.

XLVII.

Essa Cyrces feiticeira
Da corte tudo trefanda ,
Deste faz Onça ligeira ,
Lobo outro , que á carniça anda
Outro cão que a caça cheira.

XLVIII.

Alguns Papagayos vam ,
Outro vfo direito em pé
Cada hum de sua feição ,
Outro gatinho hermitão
Destes que vem de Guiné.

XLIX.

Cantam ao passar Sereas ,
Que fazem adormecer ,
Correndo todas as veas ,
De tal sono as deixão cheas ,
Que senão pode homem erguer.

L.

Vou co pensamento , & venho
E ao meu medo deuo muito ,
Por quem liure me sostenho ,
Pello que vi , & que escuyto
Nisso , que tenho , affas tenho.

LI.

Do com que eu folgo , outros rim ,
Cada hum terá sua escusa :
Iá vos dey muitas por mim ,
Estas cousas sam em fim ,
Como dellas homem vfa.

LII.

Sejão rezões poderosas ,
Olhay , que o ferro se deu
Para cousas proueitosas ,
Depois este meu , & teu
Fez delle as armas danosas.

LIII.

O fogo , que nos foy dado

A tantas necessidades ,
Que ser não pode apressado ,
Fará , & fez no passado
Em pó ja muitas cidades.

LIV.

D'este engenho , que diremos ?
De quem nós tais gabos damos
Com quem tudo acometemos ?
Quantas vezes delle vísamos
Mal , e como nam deuemos ?

LV.

Dom do ceo nosso especial ,
E veyo a ser todavia
Este homem racional ,
Tam agudo no seu mal ,
Como ontem n'artelheria.

LVI.

A fins tão desordenados ,
Que remedios se offerecem ?
Diz S. Paulo , homens errados
Se os odios entre vós crecem ,
Comeruos eis aos bocados.

LVII.

O nome da ociosidade
Soa mal , mas se ella fã
Bem occupada , he bondade ,
Socrates da liberdade
Lhe chamaua sempre irmãa.

LVIII.

Douvos Enio por author ,
Quem não sabe vsar do ocio
Cança , & anda derredor ,

Vem

Vem a ter mayor negocio ,
Que hum grande negociador.

LIX.

Porque este sabe apos que anda ,
Aquelle assi nam se entende ,
Quanto anda , tanto desfanda
Não se obedece , nem manda ,
Ora se apaga , ora ascende.

LX.

Vello ir , vello tornar ,
Vello cançar , & gemer ,
E em busca de si andar ,
Cobrar a còr , & perder ,
Que senão pode topár.

LXI.

Mas eu porque passa assi ,
Que seja muito , direy ,
Dias ha que me escondi ,
Co que li , co que escriui
Inda me não enfadey.

A D O M F E R N A N D O

D E M E N E S E S .

CARTA SEXTA.

GUADALQUIBIR arriba a rica praya
 Vistes tam perigosa , & as marauilhas
 De que contaís, que ouuindo homem desmaya.
 Vistes armadas tantas armadilhas
 Aos olhos , & entre outros entremeses
 Pescar com redes d'ouro das Antilhas.
 Senhor meu Dom Fernando de Meneses ,
 Vi Roma , vi Veneza , vi Milão ,
 Em tempo d'Espanhoes , & de Franceses.
 Os jardins de Valença d'Aragão ,
 Onde Amor viue , & reyna , onde florece ,
 Por onde tantas embuçadas vão.
 Mas isso assi , direy que mais parece
 As couas de Seuilha foterranilhas ,
 Onde a vida em prazer desaparece.
 Quem nam dirà tambem que sam patranhas
 As cousas , que alli vistes ser verdade ?
 Sabeis de que lhe vem ? de ser tamanhas.
 Espreita onde vé a rica ociosidade
 Amor , a seus prazeres solta , & a vaã
 Desenfreada prodigalidade :
 Imiga das leys sanctas , & da saã ,
 E boa temperança , & vida pura
 Dess'outra vida Seuilhana irmaã.

Aquel-

Aquelles sam seus parques , hi assegura
Os seus estados grandes , as suas cortes ,
Alli he gram senhor , dura o que dura.
Por ahi passeia , & vay a seus deportes ,
Viue alli Salamandra no seu fogo ,
Que a elle a vida dá , & aos seus mil mortes.
De quem se elle apodera , entrando logo
A liberdade foga , & nunca mais ,
Em quanto o hi sente torna a risa , ou jogo.
Mas tornemos às nouas que me dais
Das senhoras , das casas , & das sedas ,
Pedraria , que cega os auençais.
Para onde correm todas as moedas ,
As d'ouro poderoso , & prata fina ,
Em ricas praças ricas almoedas.
Quem se alli chega aos lanços defatina ,
A primeira aventura he a do fiso ,
Que logo perde , tudo à banda inclina.
Alli o saber , alli o brando auiso ,
As boas partes todas quantas sam ,
Nobreza , & parecer he tudo hum riso.
Vendendo ellas o seu sempre em pregam ,
Cousas que em tendas se acham por hum nada ,
Regateiras crueis , por quanto as dam ?
Que cegueira esta he ja tam costumada ,
Em todo tempo , em toda ley , & idade ,
Quem mais leua na bolsa , esse arrecada.
Não falleemos naquella infirmitade
De seus validos , que he como se acerta ,
Por appetites só , por liuiandade.
Que nam se pode dar hi regra certa ,
Senão que assi lhe apraz a quem se obriga ,
Que

Que dos mais he cada hum como se offerta.
Quem dirá ora que nisto a gente antiga ,
Que tanto vio , vio pouco , do costume
Cega , & desta bayxa humana liga ?
Entrando o tempo mais , entrou mais lume
Suspirouse melhor , veo outra gente
De que o Petrarcha fez tam rico ordume.
Eu digo os Proençaes , que inda se sente
O som dos brandos versos , que entoaram
As suas Musas brandas , brandamente.
Depois , ah que vergonha , em fim tornaram
A cayr muitos neste amor vicioso ,
O fino , os peitos finos o saluaram.
Escreuem , que hum Philosopho famoso
Tentado dessa Lays , por quem se chama
O porto de Corinto perigoso.
Dessa a quem todos ver vinham por fama
De sua fermosura , ficou tal
Que vencedor tornou , vencida a dama.
E mais quando o perdão era géral
A todos neste caso , tanto a vfança
A dar culpa , & desculpa pode , & val.
Porem de hũa tamanha confiança
De si , de tal constancia , em tais amores ,
De hum só seja aqui dito em tal lembrança.
Enxamea este mundo , & dá das flores
Como lhe apraz a grande natureza ,
Dos sanctos não me meto em seus lououres.
Que nam se atreue a tanto esta rudeza ,
Do baixo estillo meu , da fraca vea ,
Que entendo , & não me engana sua pobreza.
Ora estais já na corte onde se atea

Para vós outra fragoa , outra contenda ,
Outra prisaõ mais nobre , outra cadea.
Onde , nem tudo leua a grande renda ,
Nem a negociação , que isso feria
Tirar poder ao Amor , dallo à fazenda.
Amor he senhor grande , & nam se guia
Por interesses vijs , dar , & tomar ,
E seu trato nam he de mercancia.
Amor he hum bem , que corre sem parar ,
Que não sabe pór nodos de sospeitas
Na fé , nem inquirir , nem duuidar.
Nam ergue ao ar figuras contrafeitas
Como vemos as tardes nuuens raras
Em pouco espaço feitas , & desfeitas.
Nam tem contra sinais , nem Almenaras ,
Nam manda escuitas fora , ahi he paz boa ,
Correm das fontes claras , aguas claras.
Quam longe do outro cego que ao ar voa ,
Tudo defassoflegos , & queixumes ,
Cuidais que his vento a popa, his vento a proa.
Tudo desconfianças , & ciumes ,
Huns nada que porem fendem d'agudo ,
Reyna no pouo , & segue os seus cultumes.
Este tudo he fallar , o outro he mudo ,
Ouçanse os corações , que ouvidos tem ,
Mais certos , & outros olhos que vem tudo.
Que os peitos passam , da banda d'alem ,
Como o Sol dando faz n'ũa vidraça ,
Os claros corações claro se vem.
Verdade he que estes tempos nam dá graça ,
Essa que dar soya no passado
Que sayr nam no deixa tanto à praça.

Temese d'hum enemigo apoderado
Da rezam , que sò sonha India , & Brasil ,
Tè que cada hum de là torne dourado.
Lançou nos a perder engenhos mil ,
E mil , este interesse que aja mal ,
Que tudo o mais fez vil , sendo elle vil.
Os Moinos , os serões de Portugal
Tam fallados no mundo onde sam idos ,
E as graças temperadas de seu sal ?
Dos motes o primor , & altos sentidos ,
Os ditos auísados cortesaões ,
Que delles ? quem lhes dà sòmente ouuidos ?
Mas deixemos ora ir queixumes vãos ,
Assi foy sempre , assi sempre será ,
Trocamse os tempos , fogem d'antre as mãos.
Nam vedes quantas voltas que o Sol dà ,
Ora aparece , ora desaparece ,
Que debaixo do Ceo cá quedo está ?
O que ontem muito aprouue , oje aborrece ,
Dam volta as cousas todas a reueses ,
N'um poço sobe hum balde , & outro dece.
Mas vós , ò boim Dom Ioam , vós de Meneses
Dom Manoel , que tais tempos lograftes ,
Chamaruos ey ditosos muytas vezes.
Que com tanto louuor aqui cantastes ,
E com tal voz , que ainda eu alcancey
Os derradeiros eccos , que deixastes.
Depois de fora parte aqui escuitey ,
E ouui cantares , foram elles tais ,
Que eu tambem trasportado os meus cantey.
Ora outra vez a vós senhor que andais
Naquella viua força dessa idade ,

De que os amores se apoderam mais.
Nam me seja contado isto a vaydade ,
Mas eu nam vejo aqui cousa mundana ,
Que tam pouco pareça á humanidade.
Quem cuydando terá por obra humana
Hũa alma que tam firmemente escora
Que o poder da fortuna nam na abana.
Alcase o espirito , & vay de fos em fora
De todos os sentidos , só por si ,
Ouue , & vee de que viue ora por ora.
De tudo quanto o mundo presa , ri ,
Tudo lhe he (como dizem) neuoa , & vento,
Passouse a corpo alheo , & viue alli.
Buscou , & pos tam alto o fundamento
Que por cousa que veja , ou que aconteça
O mesmo he no prazer , que no tormento.
Hi se acaba o seu bem , onde começa ,
Faz como Aguia aos filhos que os engeita ,
Se a vista ao Sol d'algun vee que enfraqueça.
Assi toma aos cuidados conta estreita ,
E aquelle , que ser bom claro nam vee ,
Nam he dos seus , a conta em nada he feita.
E assi só abraçado com sua fé
Sem querer nada mais , hi se adormenta ,
Que riqueza grandissima aquella he
Que hũa parte só viua , outra nam senta.

A HVA SENHORA MVITO LIDA
EM NOME DE CERTO SERUIDOR SEU.

CARTA SETIMA.

CUIDANDO em vòs senhora no alto engenho
Delicado saber , na tanta estima ,
Não sey com que ousadia ante vòs venho.
Por dom da natureza , posta a cima
De tudo o que aqui vemos descuberto ,
A que he tam necessaria a vossa lima.
Occasiões esperando , & algum acerto
(Que tudo he cheo d'acontecimentos)
Quantos males passey ? quam encuberto ?
As esperanças foramse cos ventos
Dias ha , se eu tiuera vista algũa ,
Mas bem he que assi vam vãos pensamentos.
Senhora , quanto Sol , & quanta Lũa ,
Em quanto eu cuido , & temo , se me vam
Viuyendo triste sem vida nenhũa.
Cuidaua eu que valesse esta rezam
Com quem tanto ella val , val pouco em fim ,
Nomes custosos , que remedio nam.
Comigo a braços a que estado vim ?
Lidando noite , & dia , em fim quebrados
Huns me mostram ao dedo , outros se rim.
Sam fogos como os que vemos pintados ,
Nao chego a dizer mais , digo o que posso
Os d'alma só sam os viuos , & os callados.

Não

Não sey como não vistes este voffo
Elprito (em tanto tempo) onde assi val
Este nome de meu , & inda de noffo.
Nem como andais cuidando tanto em al ,
Que não vistes esta alma em tantos dias ,
Que a vòs sò tem por bem seu principal ,
E não se vos mostrou por tantas vias ,
Tanta verdade , experiencia tanta ,
Apurada em taes fogos , & agonias ?
Essa vista , que o mundo todo espanta ,
Aquelle entendimento tam profundo
Quem o cega assi nisto , quem o encanta ?
Hercules tam fallado pollo mundo ,
Que trabalhos venceo ? porem a dura
Madrastra não cansou tè verlhe o fundo.
Em fim vendoo no fogo , ja segura
Seus olhos farta , mas as immortaes
Honras , que se lhe deuem , torna escura.
Iulgamse as cousas pollos seus finais
Milhor , que por palauras , que farey ?
Tudo me lembra , & tudo por demais.
Tyrania cruel , aspera ley ,
Que assi quer o que quer , braua opiniam ,
Abasta , assi me apraz , assi mandey ?
Tirando seu lugar sempre à rezam ,
Mas a culpa he d'Amor , que enuolue tudo ,
Deixay chamar os seus por elle em vain.
O duro , o brando , o sem siso , o fesudo ,
O velho com suas lagrimas piadosas ,
O moço aos sobrefaltos bronco , & mudo ,
Amor tem cheo d'armas victoriosas
(Em padrões altos) tudo ao derredor ,

Pollas façanhas suas espantosas.
Poderoso , absoluto , & sò senhor ,
Os Deoses tem os fados sobre si ,
Liuremente o que quer , sò pode Amor.
Os sanctos juramentos , ora assi ,
Ora assi feitos , passa em graça , & riso
Tê d'alagoa subterranea ri.
Não se pode fallar estando em siso
Nas gaandezas d'Amor , cumpre que esté
O entendimento do corpo diuiso.
O que ao baixo o liuel nosso se vé ,
Tudo tambem he baixo : estes sentidos
Leuemente enganados , nam dão fé.
Os remos n'agoa parecem torcidos ,
Os olhos nos enlea hum jogo leue ,
De mãos , & assi se engañão os ouvidos.
Bem sabeis vòs , senhora , o que se escreue
De dous pintores nobres a porfia ,
Em que cada hum vencer o outro se atreue.
Frutas pintou hum delles , que de dia
Vinhão as aues comer , outro d'hum veo
Pintado fez , que a sua obra escondia
Vede quanto a arte pode ? nam valeo
Alli vista , & saber , o veo de diante
Mandaua aleuantar o que perdeo.
Diz led o vencedor (foste bastante
A enganar aues) que victoria a minha
Enganando vn pintor tam posto auante.
Aquelle leue Grego que hia , & vinha
Com tanta ligeireza , & tal feruor ,
Que os pés voauão , & quedo o corpo tinha.
Quando cuidauão que auia de traspor ,

Inda desse lugar não se mouera,
De que esperaua premio apos louuor.
ElRey Agefilao que não puera
Nisso cuidado, mais não disse então,
Que affirmar, que jogral lhe parecera.
Ora tornando atras, pouco mais sam
Os nossos olhos, que esses dos morcegos,
Pois que hũas cousas vem, & as outras não.
Seus thesouros, & seus ricos empregos
Alcançamse por sorte grande, & rara,
Iazem em muy profundos, & altos pegos.
Tanto ha que canso, que me desempara
O mesmo tempo, as forças desfallecem
Ay quanto custa hũa esperança cara!
Queixas a algũs de fóra isto parecem,
E quiçais que o serão, só alma o sente,
E estes olhos coytados que amollecem.
Entre tanto que cuida a leue gente
Desses que vemos tantos a milhares
Regidos só do caso, & do accidente.
Ondas, que aos ventos vão correndo os mares
Andabatas que ferem ás escuras,
E sem certeza dão por esses ares.
Estas serão as defauenturas
Que Heraclito choraua em vida andando,
E Democrito ria, por loucuras.
Com muitas outras, que fazem grão bando,
Posto que serão sempre as principais
As dos que assi se perdem, outrem buscando.
Meus desatinos, onde me leuais,
Vadiamente assi de monte em monte,
Ou (como dizem) por andorriais?
TOM. I. S To-

Tomastesme jazendo à minha fonte ,
O caminho não mingoa , antes mais crece ;
Por muito que a razão clara desconte.
E não me basta o mal que me acontece ,
Que he tanto em dano meu , senão a vergonha
Que de mi , & que d'outrem me recrece.
Que sorte tão estranha de peçonha ,
Ando em busca de mi , não sey por onde
Em quanto esta alma trefualia . & sonha.
Aqui sómente a vaã ecco responde ,
Que parece tambem que anda ella em busca ,
Não sey porque cauernas se me esconde.
Quando o mundo esclarece , & quando embrusca
Se eu sospiro , sospira , ah crueldade ,
Tambem dirá por mi , este que busca ;
Triste , que ja não ando apos piedade ,
Sou em poder da dór , entendo o erro ,
Entendo o dano , entendo a vaydade.
Sigo húas sombras vãs , que nunca afferro ,
De húa só folha que atraueffa treino ,
O tempo gasta as pedras , gasta o ferro ,
Por mi ja nada , por vós tudo temo.

A IORGE DE MONTE MAYOR ,

EM REPOSTA DE OUTRA QUE LHE ESCREUEO ,

Que deue andar impressa nas suas Obras.

CARTA OITAVA.

MONTE Mayor , que a lo alto del Parnaso
 Subiste , porque al nuestro Lusitano
 Truxieffes dulces aguas de Pegafo.
 Que harê ? que al responder tembla la mano,
 Trabaje por escusa , si la hallara ,
 Buscando lo que no ay , cansase en vano.
 No dissimularé la verdad clara ,
 Yendo a te responder atras boluia ,
 Viendo tu pluma quanto que me alçara.
 Temia lo que aun temo , que diria ,
 El que oydos alçasse a la respuesta ,
 La tierra tan preñada que paria ?
 Soltóse todo en risa , tanto cuesta
 Esperar mucho , viendo por antojos ,
 Quanto a mi , quien me loa , me amonesta.
 Poniendome delante de los ojos
 Como en pintura lo que seguir deuo ,
 Y en traje de loores , son abrojos.
 Forçado a responderte al fin me muevo ,
 Del ierro a fabiendas vienen , van sudores ,
 La pluma agora , agora el huelgo prueuo.
 Si con Monte Mayor trato de amores ,
 Quando le alcançaré ? vâ de corrida ,

De laurel coronado , de yedra , y flores.
Y si tratar quisiessse de la vida ,
Que solo es vida cierta , y tan segura ,
La entrada es alta , ciega la salida.
Ó buen Mondego , que en la Estremadura
Nuestra , a Neptuno pagas el tributo
Deuido , como vuisse gran ventura.
Que al fin del mundo agora has dado vn fruto ,
Que lo hinche de olor todo , y que lleuanta
La niebla de la sierra , y el campo à enxuto.
Mientras tañendo vá , mientras que el canta ,
La su Marfida por los campos llanos ,
Regados de tu agoa , a quien no espanta ?
Por donde (vn tiempo fue) mil gritos vanos ,
El mi Diego esparzio sin aluedrio ,
Atado alli d'Amor de pies , y inanos.
Con mejor suerte est'otro , del tu rio
Passó los altos puertos , buelue lleno
De gloria al patrio nido fuyo , y mio.
Aziendo como el ayre tan sereno ,
De nuestra Lusitania en levas tierras ,
Qu'ande de boca en boca , seno en seno.
Fue Monte Mayor yà nombrado en guerras
Del Sancto Abad Don Iuan (cuentase assi)
Agora dexa atras aguas , y sierras.
Quando Moros podian tanto aqui ,
(Ah los muchos peccados de Christianos)
Quedóse el leal Monte en saluo alli.
Marfilio de gran nombre entre Paganos
Del Hebro a la ribera puso silla ,
Y araya entre Carthago , y los Romanos.
Entraran Mahometanos por Castilla ,

D'Amor , de Marte fiero vuo auenturas ,
Quien cré , quien no las cré se marauilla.
De tan escuros tiempos , tan escuras
Cosas , de vista cuenta el buen Turpino ,
A estraños cuentos orejas seguras.
El Hadado Roldan , Reynaldo Dino
Que le fuera fortuna mas cortès ,
De su riqueza a vn tal Paladino.
Ruger del ingenioso Ferrarès
Tan alabado en tan sabroso estilo ,
Astolpho auenturero , y vano Ingles.
Que dio la muerte al fabuloso Orilo ,
Violo el blanco Grifon , violo Aquilante
El negro , en la ribera allà del Nilo ,
Dos guerreras , Marfisa , y Bradamante
En campo armadas espanto , y terror
Por enemigas hazes adelante.
Hasta tanto llegué por tu sabor ,
Que está todo en Marfida , he te seruido ,
Si mal , no deprendi las leys d'Amor.
Vezino àquel tu Monte do has nascido
Cogi el ayre de vida , y del Mondego
La clara , y tan sabrosa agua he beuido.
Assiento de las Musas , tras el ciego
Niño , que buela , perdi el tiempo andando
Vno de los sus locos , no lo niego.
Y aqui parado estando agora , quando
Contemplo las pisadas , que atras dexo
Cierto que entiendo mal , si ando , o desando.
Y en tal fazon quicà d'Amor me quexo
Si viste algunos de los mis renglones ,
Triste Andres , triste Diego , y triste Alexo.
Que

Que haremos a estos nuestros coraçones ,
Que hurtandose de nós quando ellos quieren,
Acogiendose van a sus prisiones ?
Bien vees , que estos sentidos en nós mueren,
Biuen en otra parte , y alli passados ,
De allâ nos llaman siempre , y nos requieren.
Y mas con que blandura ? amenazados
Como a esclauos , que huyeraõ , noche , y dia,
Duras leyes , duros fuegos , duros hados.
Hasta el mal que passó aun desafía
La vida , y con desseos de presençia
Se buelue a codiciar lo que dolia.
El nuestro Andrade vi muerto de ausençia ,
Esprito tan gentil , tan mal tratado ,
En tan terrible mal tanta paciençia.
Nascido para amar , y ser amado ,
Mas es Amor cruel naturalmente ;
Tan contrario del nombre que le han dado.
Ó ciegos , que razon sufre , y consiente ,
Que lo que os aquexaua alla cada ora ,
Aca con su desseo os atormente ?
Quien no sabe que aquel que Amor adora ,
Y que mas vientos beue por sus cosas ,
Por vna vez se ri , quantas que llora ?
Que muestras son las fuyas tan lustrosas !
Que lexos de pintura tan diuinos !
Que aguas que d'alto caen tan hermosas !
Que soledades de los altos pinos ,
Que en el monte Menalio a las estrellas
(Licençia ayan palabras) son vezinos ?
Que los cantares , antes las querellas
De sus pastores oyen , & en tal parte

Parece que responden al fin dellas.
Demos buelta al Archero , que reparte
Tan mal sus flechas , vanle acompañar
Por la razon , que ende ay , Venus , y Marte.
Con que palabras te podrè rogar ,
(Y sea con perdon de quien te llama)
Que tan presto nos no quieras dexar.
Marfida el fuego tuyo , y dulce llama
Aura por bien de ser aca cantada ,
Do no vino en persona , venga en fama ,
Bien sabe que la muerte fiera ayrada ,
Quanto nasce amenaza , y no perdona ,
Que a todo lo que biue buelue en nada.
Tu solo enternecestes esta Leona
Con los cantares de tu ingenio raro ,
Con el fauor del hijo de Latoña.
Lleuanta tus sentidos al amparo
Tan alto , y tan seguro , como tienes ,
De la Princesa nuestra vn Sol tan claro.
No seas como muchos , que sus bienes
Bien no conocen , mira que acontece
A pocos lo que a ti , si bien te auienes.
Con la suerte , que vuisse , que esclarece
Por la casa real en todo estado
Do por costumbre antigua embidia crece.
Mas las Musas al fin tendran cuidado
De su Poeta , pues le quieren tanto ,
Como a quien de años tiernos han criado.
Al son de sus vihuelas de su canto
Entonandolo siempre de que es prueua
Mouer el quando canta a gozo , y a llanto.
Destos muy cuerdos no me es cosa nueva

Que

Que esten burlando esclauos del prouecho ,
A do parece , o que arda el Cielo , o llueua.
Esforçandose siempre , o con derecho ,
O sin derecho (aquí poned el tino)
Inchamos esta casa hasta su techo.
El oro blando a todo abre camino ,
Mas quel hierro , y solo es dicho , auer
Nadie inquiera despues do donde vino.
Las buenas Musas bastales tener
Lo neccessario , para que es afan
Vano , si en fin tan poco es menester.
No vees los dias con que priessa van ,
Vnos tras otros , pocos son los ledos ,
Que piensas todos juntos que seran ?
Humos , y vientos , que nunca estan quedos
Esse poco de vida , y breue instante
Lleno de sobrefaltos , y de miedos.
Otra vida a Beatriz ha dado el Dante
A Laura hizo el Petrarcha tan famosa
Que fuená deste mar al de Levante.
Bocacio alçó Fiameta en verso , y prosa ,
De Pyttoa el buen Cyno a su Seluaja ,
Ah buenos años , buena edad dichosa !
Parece que este mundo haze ventaja
En tiempos a si mismo , otros se esfria
De toda parte , como que se coaja.
A ti las diosas de la Poesia ,
Y a tu Marfida , haran ser inmortales ,
Que nunca le anochesca a vuestro dia.
En quanto al cuerpo destos animales ,
Que llamão brutos , mucho atras quedamos
Mas que en sentidos no nos son yguales ,
Hemos de confessar, que no queramos. AO

A O DOVTOR ANTONIO FERREIRA

EM REPOSTA D'OUTRA SUA,

Que anda impressa co as suas Obras.

E L E G I A.

ESTA branda Elegia , esta tam vossa ,
 Quero dizer de tanto preço , & tal ,
 Que vay fugindo ant'ella a neuoa grossa.
 Bem vejo que era empresa principal
 Esta a que vinha , mas a dór rezente
 Tempo esperaua , cura mais géral.
 Quanto que aquella vea assi corrente
 Se deue àquelle engenho prompto , & raro
 Que assi sente , assi diz tudo o que sente.
 E mais em tal fazão tempo tão áuaro
 De lououres alheos , em tal danno
 Dos engenhos que se achão sem emparo.
 Vem hum dando a cabeça , & conta vfano
 Cousas do seu bom tempo, ardendo em chamas
 Pollas que fez , todo al lhe he claro engano.
 Andãose às rezões frias pollas ramas ,
 Hum vilancete brando , ou seja hum chiste
 Letras ás inuenções , motes ás damas.
 Hũa pergunta escura , hũa Esparfa triste ,
 Tudo bom , quem lho nega ? mas porque
 Se alguem descobre mais se lhe resiste ?
 E como ? esta era ajuda ? esta a merce
 (Deixemos as merces) este o bom rosto ?
 Que

Que menos custa , em fim que este tal he ?
E logo aqui tão perto com que gosto
De todos , Boscão , Laffo , erguerão bando :
Fizerão dia , já quasi Sol posto.
Ah , que não tornão mais , vamse cantando
De valle em valle , em ar mais lumioso ,
E por outras ribeiras passeando.
Tornemos ao desastre a nós choroso ,
Furtando me hia à dór , que inda aineça ,
Como hum parto ao fogir mais perigoso.
Não ouso inda a fallar tanto de praça ,
Fallo com vosco como em puridade ,
Incerto do que diga , & do que faça.
Quando mandey meu filho em tal idade
A morrer polla Fé (se assi cumprisse)
Que esta era a verdadeira sua verdade.
Tu vás pello caminho agro (lhe disse)
Que tu mesmo tomaste à tua conta
Sem perigos , quem se acha que sobisse ?
De tempo que assi foge , que te monta
Vinte,ou trinta annos mais? que montão cento?
Ergueo a vista a mi alegre , & prompta.
Suspirando por ser lá n'hum momento ,
Se ser pudesse tão depressa os fados
Corriam (nomes vãos sem fundamento)
Então o encarreguei destes cuidados ,
Deos , & logo honra , logo o capitam ,
Quão de pressa a cumprir foy tais mandados.
Parece que os leuou no coração ,
Nain soltos por de fora nos ouvidos
Como outros fazem , que perdendo os vam.
Tinha do corpo esptos os sentidos ,

Os d'alma muito mais , mais limpa , & pura ,
I'agora os bons defejos fã cumpridos.
Vio onde a deixaria em paz segura ,
Depreffa á occafião arremeteo ,
: Não quis esperar mais outra ventura.
No dia do começo a conta encheo
Seguro vio a morte , espanto antigo ,
Nós fõnhamos aqui: tu vafte ao Ceo.
Ditofo aquelle mefre Dom Rodrigo
Manrique , a quem em feu tempo louuou
O filho , & deu ao corpo em morte abrigo.
Era ella conta igual , que quem entrou
Primeiro à vida , foffeife primeiro ,
Eu fou quem deuera ir , quem nos trocou ?
Cordeiro ante o throno alto do Cordeiro ,
Lauado irás no teu fangue fem magoa ,
Ó quem como era pay , fora parceiro.
Diz Paulo (da Fé noffa ardente fragoa)
Que para o filho o pay faça thefouro ,
Parece natural hum correr d'agoa.
Nam affi aqui perto abaixa o Douro
Ao contrario , no mar fe lança efcurο ,
Mondego , & Tejo das areas d'ouro.
Quanto mais certo contra o imigo duro
Podes , que outrem dizer , vim , vi , venci ,
Cerrando , & abrindo a mão , pofto em fequo.
Nam fe vejã mais lagrimas aqui
Saluo fe por nòs forem , que em taes treuas
Em tam cega prifam deixafte affi.
Vayte embora , que ja nam tens que deuas
Temer , là tudo he paz , tudo affoffego ,

A quem leua o seguro , que tu leuas.
Ditofo , que nam viste de dor cégo
Por fenhor hum imigo de tua ley ,
Que a tanta presa fora injusto emprego.
Quantas graças , meu Deos , quantas te dey :
Sabendo d'alma que era liure , & viua ?
Sem ella ao corpo de que temerey ?
Sabia aquella condiçam sua altiua
(Nesta só parte , no mais branda , e humana)
Que era para morrer , nam ser captiua.
O sepulchro com que s' a vista engana ,
He leuissima perda , que tambem
He lodo , he terra , he pó , terra Africana.
Que tam estreito mar entre si tem
Abila , & Calpe , foy tempo , hum sómente,
Dous agora , hum dáquem , outro dálem.
Nos quais duas columnas pos defronte
Hercules , que alli entrada ao grão mar deu,
Faleçe antes quem crea , que quem conte.
Os Gregos no que escreuem poem do feu
As vezes muito , & dizem que chamadas
Iã forão , as columnas de Briareu.
Acabemos nas bemauenturadas
Almas sobidas para sempre á luz ,
Onde rindose estão dos nossos nada.
Hum só que em sangue aberta traz a Cruz
Branca por armas deu Deos à Cidade ,
Milagre , que em sinaes claros reluz.
Rotas as armas , rota a humanidade
Por muitas partes , Mouros a milhares ,
Morde enueja as suas mãos , rise a verdade.

Pe-

Pera as festas diuinas , que lugares
Tão claros hi ganhastes pollas lanças ,
Ledos correndo a tanta gloria a pares ,
Sem fim , sem sobrefaltos , sem mudanças.

A M O R T E
DO PRINCIPE DOM IOAM,
FILHO DEL REY DOM IOAM O TERCEIRO.

E L E G I A.

O PRINCIPE Dom João de Portugal
He morto , ouçao a grande natureza
Que nolo dera em mostras d'immortal.
Como pode cayr tanta grandeza?
Como poderam os peccados tanto ,
Que alcança a perda a toda a redondeza.
Eu digo os nossos , que no peito santo
Nunca peccado entrou , nunca entrou erro,
Bem se vé da sua gloria , & nosso pranto.
Nesta terra já nam , antes desterro ,
Day lagrimas sem fim ao mal infindo ,
Idade pouco há d'ouro , oje de ferro ,
Que mais vos pede a tea , que em se vrdindo
Cortada foy , debuxo , & obra tam prima
N'hum só momento tudo á terra he vindo.
Ah , que das cousas de tamanha estima
Não somos dignos ! mostramse sómente
Para sobir por ellas ao de cima.

Seus

Seus olhos aleuanta entam a gente
Ao ceo co aquelle espanto , ergue o sentido,
E cuida no por vir , deixa o presente.
Aquelle real corpo bem nascido ,
Entendimento muito mais que humano
Subitamente desaparecido.
Ó grande , & rico Reyno Lusitano ,
Em tam pequeno espaço oje tam pobre ,
Para que foy tal bem , para tal dano ?
Vaãmente os olhos buscão aquella nobre ,
Aquella sò real mostra em verdade ,
Que escurissima nuuem no la encobre.
Tudo he cheo de dór , & de saudade ,
Tudo de confusam , tudo he patranha ;
E tudo o que cá vemos he vaydade.
A nossa grande , & rica sorte estranha ,
Tal enuteja te fez o fado duro ?
Nossa não só , mas de toda esta Espanha.
A quem contra infieis fora alto muro ,
Ora enuoluamse as fontes , & agoas claras
Seja na terra tudo triste , & escuro ,
Que longes tão fermosos , que almenaras
Mostrauas , mais cruel quando assi ofendes
Menos mal se de longe ameaças.
Quando prometes mais , mais te arrependes ,
Contra nós manha , & força exercitaste ,
Quando será , cruel , que no lo emendes ?
Cruel fado por certo , que mudaste
Húa tal claridade em noite escura ,
Porque contra nós tanto te affanhaste ?
Aquella mais perfeita criatura ,
Que nunca entre nós ouue ; ah graue dór!

Meteste em húa negra sepultura.
Ó que victória a tua , ó que valor
Contra hum corpo tão tenro , & tenros annos
Inda pediste ajuda ao cego Amor ?
O mundo tudo vento , & tudo enganos ,
Que de aquelles triumphos , que das festas,
Que auião de tornar cedo em mais danos ?
Sabe quem tudo vé , que logo eu destas
Outras , que se seguirão me temi ,
Andando pollas sombras das florestas.
E pollos bosques onde me escondi
Ha tanto já , guiado da influencia ,
Quando d'aquelle Ingles maluado ouui.
Altissimo Senhor , tua paciencia
Não se pode vencer posto na Cruz
Sofreste agora , & entam sem resistencia.
Entam perdeo o Sol sua clara luz ,
E agora este Sol nosso aborreceo
A terra , & fogio della , & já nam luz.
Assi me queixaua eu , quando do Ceo
Me senti reprimir , qual Iob jazendo
Com graue dor , mas dor mór me venceo.
Decima hum ár singello irse mouendo
Ouui claro dizer , ora que queres ,
Queixumes vãos , vaãmente ao ar perdendo?
Aquelle entre os nascidos das molheres
Principe sancto , foyse a seu lugar ,
Vossos nadas deixou , foyse aos prazeres.
Vós là debaixo que podeis julgar ,
Nesse valle de lagrimas , & dores ,
Onde o mais que sabeis he só chorar ?
Gentes queixosas , vãos murmuradores ,

Pois

Pois não alcançais o grande , o alto conselho,
Conuertey os queixumes em louvores.
E os olhos leuantay àquelle espelho
Que nesta grain tormenta , como hum faro
Vedes nas mãos d'aquelle honrado velho.
O qual co'alta Raynha exemplo raro
De virtude , o menino offerecera
À sancta protecção , ao firme emparo.
D'um sancto natural nosso , a que erguera
De nouo , hum templo , claro tanto em tudo
Que as neuoas d'Amarante esclarecera.
Donde a Deos torna , em voz louuando o mundo,
E o que pedras lançando vinha à gente
Repousado , tambem torna , & sesudo.
Torna o aleijado sam , torna o doente ,
Milagres hús sobre outros a porfia ,
A fonte mana , & nam agua corrente.
E lembrayuos tambem d'aquelle dia ,
Àquelle sancto martyr consagrado
Que he vosso protector na Epidimia.
Qu'esse Reyno vos tem della emparado ,
Não se vos pode dar mais clara proua ,
Que o proprio braço seu a elRey mandado.
Dos altos Ceos , o Ceo geração noua
Vos torna a dar , & tudo o que falece
No mundo , que com ella se renoua.
Este auò tal , que tudo a Deos merece
Antes os dous auòs d'ambas as partes
Lhe iraõ caminho abrindo em quanto crece.
Despregando a bom tempo os estandartes
Para lhos entregarem victoriosos ,
Dous Romulos, dous Numas , & dous Martes.

Se deuo comparar c'os fabulosos
Os altos feitos , de que será erdeiro ,
C'os mais cinco escudos gloriosos.
De que o feu lhe esmaltou o Rey primeiro ,
Que a altissima visam vio , como vira
Constantino a Cruz alta c'o letreiro.
O que logo no Tibre se cumpria
Contra o tyrano que impaciente jaz ,
Onde inda agora , parece , os corpos vira.
Deniz c'os outros passo , em guerra , & em paz
Honra das armas , honra dos costumes
Que ao nouo successor gram lugar faz.
E deixando no filho os seus queixumes ,
Que erros foram porém da mocidade ,
No mais esclarecido , & de mil lumes.
Assegurou em Espanha a Christandade ,
Vencendo os Mouros , vencendo a cobiça
De tam rico despojo , oh gram bondade.
Pedro , que amores teue c'o a justiça
Real , & nam cruel inclinaçam ,
Fez Moyfes , fez Samuel justa carniça :
A justiça conforma co a rezam ,
E quer Sam Paulo que se tenha aos Reys
Temor , nam vay diante o estoque em vam.
Muda o tempo custume , muda as leys
Humanas , está firme o natural ,
Izentos , olhay bem como viueis.
Nam vos izentam para fazer mal ,
Deixayuos desses vossos argumentos ,
Que nam val ante Deos o que là val.
Ora a ti torno , nam brades aos ventos ,
A antigua busca , busca a noua historia ,

Toda ella he chea d'acontecimentos.
Finalmente Ioaõ da boa memoria,
Conhecerá o quinto neto Augusto,
Digno Sebastião de tanta gloria.
Por justissima ley, titulo justo,
Do pay tudo era, passouse a melhor vida,
E dessa lá não quis mais pello custo.
Não te nego porém, que era deuida
Magoa a tal perda, mas entende, & crême.
Põe em Deos teu cuidado, alma esquecida,
E sómente a Deos ama, & delle treme.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.



INDICE.

TOMO I.

SONETOS.

P ROLOGO do Editor. - - - - -	v.
Vida do Author. - - - - -	xvii.

SONETOS.

SONETO I. <i>A Principe tamanho cujo rogo.</i>	1
- - II. <i>Inda que vossa Alteza a menor parte.</i>	2
- - III. <i>Tardei , e cuido que me julgaõ mal.</i>	ibid.
- - IV. <i>Aquella Fé taõ pura , e verdadeira.</i>	3
- - V. <i>Em pena taõ cruel , tal soffrimento.</i>	ibid.
- - VI. <i>Desarrezoado amor dentro em meu peito.</i>	4
- - VII. <i>Aquellas esperanças , que &c.</i>	ibid.
- - VIII. <i>Amor que não fará ? fez-me &c.</i>	5
- - IX. <i>Não sei que em vós mais vejo , &c.</i>	ibid.
- - X. <i>Alma , que fica por fazer , desd'oje.</i>	6
- - XI. <i>O Sol he grande , caem com &c.</i>	ibid.
- - XII. <i>Quando eu , Senhora , em vós &c.</i>	7
- - XIII. <i>Quien dará a los mis ojos una &c.</i>	ibid.
- - XIV. <i>Del Tibre enbuelto , al nuestro &c.</i>	8
- - XV. <i>Yo no entiendo bien que , mas &c.</i>	ibid.
- - XVI. <i>Aquella apresurada rueda biva.</i>	9
- - XVII. <i>Entre Sesto y Abido , al mar &c.</i>	ibid.
- - XVIII. <i>Llevada en sacrificio Policena.</i>	10
- - XIX. <i>Ah que diré , que es esto , &c.</i>	ibid.
- - XX. <i>Amor tirando vá por Cielo , y tierra.</i>	11
- - XXI. <i>Ado fé bolverá , que no se espante.</i>	ibid.
- - XXII. <i>Que es esto Philis , que estás &c.</i>	12
- - XXIII. <i>Cabe una fuente en boz alta &c.</i>	ibid.

I N D I C E.

- - XXIV.	<i>Neste começo d'anno , en tam &c.</i>	13
- - XXV.	<i>A vossa verdadeira penitente.</i>	ibid.
- - XXVI.	<i>Aquelle espirito já tambem pagado.</i>	14
- - XXVII.	<i>Este retrato vosso he só final.</i>	ibid.
- - XXVIII.	<i>Nam ousaram te'gora apparecer.</i>	15
- - XXIX.	<i>Assi que me mandaveis attrever.</i>	ibid.
- - XXX.	<i>Soem as vezes ser mais estimadas</i>	16
- - XXXI.	<i>Tantas mercês tam desacostumadas.</i>	ibid.

E C L O G A S.

ECLOGA I.	<i>A el Rey D. João o III.</i>	17
- - II.	<i>Ao Iffante D. Luis.</i>	39
- - III.	<i>Ao Duque d'Aueiro.</i>	56
- - IV.	<i>A D. Manoel de Portugal.</i>	71
- - V.	<i>A Antonio Pereira , Senhor do Basto.</i>	91
- - VI.	<i>A Antonio de Sá , no casamento de sua Filha Dona Camilla de Sá.</i>	110
- - VII.	<i>A Antonio Pereira, Senhor do Basto.</i>	130
- - VIII.	<i>A Nun'Alvarez Pereira.</i>	172

C A R T A S.

CARTA I.	<i>A el Rei D. João o III.</i>	201
- - II.	<i>A Antonio Pereira , Senhor do Basto.</i>	216
- - III.	<i>A seu Irmao Mem de Sá.</i>	231
- - IV.	<i>A João Rodriguez de Sá de Menezes.</i>	243
- - V.	<i>A Pero Carvalho.</i>	252
- - VI.	<i>A D. Fernando de Menezes.</i>	264
- - VII.	<i>A hũa Senhora muito lida em nome de certo servidor seu.</i>	270
- - VIII.	<i>A Jorge de Monte Maior.</i>	275

E L E G I A S.

ELEGIA.	<i>Ao Doutor Antonio Ferreira.</i>	281
ELEGIA.	<i>Á Morte do Principe D. Jaaõ.</i>	285

LIVROS MODERNOS,

QUE SE VENDEM EM CASA

D E

FRANCISCO ROLLAND,

*Impressor-Livreiro em Lisboa ao Bairro Alto ,
na esquina da Rua do Norte.*

- A**TLAS (novo) para uso da Mocidade com
24 Mappas , em 8.
- Adagios , Proverbios , Riffãos , e Anexins da
Lingua Portugueza , em 8.
- Arte de Prégar conforme o Espirito do Evan-
gelho , em 8.
- Arte Poetica de Horacio , traduzida , e illustra-
da por Candido Lusitano , em 8.
- Amigo do Principe , e da Patria , em 8.
- Arte de se tratar a si mesmo nas enfermidades ve-
nereas , e de se curar de seus differentes Sym-
ptomas , traduzido do Francez ; para servir de
continuação ao *Aviso ao Povo sobre a sua sau-
de por Tissot* , em 8. Coimbra , 1777.
- Avisos , e Reflexões sobre as obrigações dos Re-
ligiosos , em 8. 4 Vol.
- Arte Latina do Padre Antonio Rodrigues Dan-
tas , terceira Edição reformada , e muito
acrescentada , em 8. Lisb. 1783.
- Belizario por Marmontel , em 8.
- Bom Lavrador , e Boa Laviadora , em 8. 3
Vol.
- Catecismo Romano abbreviado , em 8. 1783.
- Costumes dos Israelitas , e dos Christãos , em 8.
3 Vol.
- Compendio da Historia do Antigo , e Novo Tes-
ta-

- tamento com as razões, com que se prova a verdade da nossa Religião, traduzido do Francez para instrucção da Mocidade Portuguesa, em 8. Ibid. 1772.
- Curso de Cirurgia de M. Col de Vilars, traduzido do Francez, em 4. 3 Vol. Ibid. 1774. *He a melhor Obra que tem apparecido nesta materia.*
- Descripções das Enfermidades dos Exercitos por Van-Swieten, em 8.
- Diario do Christão. Nova Edição augmentada, em 12.
- Discurso ácerca de fomentar a industria do Povo, em 8.
- Discurso sobre a inutilidade dos Esponsaes dos Filhos, celebrados sem consentimento dos Pais, em 8. Lisboa 1773.
- Espirito do Christianismo, em 8.
- Escolha das melhores Novellas, e Contos Moraes, traduzidos de MM. d'Arnaud, Marmontel, e Madama de Gomez, &c. em 8. Tomo I. Lisboa, 1784. *Brevemente jahirá o II.*
- Ensaio sobre o Homem, Poema Filosofico de Pope, traduzido do Inglez por Antonio Teixeira, em 12. Ibid. 1769.
- Elementos da Poetica por Pedro José da Fonseca; em 8.
- Fabulas de Esopo, em 8.
- Historia Geral de Portugal, em 8. . . . Tomos.
- Historia Universal por Milot, em 8. . . . Tomos.
- Historia Ecclesiastica por Ducreux, em 8. . . . Tomos.
- Heroismo da Amizade, Poema, em 8.
- Historia de S. Domingos, particular do Reino, e Conquistas por Frei Luiz de Sousa, em fol. 4 Vol. Lisb. 1767.

Historia Verdadeira do insigne Pintor, e leal,
Esposo Vieira Lusitano, escrita por elle mes-
mo em Cantos Lyricos, com o seu retrato,
e o de sua Esposa, em 8.

Imitação de Christo, e da SS. Virgem, em 12.
2 Vol.

Instrucção sobre a Logica, ou Dialogos sobre a
Filosofia Racional por Manoel Alvares de Quei-
ros, em 8.

Livro dos Meninos, em 8.

Miscellanea Curiosa, e Proveitosa, em 8. . . .
Tomos.

Methodo pratico para fallar com Deos, em 8.

Methodo para venerar o Sagrado Coração de
Maria Santissima, em 8.

Memorial de Ritos por Luiz Miguel Coelho de
Albernás, em 8.

Naufragio de Sepulveda, Poema de Gerony-
mo Corte Real, em 8. 1783.

Noticia da Mythologia, em 8.

Obras Poeticas de Quita, em 8. 2 Vol.

Obras Poeticas de J. F. de Valadares Gamboa,
em 8.

Officio da Semana Santa, conforme o Missal,
e Breviarios Romanos. Nova edição correcta,
emendada, e augmentada com prefações, e
Meditações no principio de cada Officio, e
com Orações para a confissão, e Commu-
nhaõ, &c.; e adornada com bellissimas es-
tampas, em 12. Lisb. 1783.

Origem, e Orthografia da Lingua Portugueza
por Duarte Nunes de Leão. Obra util, e ne-
cessaria, assim para bem escrever a lingua
Portugueza, como a Latina, e quaesquer
outras que da Latina tem origem; com hum
Tratado dos Pontos das Clausulas. Segunda
edição correcta, e emendada, em 8. Lisb.
1784. Obras

Obras de Francisco de Sá de Miranda. Nova
Edição correcta, emendada, e aumentada
com a sua Vida, e Comedias, em 8. 2 Vol.
Lisb. 1784.

Panegyricos, e Discursos Evangelicos, em 12.
. . . Tomos.

Perfeito Pedagogo, em 12.

Peregrinação de hum Christão, em 8.

Reflexões sobre a Vaidade dos Homens. em 8,
Secretario Portuguez. Quarta Edição augmen-
tada, em 8.

Tratado das Obrigações da Vida Christã pe-
lo Padre de Thracy, em 8. 2 Vol.

Tratado das Aguas das Caldas da Rainha,
em 8.

Theſouro de Pregadores, dividido em varios
Sermões univeſaes, onde se tiraõ Sermões
particulares, em 8. Tom. II. Ibid. 1779.

Vida de D. Bartholomeu dos Martyres por F. Luiz
de Sousa, em 8. 2 Vol. Lisb 1760.

Vida de Jesu Christo em a Eucharistia, e Vida
dos Christãos que se alimentaõ desse Divino
Sacramento, ou as bondades, e Misericor-
dias de Jesu Christo em a Eucharistia; e as
obrigações dos Fieis, que querem participar
com fructo desse Divino Sacramento: com
hum Extracto de huma Carta sobre a Vida,
e Paixaõ de Jesu Christo, em fórma de Me-
ditações para todos os dias da Semana. Escri-
ta em Francez pelo Presbytero Girard de Vil-
lethierry, e traduzida em Portuguez, em 8.
Lisb. 1783.

Erratas — Emendas
paginas — linha —
96 — 24 — epa que perjuram — Ep'a perjuram
213 — 15 humilant. vos — humilant.
LXXII — 11 Francisco — Francisco
te ap' vos

